

Carolina Parreiras Silva

**“Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir
de uma comunidade on-line”**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Antropologia Social do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia Social sob orientação da Profa.
Dra. Maria Filomena Gregori

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
17/12/2008.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria Filomena Gregori (Orientadora)

Prof. Dr. Júlio Assis Simões

Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Suplentes:

Profa. Dra. Larissa Pelúcio

Profa. Dra. Heloísa Buarque de Almeida

**Campinas
Dezembro de 2008**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

P248s **Parreiras, Carolina**
Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a
partir de uma comunidade on-line / Carolina Parreiras.
- - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

Orientador: Maria Filomena Gregori.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Ciberespaço. 2. Homossexualismo. 3. Gênero. 4. Corpo.
I. Gregori, Maria Filomena. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(cn/ifch)

Título em inglês: Sexualities on dotcom: spaces and homosexualities from an on-line community

Palavras chaves em inglês (keywords) :

Cyberspace
Homosexuality
Gender
Body

Área de Concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora: Maria Filomena Gregori, Julio Assis Simões, Adriana
Gracia Piscitelli, Guita Grin Debert

Data da defesa: 17-12-2008

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

Carolina Parreiras Silva

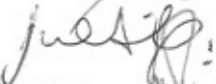
**“Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir
de uma comunidade on-line”**

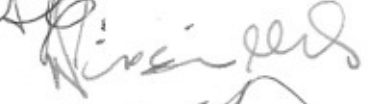
Dissertação apresentada ao Departamento de
Antropologia Social do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia Social sob orientação da Profa.
Dra. Maria Filomena Gregori

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 17/12/
2008.

Comissão Julgadora:


Profa. Dra. Maria Filomena Gregori (Orientadora)


Prof. Dr. Júlio Assis Simões


Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli


Profa. Dra. Guita Grin Debert

Suplentes:

Profa. Dra. Larissa Pelúcio

Profa. Dra. Heloísa Buarque de Almeida

Campinas
Dezembro de 2008

Carolina Parreiras Silva

**“Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir
de uma comunidade on-line”**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Antropologia Social do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia Social sob orientação da Profa.
Dra. Maria Filomena Gregori

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 17/12/
2008.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria Filomena Gregori (Orientadora)

Prof. Dr. Júlio Assis Simões

Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Suplentes:

Profa. Dra. Larissa Pelúcio

Profa. Dra. Heloísa Buarque de Almeida

**Campinas
Dezembro de 2008**

*Para meu avô Vicente (in memorian), por ter me ensinado a ser curiosa.
Para o Nathan, com a esperança de que ele viva em um mundo mais tolerante e com mais
respeito.*

Agradecimentos

Nenhum trabalho é fruto apenas de um esforço pessoal. Sem dúvida alguma, uma série de pessoas, que estão ou estiveram em minha vida, foram importantes para os resultados aqui apresentados. E é a elas que gostaria de agradecer enormemente. Mesmo sabendo dos riscos de esquecer (não intencionalmente) de alguém, gostaria de nomeá-las.

Em primeiro lugar, as reflexões propostas não seriam possíveis sem a orientação cuidadosa e generosa da Prof. Dra. Maria Filomena Gregori. Meu muito obrigada por acreditar que esta pesquisa podia acontecer e pela compreensão nos vários momentos (alguns um tanto difíceis) que compuseram este mestrado.

Também merecem agradecimentos os membros da banca avaliadora, professores que vêm acompanhando meu trabalho há algum tempo e o leram com extremados cuidado e atenção: Prof. Dr. Júlio Assis Simões, Prof. Dra. Adriana Gracia Piscitelli e Prof. Dra. Guita Grin Debert. A Guita um agradecimento muito especial, já que ela foi a responsável por despertar em mim a paixão pela Antropologia.

Agradeço à professora Rita Morelli pela oportunidade de auxiliá-la na disciplina Pesquisa Antropológica, como parte do programa de estágio docente (PED). Sem dúvida, foi um enorme aprendizado disso que é “ser professor”.

A pesquisa não teria sido possível sem o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) pelo apoio logístico sempre presente. Igualmente importante foi o pessoal do Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero, especialmente Jadison e Giovana.

Outras pessoas atuaram nos bastidores, em um nível mais pessoal, e entre elas está minha família. Agradeço, não apenas pelo apoio estrutural, mas também pelo amor e pelo carinho aos meus pais – Sara e Hernane -; às minhas irmãs – Flávia e Marina; e a Tia Lourdes, madrinha e incentivadora. Ainda no âmbito familiar, outras pessoas foram fundamentais: vó Maura, vó Ziquinha, Tio Carlos, Tio Donizeti, Tia Lia, Tia Sarai, Tia Ná e Tia Ninfa; Pedro, Bruna, Sofia e Lívia.

Minha turma de mestrado é também especial. Foram muitas as discussões teóricas e metodológicas, mas, importantes de igual modo, os muitos momentos socializantes. Dentre os colegas gostaria de prestar especial agradecimento a Iracema Dulley, Marcelo Mello, Cauê Kruger e Paulo Muller.

Morar junto é uma arte, assim como aprender a conviver comunitariamente. Por isso não poderia deixar de citar também as co-habitantes de todos esses anos: Désirée, Carla, Larissa, Karen, Juliana e Laura. Aline merece um agradecimento especial por simplesmente ser a amiga mais sincera, honesta e justa que alguém pode ter.

Amigos são vários e cada um teve um papel importante ao longo desse processo. Não poderia deixar de citar alguns deles: Rachel, Marino, Carol Cavazza, Dalton, Natalie, Bárbara, Talita, Nathália, Maíra, Olívia, Fernanda Fervai, Gláucia, Tiago, Adriana, Vanessa, Taynara, Sarah e Isaías.

A Fernanda Leão, leitora desde os rudimentos dessa pesquisa, o meu agradecimento pelas frutíferas e instigantes discussões e comentários.

A Luciana Bueno, pela “assessoria técnica” na formatação e revisão desta dissertação.

A pesquisa não teria sido possível sem a participação de vários membros da Eper. Infelizmente, não posso aqui nominá-los, mas utilizo então seus nicknames: Xande, Danny Zukko, Astor, Mariano, Together, Karl, Small, Mar, Mister, Gatinho, Dedé e Mouse. Ao Moisés pela confiança e por me abrir as portas para a entrada na Eper. Não poderia deixar de mencionar também Garçon e Gustavo, informantes, colaboradores e amigos sem os quais a pesquisa não teria acontecido. Aos outros membros da Eper também agradeço. Por mais que nossas diferenças existam, acho que o respeito prevaleceu.

Finalizo demonstrando minha gratidão a duas pessoas que extrapolam o conceito de especial: Gabriela Mathias e Camilo Braz. Sem o apoio e a confiança de vocês, eu não teria conseguido. Obrigada por serem leitores e revisores, mas ainda mais pelo colo, pelo ombro, pela paciência e pelo carinho. Ao Camilo, um agradecimento por ser meu “assessor na criação de títulos” e pelos comentários e críticas perspicazes. A Gabriela, agradeço pelo cotidiano, pelo convívio, pelas partilhas e por acreditar serem possíveis as minhas idéias e propostas malucas.

Resumo

Esta dissertação tem como tema central as relações interpessoais estabelecidas em uma comunidade on-line (ou virtual) de um programa de relacionamentos (Orkut – www.orkut.com) composta por homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens. A partir deste estudo de caso e do material etnográfico resultante da observação, de conversas via comunicador instantâneo (messenger), dos encontros off-line (orkontros) e das discussões empreendidas no fórum da comunidade, a proposta central é discorrer a respeito de como os corpos e sexualidades são construídos no on-line. Neste sentido, pretendo focalizar questões como a montagem dos avatares (ou corpos virtualizados), a maneira como categorias e rótulos (homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade) apareceram nas discussões empreendidas entre os membros do grupo estudado, a utilização do virtual como meio de "sair do armário", os discursos sobre sexo e fetiches presentes no fórum de discussão e as imagens de gays apregoadas, em especial no que tange à masculinidade/feminilidade e às posições adotadas no intercurso sexual. Os pontos apontados acima ajudam a explicar de que modo as sexualidades são percebidas e vivenciadas neste "pontocom" (.com) – tomado como índice do virtual - , além de permitir pensar a articulação entre os estudos sobre sexualidades e aqueles sobre questões espaciais, especialmente os que tratam do ciberespaço.

Abstract

This essay has as central theme was the interpersonal relations established within an online (or virtual) community inside a relationship website (Orkut – www.orkut.com) and composed by men who have affective and sexual relationships with other man. From both this case study and the ethnographic material resulting from the observation, conversations via instant message programme (messenger), *offline* gatherings (orkontos) and the discussions carried within the community forum, the central proposal is talking about how bodies and sexualities are built up in an online environment. That way, I mean to focus on questions such as the construction of the avatars (or virtual bodies), the manner in which categories and labels (homosexuality, heterosexuality, bisexuality) come up in the discussions among the studied group members, the usage of the virtual space to “come out of the closet”, the discourses about sex and fetishes that take place within the discussion forum and the proclaimed gay images, specially when it comes to the masculinity/femininity and the roles performed during the sexual intercourse. The aspects thereafter mentioned help explaining the way in which sexualities are perceived and lived in this “dotcom” (.com) universe – taken as a virtual sex index -, and it also allows thinking about the interchange between the studies on sexualities and those on spatial issues, specially the ones concerning cyber space.

Sumário

AGRADECIMENTOS	VII
RESUMO	IX
ABSTRACT	XI
INTRODUÇÃO	1
A PESQUISA	3
O ORKUT.COM	6
A EPER	12
CAPÍTULO 1 - UM BREVE HISTÓRICO CRÍTICO: A ETNOGRAFIA ENCONTRA O CIBERESPAÇO .	22
POR UMA ETNOGRAFIA DO CIBERESPAÇO	29
CAPÍTULO 2 - “EU, TU, ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES, ELAS”	40
CAPÍTULO 3 - O VIRTUAL FRAGMENTADO: DESCREVENDO UM CONTEXTO	63
UNS PERGUNTAM, OUTROS RESPONDEM: A EPER E OS EPERIANOS	74
COMUNIDADES ON-LINE COMO VIRTUALIZAÇÃO DO GUETO?	86
“MEIO GAY” ON-LINE?	90
CAPÍTULO 4 - ON-LINE E OFF-LINE SE ENTRELAÇAM: NOTAS SOBRE AUTENTICIDADE, ENCONTROS E IDENTIDADES	94
FAKES, MASKS E OFICIAIS	95
OS ORKONTROS	118
CAPÍTULO 5 - SEXUALIDADES NO PONTOCOM: CORPOS, (HOMO) SEXUALIDADES E CONVENÇÕES	131
AVATARES: OS CORPOS VIRTUAIS	131
GÊNERO E SEXUALIDADE ON-LINE	153
ENTRE FANTASIAS E FETICHES	169
FORA DO ARMÁRIO. DENTRO DA TELA	170
CONFISSÕES: FANTASIAS, FETICHES, DESEJOS	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
ANEXO 1	187
ANEXO 2	190
GLOSSÁRIO	190
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	192

*Take this kiss upon the brow!
And, in parting from you now,
Thus much let me avow-
You are not wrong, who deem
That my days have been a dream;
Yet if hope has flown away
In a night, or in a day,
In a vision, or in none,
Is it therefore the less gone?
All that we see or seem
Is but a dream within a dream.*

*I stand amid the roar
Of a surf-tormented shore,
And I hold within my hand
Grains of the golden sand-
How few! yet how they creep
Through my fingers to the deep,
While I weep- while I weep!
O God! can I not grasp
Them with a tighter clasp?
O God! can I not save
One from the pitiless wave?
Is all that we see or seem
But a dream within a dream?*

(Edgar Allan Poe, "A dream within a dream")

Introdução

A década de 90 do século XX assistiu ao advento de uma nova forma de tecnologia baseada na interligação global de computadores que passou a ser conhecida como internet, realidade virtual ou ciberespaço. Apesar do uso destas três denominações, vale ressaltar que existem consideráveis diferenças entre elas. Para os fins almejados neste trabalho, a diferenciação não se coloca como ponto chave, seja enquanto categoria do pesquisador ou como categoria “nativa”. De todo modo, o desenvolvimento desta nova tecnologia trouxe uma série de questões para os estudos antropológicos, fazendo com que a própria metodologia de trabalho precisasse, de algum modo, adequar-se às novas demandas, em especial, ao fato de não se tratar mais de uma realidade material, física e baseada em contatos face a face (considerados durante muito tempo o índice de legitimidades das incursões etnográficas). Além disso, outras questões para estudo emergiram, tais como, a separação (ou não) entre off-line e on-line, a busca de entendimento das identidades virtuais, a construção e reconstrução de corpos no virtual, as diferentes representações da subjetividade, o estabelecimento de relações de sociabilidade.

No Brasil, houve, nos últimos anos, um aumento considerável dos trabalhos dedicados ao estudo do ciberespaço, com foco em diferentes lugares e abordando diversas temáticas. Para citar apenas alguns, vale ressaltar o trabalho de Daniela Araújo (2004) sobre os diários virtuais (blogs) de meninas anoréxicas e bulímicas e o de Carolina Roxo Barreira (2004) a respeito da construção do corpo entre deficientes físicos participantes de salas de bate-papo (chats).

Em termos gerais, interessa aqui, seguindo as valiosas considerações de Guimarães Jr. (2000), tomar o ciberespaço como espaço simbólico¹ de comunicação, interação e sociabilidade. Deste modo, este espaço só ganha significação a partir das práticas e vivências dos usuários, os quais estão durante todo o tempo desenvolvendo entre si (e com o próprio aparato tecnológico) diferentes tipos de relações, algumas delas circunscritas apenas ao virtual e outras que extrapolam os contatos mediados por computador.

Por outro lado, nos últimos anos os estudos de gênero e sexualidade começaram a focar uma gama cada vez mais abrangente de temas, além de trabalhar com perspectivas que levam em consideração a interface com outros campos de estudo em antropologia. Passaram também a considerar a intersecção entre os vários marcadores de diferença (Brah, 2006), tais como, raça, classe social e idade. Entre os estudos que propõem a interface, vale salientar o de Perlongher (1987), no qual há a tentativa de entender o que ele chama de *negócio do michê* a partir da circulação e deriva - espacial e simbólica – dos michês na área central da cidade de São Paulo. De certa maneira, a obra de Perlongher é um dos referenciais centrais para as reflexões aqui propostas, tanto por sua condição de pioneirismo, como por alguns dos conceitos empregados, os quais podem ser trasladados para o estudo do ciberespaço e das derivas ali encontradas.

Assim, o que esta dissertação propõe é pensar a respeito de algumas das interações desenvolvidas a partir do e no ciberespaço tomando como ponto de partida

¹ Guimarães Jr. (1999) estabelece a diferenciação entre duas possibilidades de abordagem do ciberespaço: a extrínseca, na qual o ciberespaço é tomado como objeto em si e a perspectiva intrínseca, em que importam “no interior do ciberespaço as localidades específicas, onde vigorem culturas localmente determinadas e negociadas” (p. 5). Em outras palavras, este segundo tipo de abordagem está interessado nas relações estabelecidas entre os vários sujeitos que se movimentam e estabelecem relações no ciberespaço.

os relacionamentos estabelecidos entre homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens e participam de uma comunidade de um programa de relacionamentos: o Orkut (www.orkut.com). Deste modo, a intenção é compreender de que maneira as homossexualidades são construídas e expressas no virtual, bem como quais são as convenções e categorias classificatórias empregadas, buscando perceber se há uma reiteração/reprodução ou subversão/rompimento com o *off-line*. Entram também neste quadro a questão das identidades *on-line* e as maneiras como se dá a virtualização dos corpos e objetos.

A Pesquisa

Iniciei esta pesquisa com intenções mais amplas: fazer uma etnografia de locais GLS na internet, tais como, blogs (diários virtuais), flogs (fotologs – diários de fotos), homepages e programas de relacionamento. Até aquele momento, a hipótese principal era a de que haveria algum tipo de articulação entre os agrupamentos criados no espaço virtual e aqueles situados em um outro espaço, baseado na materialidade física e chamado tanto de real quanto presencial ou *off-line*. O que me chamou a atenção primeiramente foi a possibilidade de existir uma “contaminação” ou mútua imbricação entre virtual e real/ presencial.

Mas, o intento inicial logo se mostrou inviável devido à infinidade de sites relacionados em tal classificação. Ao colocar, por exemplo, a palavra GLS em uma ferramenta de busca (www.google.com.br) apareceram cerca de 11 milhões e 200 mil entradas. Devido à enorme quantidade de entradas para a palavra, descartei qualquer seleção através de ferramentas de busca. No início desta investigação havia deixado

claro meu interesse por um programa de relacionamentos (chamado por alguns especialistas em internet de *programas de redes sociais*²) que vinha sendo bastante utilizado pelos internautas brasileiros: o Orkut (www.orkut.com). É importante, entretanto, ressaltar que o próprio Orkut e as conversas com seus usuários acabaram me conduzindo a outros sites e locais³ intitulados GLS, entre os quais eu destacaria o site Mix Brasil (www.mixbrasil.com.br) – utilizado como fonte de informações, notícias e eventos - e os sites de encontros Disponível.com (www.disponivel.com) e Man Hunt (www.manhunt.net).

Devido ao surgimento de situações inesperadas – e aqui cabe bem o apontamento de Malinowski (1990) a respeito dos imponderáveis que surgem durante a pesquisa de campo - optei por concentrar a observação em algumas comunidades “Gays, Lésbicas e Bi” do Orkut e, posteriormente, em apenas uma destas comunidades: a Eper.

Antes de caracterizar o Orkut e seu funcionamento, considero pertinente uma pequena reflexão acerca das nomenclaturas utilizadas para identificar as práticas e comportamentos homoeróticos, em especial, a sigla GLS. De acordo com Trevisan (2000), o termo GLS, introduzido na década de 90 com o objetivo de abarcar gays, lésbicas e simpatizantes, é o correspondente nacional do *gay friendly* e representa uma

² Existe uma série de outros programas que podem ser assim caracterizados como criadores e reprodutores de redes sociais na internet. Cito alguns dos mais famosos: *MySpace* (www.myspace.com); *Facebook* (www.facebook.com); *Hi5* (www.hi5.com). De acordo com especialistas (tecnólogos) em internet, o *Facebook*, por exemplo, representa a segunda geração de redes sociais. O seu diferencial em relação ao *Orkut* é que ele configura um espaço mais aberto (denominado sistema orgânico) e dinâmico - é como se o usuário sentisse o crescimento da comunidade pois todas as suas atividades são marcadas e acessíveis a todos os outros participantes. Parece que o programa cresce através dos próprios usuários. O Orkut, ao contrário, é mais estático e tem crescimento limitado e padronizado.

³ Além destes sites citados, apareceram alguns outros os quais continham primordialmente conteúdos considerados pornográficos, compostos por fotografias e vídeos. Entre os chamados sites pornográficos, destacaram-se aqueles com conteúdo gratuito (por exemplo, o Men4Men- <http://men4men.us.tt/>) e acessível a qualquer internauta. Alguns sites pagos também foram indicados e consegui acesso a eles através de uma comunidade do Orkut criada com o objetivo de trocar senhas de sites gays.

boa saída para as almeçadas inclusão e pluralidade. O acréscimo do “S”, de simpatizantes, promoveu a flexibilização das fronteiras do gueto homossexual, sendo que qualquer um poderia freqüentá-lo sem a necessidade de *apresentar carteirinha comportamental determinada* (Trevisan, 2000, p. 376)

Facchini (2005), em sua etnografia sobre o grupo CORSA, busca pensar a articulação entre movimento homossexual e a questão das identidades coletivas. Ao refletir sobre o que ela chama de “campo”, “arena” e “conexões ativas” do MHB (Movimento Homossexual Brasileiro), traça um histórico do termo GLS. Toma como base as formulações de Trevisan, apresentando uma postura crítica em relação a elas: por detrás do aparente sentido agregador da sigla, haveria a criação de uma nova lógica classificatória dos indivíduos. Isto porque o GLS não é sinônimo de “todos”, deixando de fora aqueles que se enquadram na caracterização “não-simpatizante”.

A autora ainda aponta que a origem do termo pode ser associada à primeira metade da década de 90 e ao jornalista André Fischer, criador do Mercado Mundo Mix e do site Mix Brasil (www.mixbrasil.com.br). A partir da alcunha GLS, em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, passam a ser articuladas novas identidades e estilos de vida, com a mistura de classes sociais, idades e orientações sexuais. Além disso, diferentes segmentos sociais – especialmente as agências estatais e o mercado - passaram a se apropriar desta sigla em busca de um público mais amplo tanto para políticas de saúde preventiva quanto para interesses mercadológicos. Desse modo, GLS seria uma alternativa aos modelos segregacionistas.

Facchini argumenta, no entanto, que siglas como GLS ou HSH⁴ representam uma *re-significação e adaptação ao contexto local de um sistema classificatório segregacionista* (2005, p. 179) e uma ênfase nas identidades sexuais, tomadas como ponto central das auto-identidades e baseadas na orientação hetero ou homossexual do desejo.

Assim, passa a existir uma demanda por novas categorias e estilos de vida que abarquem a diversidade de vivências das homossexualidades. Por este motivo se faz necessário pensar a respeito das nomenclaturas, sendo que, no caso aqui estudado, talvez seja mais interessante partir da categoria *ênica* e falar em comunidades e manifestações “gays, lésbicas e bi”. Atento, entretanto, para o fato de que tal como GLS, “gays, lésbicas e bi” se inclui no modelo segregacionista, visto que abarca alguns tantos indivíduos e práticas (gays, lésbicas e bissexuais), mas deixam de fora tantos outros.

O Orkut.com

Entrei no Orkut praticamente quando ele foi inventado, através do convite de um amigo norte-americano. Quando entrei no Orkut, quase não havia brasileiros nele, todas as comunidades eram em inglês. O Brasil entrou no Orkut a partir de Porto Alegre, e foi subindo. Lembro que, quando entrei [acho que foi em abril de 2004, ou um pouco antes], havia alguns pouco gaúchos na rede. Então, foram aparecendo os paulistas, os cariocas, e o Nordeste do país demorou bastante pra entrar. (Xande, via e-mail em 21 de maio de 2007)

⁴ Homens que fazem sexo com homens. Esta nomenclatura é mais utilizada por órgãos estatais nas políticas de prevenção do HIV/AIDS).

O Orkut⁵ é um programa criado há cerca de quatro anos e que se tornou uma verdadeira mania entre os internautas brasileiros. De acordo com os dados estatísticos⁶ do próprio programa, cerca de 55,2% dos usuários são brasileiros. Sua proposta é simples: através de um cadastro e posterior abertura de uma conta de usuário, o internauta pode montar um perfil (*profile*), encontrar velhos amigos ou fazer novos e criar ou participar dos mais diversos tipos de comunidades. Por fazer parte do Orkut desde seus primeiros momentos, pude acompanhar as modificações realizadas e também o “boom” de usuários ocorrido em 2005. Quando entrei, em 2004, a associação só podia acontecer através de um convite de algum usuário. Em 2006, quando o programa foi incorporado pelo grupo Google⁷, a associação passou a ser feita livremente, sem a necessidade do convite e foi criada uma versão do programa em português. Isto facilitou a criação de mais de um perfil por usuário e aumentou a quantidade de perfis considerados *fake*, os quais serão abordados no capítulo 4 por sua

⁵ Durante a realização da pesquisa, o *Orkut* contava com cerca de 53 milhões de cadastros ou perfis (perfis). Segundo dados do instituto de pesquisas *Ipsos Insight* (<http://arstechnica.com/news.ars/post/20070709-report-south-korea-tops-in-social-network-us-fifth.html>) o Brasil é o segundo país em número de internautas (40% deles) que participam de algum tipo de rede social. Um fenômeno que passou a ocorrer com grande frequência foi a criação de mais de um *profile* por uma mesma pessoa, muitas vezes assumindo identidades e personalidades completamente diferentes em cada um. Eu mesma recorri à possibilidade de me duplicar e criei um perfil exclusivo para a pesquisa. Construí este perfil com poucas informações, privilegiando a colocação daquilo que me identificasse enquanto pesquisadora (descrição sucinta da pesquisa, formação acadêmica, vínculo institucional, link para o Lattes). Deixei à disposição também o endereço do meu perfil geral, após alguns me pedirem o endereço.

⁶ Estes dados estão disponíveis em <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>. Além do Brasil, possuem um número considerável de usuários a Índia, os Estados Unidos e o Paquistão. De acordo com as mesmas estatísticas, cerca de 62% dos usuários têm entre 18 e 25 anos e a maioria está interessada em fazer amigos (65%) e encontrar um relacionamento afetivo (21%).

⁷ O Google é uma empresa dona da atual maior ferramenta de buscas da internet, o Google Search (www.google.com). Criada em 1996, nos últimos anos a empresa passou a oferecer alguns outros serviços: um localizador por satélite (Google Earth – www.googleearth.com); um agregador de vídeos (YouTube – www.youtube.com); um comunicador instantâneo (Google Talk – www.googletalk.com) e um programa de relacionamentos (Orkut – www.orkut.com). Além disso, as possibilidades de busca de sites e informações foram incrementadas, sendo que o usuário pode escolher entre uma pesquisa geral ou algo mais refinado (imagens, notícias, artigos acadêmicos).

função central para o entendimento da organização da comunidade em que se concentrou a observação e participação.

As comunidades obedecem a uma classificação, criada pelo próprio programa: “Atividades; Alunos e Escolas; Artes e Entretenimento; Automotivo; Negócios; Cidades e Bairros; Empresa; Computadores e Internet; Países e Regiões; Culturas e Comunidade; Família e Lar; Moda e Beleza; Culinária, Bebidas e Vinhos; Jogos; Gays, Lésbicas e Bi; Governo e Política; Saúde, Bem-estar e Fitness; Hobbies e Trabalhos Manuais; Pessoas; Música; Animais: de estimação ou não; Esportes e Lazer; Religiões e Crenças; Romances e Relacionamentos; Escolas e Cursos; Histórias e Ciências; Viagens; Outros.”

Ao criar uma comunidade, o usuário pode escolher uma das categorias para agrupá-la e facilitar sua localização através da ferramenta de busca (usada para localizar comunidades, usuários e entradas em que a palavra ou palavras buscadas aparecem). Além disso, estas comunidades podem ser abertas (a entrada não depende de aprovação do dono) ou restritas (entrada mediante aprovação), bem como o dono pode ainda escolher se as postagens no fórum serão identificadas ou anônimas. Uma pessoa se torna dona de comunidade por algumas vias: criando a comunidade, herdando de um dono anterior ou, em alguns casos, roubando (e isto é feito através de links falsos enviados ao dono original da comunidade). Além do dono, há a possibilidade de serem escolhidos até dez moderadores, os quais dividem com ele a função de gerenciar a comunidade: podem apagar tópicos, aprovar ou excluir membros. A escolha destes moderadores pode partir tanto do dono quanto dos membros da comunidade.

Em relação ao *profile*, há grande liberdade para seu preenchimento. Ele é composto por três partes: geral, profissional e pessoal. Nele a pessoa pode se descrever em diversas categorias, desde “quem sou eu”, idade, sexo, orientação sexual, relacionamentos, aniversário, paixões, filmes/comidas/músicas/esportes preferidos, formação profissional, interesses em estar no Orkut, tipo de parceiro ideal, primeiro encontro ideal, entre outras. Também pode anexar uma foto de apresentação e mais doze outras que compõem o seu álbum de fotografias⁸. As fotos possuem uma importância central na montagem do perfil, visto que elas representam a imagem que o usuário deseja passar, são o seu avatar dentro do programa. Atualmente, o programa dá a possibilidade para o usuário restringir o acesso às suas fotos, sendo que elas ficam disponíveis apenas para aqueles adicionados como amigos.

Em teoria, fotos com material considerado de conteúdo sexual explícito (tais como nudez) e com imagens protegidas por direitos autorais não são permitidas, mas devido ao crescimento exponencial do número de perfis o controle da utilização destas imagens não é rigoroso. De qualquer modo, os usuários podem denunciar possíveis violações do código de conduta à administração do programa. Os perfis e comunidades denunciadas normalmente são excluídos.

Em linhas gerais, os grandes atrativos do programa são adicionar amigos e conhecidos, mantendo com eles uma comunicação (estes amigos podem ser classificados de acordo com sua proximidade) e fazer parte de comunidades com as mais variadas temáticas. Uma vez dentro de uma comunidade qualquer usuário pode

⁸ Como parte de um processo de reestruturação e modernização, o Orkut, desde setembro de 2007, passou a permitir a anexação de um número ilimitado de fotos. Além de representarem o avatar de casa usuário, as fotografias são recorrentemente acessadas como meio de provar a autenticidade ou não de um perfil ou de uma pessoa no espaço virtual.

criar ou participar de tópicos de discussão e também criar ou opinar em enquetes. A comunicação com os amigos pode ser feita por meio de recados – os *scraps* – ou através de depoimentos, ferramenta que teve seu uso modificado e passou a permitir conversas em particular, sem que os outros usuários pudessem visualizar seu conteúdo.

Desde o final de 2007, em meio à proliferação de programas similares, o Orkut começou a ser reestruturado a fim de ganhar maior dinamismo e mais interatividade. Além de uma mudança do *layout* (apresentação da página), a plataforma⁹ foi aberta, possibilitando aos usuários criarem aplicativos para o programa: passou a existir a possibilidade de adicionar vídeos (hospedados pelo site YouTube – www.youtube.com – também de propriedade do Google); bloquear o acesso às fotos e aos recados (só amigos podem visualizá-los); enviar recados multimídia, com imagens e animações; receber um aviso das pessoas que visitaram seu perfil e mostrar as atualizações feitas no perfil para todos os amigos adicionados.

Algumas razões podem ser apontadas para a escolha do Orkut em meio às diversas possibilidades encontradas no ciberespaço. O primeiro ponto é a grande quantidade de usuários brasileiros no programa. Outro fator decisivo na escolha foi o diferencial representado por um programa de relacionamentos em meio a uma profusão de possibilidades oferecidas na internet. De funcionamento simples e com o objetivo de estreitar ou mesmo de criar laços de sociabilidade entre os usuários, o Orkut se tornou uma espécie de vitrine para cada membro: foi uma consagração da faceta “voyeurística”

⁹ Como bem observa Guimarães Jr. (2004), uma plataforma de sociabilidade é composta por diferentes tecnologias (softwares, aplicativos) mobilizadas para permitir a comunicação entre os usuários de um programa. A partir das plataformas podem ser gestados os “ambientes de sociabilidade”, ou seja, os espaços simbólicos que os grupos sociais *on-line* criam para sua interação. No caso do Orkut este ambiente, até pouco tempo, era restrito e pouco manipulável, já que a plataforma não estava aberta para os usuários.

envolvida no *on-line*, a partir deste ver e ser visto através das fotografias, dos diálogos (seja nas comunidades ou no *scrapbook*), das descrições, das comunidades listadas e mesmo dos depoimentos deixados por amigos ou para amigos. A descrição no item “quem sou eu” do perfil de um dos meus principais informantes é bastante reveladora:

*****NÃO ESTOU HESITANDO EM RECUSAR CONVITES SEM UM SCRAP ANTES OU COM FOTOS INADEQUADAS.*****

**Galera... meu profile é simplezinho... assim como eu.*

Bem... tenho 21 anos, e estou só vivendo e aprendendo.

Tenho uma visão crítica e ferramentas para poder expressá-las. Acho muito gostoso ter um espaço como o orkut, para poder ler, analisar e discutir assuntos diversos.

Não procuro sexo nem encontros, independente do intuito. Esse meu perfil é só por força de entretenimento mesmo.

****Pode fuxicar à vontade.*

O que vc¹⁰ procura eu recebi por depoimento.

Por esta descrição ficam claras algumas das intenções do usuário no programa, tais como: quem são as pessoas passíveis de serem adicionadas, como ele se vê, sua idade, seus objetivos dentro do programa (o que ele procura e também o que não procura). Chama atenção a utilização do Orkut para descobrir detalhes da vida de outras pessoas (exatamente uma das partes do que eu chamei acima de faceta voyeurística) quando ele autoriza os possíveis curiosos e olheiros a “fuxicar à vontade”

¹⁰ Como pode ser visto nesta citação e em muitas outras que aparecerão no decorrer do texto, o Orkut, o messenger e outros programas da internet utilizam uma linguagem bem peculiar. Muitas das palavras apresentam abreviadas ou com a grafia modificada (você= vc; porque=pq; aqui=aki; mesmo=msm; hoje=hj). Além disso, surgiram vocabulários usados por alguns grupos. Exemplos são o miguxês e o tiopês. Ambos serão mostrados no decorrer do texto.

e mostra não estar disposto a revelar certos dados na parte visível a todos os usuários (e estas partes, aparentemente as mais interessantes, estariam disponíveis apenas a algumas pessoas).

Outro fator foi importante para a escolha do Orkut: a possibilidade de criação de diversos tipos de comunidades. Estas comunidades são, além de um local para discussão, trocas de idéias e informações e entretenimento, espaços privilegiados para conhecer novas pessoas e aumentar as redes de sociabilidade de cada usuário. E foi a partir de uma destas comunidades que toda a observação e participação se deram, momento de pesquisa que passo a descrever e analisar.

A Eper

Escolhi mais uma comunidade que me chamou a atenção e que estava linkada entre as comunidades relacionadas da comunidade “Homens que amam homens”: “EPER”. Existem outras comunidades desse tipo, mas esta é com temática GLS. De acordo com a descrição apresentada, essa comunidade é bem regrada, sendo que o moderador tenta estabelecer uma certa ordem e coerência no que ocorre ali dentro, desde quem participa até o que é postado. A comunidade foi criada em 13/09/04 e no momento do primeiro acesso (26/03/2007) contava com 3110 membros. É moderada. O dono se apresenta como Moisés e possui como moderadores Garçon, Brother e Astor. Entrei em contato, via scrap, com todos eles. (trecho extraído de meu diário de campo, março de 2007)

Ao recortar o Orkut como *locus* para a realização da pesquisa de campo, meu primeiro passo foi realizar um levantamento das comunidades agrupadas na categoria “Gays, Lésbicas e Bi”. Uma busca inicial apontou um número superior a mil grupos com esta temática. Um ponto que chamou minha atenção foi que, apesar da classificação comum, eles possuíam eixos de discussão e objetivos diversificados. Para facilitar

minha própria “navegação” entre esta infinidade de comunidades, optei por realizar uma classificação que pudesse organizá-las em temas semelhantes. Para classificar, utilizei suas descrições e também seus títulos. Criei, então, uma tipologia das comunidades – a qual cito e exemplifico a seguir:

1) comunidades contra a homofobia e o preconceito: “Eu apóio o casamento gay”; “Homofobia zero”; “Sou CONTRA o preconceito gay!”; “Socialismo e liberdade sexual”; “Amar, sem preconceitos”.

2) comunidades com cunho sexual mais nítido (muitas delas expressando fetiches e fantasias): “Barriga com entradinha”; “Põe no meu BUMBUM que eu gozo”; “Disponíveis no mercado 2”; “Adoro mala volumosa!”; “Sexo em banheiro ou vestiário”; “Pra dar, tem que ser macho!”; “Surubas, bukake e festas reais”; “Dou pra estranhos na rua”; “Garotos de programa”; “Sexo e punheta- gay”; “Sacanagem no exercito”; “Fisting- Brasil”; “Bofinha e ativa”; “Coroas gordos X garotos magros”.

3) comunidades de estabelecimentos, filmes ou livros com temática gay/lésbica: “Dicas de sites gay FREE”; “The L World - Brasil”; “B.I.T.C.H.”, “Galera da Tunnel”; “Vídeos Gays”; “Disponivel.com”. “Praia Farme de Amoedo”; “Autorama SP”; “The Week - Boate”.

4) comunidades com discussões mais gerais sobre as homossexualidades: “Homens que amam homens”; “Meninas & Meninas”; “Gay, sim...bicha, nunca”; “Gays mais gatos

do Orkut”; “Entendidos Brasil”; “Eles perguntam, eles respondem”; “Elas perguntam, elas respondem”.

5) comunidades de drag queens: “Eu amo Silvetty Montilla”, “Sou fã de Léo Áquilla”; “Thalia Bombinha”; “Talessa Top”; “Minha alma é drag queen”; “Somos drag queen sim, e daí?!”

6) comunidades para bissexuais: “Messenger bissexuais”; “Sou bissexual e pronto!”; “H casados bissexuais”; “**fakes bi**”.

7) comunidades de travestis: “Homens que gostam de travestis”; “Travestis do Orkut”; “Travesti dotada e bunduda”; “Contos eróticos de travestis”.

8) comunidades com slogan “eu tenho um amigo gay”: “Eu tenho amigos (as) gays, e daí?”; “Eu tenho amigas lésbicas”; “Quem não tem um amigo gay?”; “Eu adoro meus amigos gays!”.

9) comunidades em desacordo com o rótulo Gays, Lésbicas e Bi (e com expressão de preconceitos): “Timão Bi-campeão da Parada Gay”; “Todo cúrinthiano é bambi”; “O Bob Esponja é gay??”; “Cu de Bambi não tem dono”.

Meu passo seguinte foi, dentro desta variedade de comunidades, escolher algumas que pudessem ser significativas para a observação. Acabei restringindo esta observação a cinco comunidades, sendo quatro delas com temática mais geral e uma

de cunho sexual mais nítido. Antes de prosseguir, gostaria apenas de explicar meus critérios de escolha. Ao selecionar as comunidades, busquei aquelas com maior quantidade de membros, as que apresentavam descrições mais detalhadas ou um fórum de discussões bem movimentado. Além disso, achei mais interessante centralizar a pesquisa em comunidades compostas somente por (ou prioritariamente por) homens, visto que eles representam a maior porcentagem de membros nas comunidades listadas como “Gays, Lésbicas e Bi”. Soma-se a isto o desafio de tentar, além de observar, participar - sendo mulher - de comunidades de homens, fator abordado no capítulo 2.

Apesar da escolha de cinco comunidades e de ter conseguido conversar com membros de todas elas, a maior parte da observação e dos contatos se restringiu a uma comunidade chamada *Eper*. Este grupo, composto apenas por homens, chamou minha atenção desde o início pela descrição e pelo teor das postagens no fórum: os mais diversos temas eram discutidos, contando com uma participação bem ativa de alguns membros. Como mostra o trecho de meu diário de campo transcrito no início desta parte do texto, cheguei à *Eper* através de outra comunidade. Naquele momento, a comunidade era assim descrita:

“Comunidade sobre os mistérios do universo masculino...”

TERCEIRA MAIOR SOBRE O TEMA

REGRAS:

- 1. ENTRADA MODERADA: fotos de nudez não serão aceitas;*
- 2. Ofensas não serão toleradas;*
- 3. Preconceito de qualquer natureza será considerada FALTA GRAVE, passível de expulsão;*
- 4. Pedofilia, racismo, homofobia e outros crimes serão denunciados ao SaferNet e os posts apagados;*

5. Verifique se o seu tópico já existe e capriche na Ortografia;
6. Os jogos passarão pelo crivo rigoroso da moderação: se reprovados, serão deletados;
7. Não faça da EPER seu blog ou agenda pessoal. Para isso, use "TÓPICO CHAT" e "EU CONFESSO". Tópicos fora do objetivo da comunidade serão apagados;
8. À procura de namorado?! Use o tópico "PROPAGANDA PESSOAL: SUA CARA METADE AQUI";
9. Festas, comunas e eventos?! Poste na sessão EVENTOS;
10. Faça daqui um ambiente agradável, expresse bem suas idéias, faça novos amigos e DIVIRTA-SE!"

Através desta descrição ficam nítidas as diretrizes esperadas para a comunidade, bem como o interesse da moderação em estabelecer regras claras de conduta: o que é permitido postar, quais as possíveis punições em casos de desrespeito às regras, controle dos jogos e a divulgação de alguns tópicos fixos, com assuntos específicos (considerados de foro íntimo). Durante todo o período da pesquisa – entre os meses de abril e setembro, especialmente – estas regras de conduta e convivência sempre foram uma preocupação da moderação. Foi criado, como parte de um “processo de reestruturação da comunidade”, um novo código de conduta e comportamento, no qual a *Eper* passaria a ser “auto-regulada”. Segue abaixo a versão reformulada:

DIRETRIZES:

1. *ENTRADA MODERADA*
2. *Comunidade AUTO-REGULADA: cada membro é responsável direto pelo conteúdo de suas postagens, sendo passível das mais diversas opiniões por quaisquer membros*
3. *Não serão permitidos comportamentos ou atos que ponham em risco a segurança da comunidade como um todo ou de qualquer de seus membros*

4. *Jogos serão submetidos à análise da moderação*
5. *Pedofilia, racismo, homofobia e atividades ilegais não serão permitidos, em acordo com o Estatuto do Orkut*
6. *Evite tópicos de auto-promoção e de propagandas diversas*
7. *Divulgar evento?! Utilize a sessão EVENTOS.*
8. *Não é permitido abrir tópicos nem enquetes que exponham ou ridicularizem perfis alheios*
9. *Situações não contempladas serão analisadas pela moderação*

Faz-se pertinente também uma análise das postagens encontradas no fórum. Devido à quantidade de tópicos armazenados no arquivo, optei por restringir a análise ao período em que estive na comunidade, o que não exclui a citação de tópicos anteriores à minha entrada, visto que muitas das situações encontradas no momento da pesquisa estavam centradas em acontecimentos passados da *Eper*. Uma visão geral sobre o fórum mostra uma variedade de assuntos discutidos e, ao mesmo tempo, uma recorrência de certas temáticas. Partindo desta recorrência, achei mais interessante para a análise dividir os tópicos a partir dos temas abordados. Em geral, os assuntos mais discutidos se referem a sexo, sexualidade, fantasias, fetiches e relacionamentos (abordados no capítulo 5). Outra temática constante são os perfis *fakes* e a postura a ser adotada em relação a eles (discutida no capítulo 4). A própria existência da comunidade, os fins a que se destina e qual seria sua composição ideal são motivo de discussão, bem como as decisões da moderação (enfocados no capítulo 3).

Durante a pesquisa de campo, com a autorização para participar da *Eper*, minha postura foi de interferir o mínimo possível nas discussões, mas optei, como prova do meu compromisso com eles, escrever algumas vezes no fórum. Na verdade, durante

todo o tempo, busquei alternar fases de participação, com outras de apenas observar o andamento da comunidade. Cabe aqui pensar a respeito dos limites de envolvimento que o pesquisador deve estabelecer em campo: a meu ver, eles são maleáveis e só o acúmulo de experiências pode dizer até onde a participação deve sobrepujar a observação. E quanto aos sentimentos, acredito ser impossível mantê-los afastados da pesquisa e do fazer etnográfico. Afinidades se constroem, preferências também, posicionamentos são tomados todo o tempo. Naquela comunidade, eu era um perfil e o único modo de me fazer presente efetivamente, de marcar um território simbólico foi dialogando com eles, seja na própria comunidade, através de recados (*scraps*), por depoimentos (*testimonials*), por e-mail ou pelo *messenger*.

Clifford (1997) traz uma importante reflexão sobre o posicionamento a ser adotado em campo. Ele indica alguns problemas sobre os quais a Antropologia sempre se viu às voltas, especialmente em relação ao que deve ser expresso ou não na etnografia e às fronteiras entre pesquisador e pesquisados. Como a disciplina necessita do trabalho de campo para se legitimar, causa furor entre os intelectuais a publicação de obras como o diário de Malinowski. Isto porque é complicado pensar na possibilidade, e na maneira como será feita, de expressão de sentimentos na etnografia. É fato que eles existem e dificilmente ficarão fora do texto. Assim como o estabelecimento de certa intimidade ou distanciamento entre o etnógrafo e aqueles que estuda não é, de modo algum, consensual. O que o autor aponta é que no processo dialógico ocorre um *cultural cross-dressing*, em que as posições são constantemente negociadas e as aparências manipuladas para que o contato se faça. No fundo, o que ele quer dizer é que a etnografia é uma negociação de identidades dentro de uma

historicidade (ou contexto histórico). Como é histórica, é também conjuntural e múltipla, renegociada todo o tempo.

Uma pergunta lançada por Clifford (1996) e que permeou todo o meu trabalho de campo diz respeito ao que é ou não traduzível. De que modo a tradução intercultural pode ser realizada? A conclusão é que essa tradução intercultural pode acontecer, mas devem ser levadas em consideração as relações de poder envolvidas no contato. Se estamos diante de uma realidade dialógica, as partes envolvidas devem ser traduzidas na etnografia e o pesquisador não pode apenas se envolver em sua suposta “capa de autoridade” e se considerar o tradutor e conhecedor legítimo daquilo que estuda. O que acontece em um encontro etnográfico é uma relação de reciprocidade, em que as mais diferentes trocas ocorrem, envolvendo objetos, mensagens, discursos, textos. Em um contexto multicultural, o pesquisador deve tentar abarcar todas as vozes e discursos (polifonia e polissemia) e deixar que elas falem no seu texto. De certa forma, o que tento apresentar nesta dissertação é a pluralidade de vozes e seus possíveis diálogos, tentando deixar clara a existência de uma dimensão conflitiva e de amplo debate nas relações estabelecidas entre os membros da comunidade entre si e entre eles e eu, enquanto mulher e pesquisadora.

Feita a apresentação do campo de estudo, passo à organização dos capítulos que compõem esse texto. O primeiro capítulo discute os aspectos metodológicos envolvidos na proposição de uma etnografia no e do ciberespaço, abordando, em linhas gerais, os desenvolvimentos pelos quais passou e vem passando o método antropológico. A idéia é compreender as dicotomias real/virtual, *on-line/off-line*, buscando, em última instância, uma visão mais alargada que represente alternativas aos pares de oposição correntemente utilizados.

O capítulo 2 é composto por reflexões relativas a um dos momentos iniciais da pesquisa de campo que se mostrou da maior relevância para o entendimento de muitas das convenções de gênero e sexualidade ali presentes. A partir do relato de minha entrada em uma comunidade composta majoritariamente por homens e das posteriores discussões realizadas no fórum da comunidade, bem como do momento em que fui escolhida moderadora desta, mostro de que forma estas convenções operam e quais são as imagens de homem e mulher (e de feminino e masculino) reproduzidas nos discursos.

No capítulo 3, trago uma discussão mais ampla de alguns aspectos relativos ao ciberespaço, com foco na formação de comunidades e redes sociais. Tomo como ponto de partida as proposições de Gupta e Ferguson (2000), bem como formulações, especialmente da chamada Escola de Manchester, sobre o conceito de rede social. Também reflito sobre a viabilidade ou não de se falar em uma virtualização do gueto gay a partir da conformação de comunidades com temáticas homossexuais, tomando como base toda uma literatura relativa aos estudos sobre guetos e, particularmente, do gueto gay. Também, a partir de discussões da comunidade, problematizo a utilização do termo “meio gay”, o qual aparece como substituto de gueto e circuito.

O capítulo 4 é uma reflexão a respeito de tipos sociais específicos do virtual – os *fakes* e *masks* – os quais possuem papel central dentro da comunidade e da linha analítica desenvolvida neste texto. Por fim, abordo, seguindo as reflexões iniciadas no primeiro capítulo, a oposição *on-line/off-line* a partir da realização de “orkontros”, os encontros entre membros da comunidade que se processam no *off-line*. Encontros individuais com membros da comunidade são também considerados, sendo que, em

dois deles, houve a realização de entrevistas gravadas, com base em questionário pré-estruturado.

No capítulo 5, busco o entendimento disto que chamei no título da dissertação de sexualidades no “pontocom” (.com), sendo este “pontocom” índice do virtual, do *on-line*. A proposta é, a partir de alguns tópicos, de conversas via comunicador instantâneo (*messenger*) e da montagem dos perfis dos membros da *Eper*, pensar a respeito da construção dos avatares e, conseqüentemente, dos corpos virtualizados e entender de que forma as várias homossexualidades aparecem ali vivenciadas. Novamente o tema das convenções de gênero e sexualidade aparece como ponto central, especialmente em tópicos onde são discutidas questões como as posições adotadas no ato sexual e a associação destas com possíveis posturas mais femininas ou mais masculinas. Ainda em relação à feminilidade e à masculinidade é essencial a reflexão a respeito da divisão (muitas vezes não dita) da comunidade em algumas categorias: os “miguxos”, os intelectuais e os neutros.

Por fim¹¹, apresento algumas considerações finais a respeito dos temas abordados ao longo dos capítulos anteriores. Saliento desde já que não há qualquer pretensão de transformá-lo em uma conclusão. De certo modo, ele funciona como uma recapitulação dos vários momentos da narrativa e reflexão etnográfica mostrando, exatamente, o caráter parcial, aberto e sempre inacabado destas.

¹¹ Ao final do texto, trago um anexo com a página de apresentação do Orkut, a página inicial da comunidade e meu perfil/avatar – meio utilizado para interagir na comunidade e estabelecer contatos com seus participantes. Gostaria de fazer a ressalva de que todos os nomes foram modificados para preservar a privacidade dos informantes/colaboradores.

Capítulo 1

Um breve histórico crítico: a etnografia encontra o ciberespaço

“Não leve o virtual tão a sério!” Não saberia dizer quantas vezes, durante a pesquisa de campo, li esta frase. Em alguns momentos, a palavra “virtual” apareceu substituída por “Orkut” ou mesmo “on-line”, mas o sentido mais amplo se manteve: as relações estabelecidas via internet não deveriam ser investidas de tanta importância. A justificativa principal dos enunciadores de frases deste tipo era de que a internet e o ciberespaço constituiriam domínios separados do restante da vida de cada um deles, uma espécie de acessório e espaço destinado ao lazer, entretenimento e relações fugazes, sem permanência ou qualquer reflexo nos momentos “reais”, estes sim, sérios e importantes.

Em contrapartida, ao etnografar uma comunidade *on-line*, presenciei inumeráveis situações que desmentiam a afirmação acima e mostravam o alto grau de imersão e investimento dos membros da comunidade nas relações estabelecidas no virtual. Desde brigas por divergências de opinião, passando pelo surgimento de paixões e relacionamentos sexuais e afetivos, até agressões e exposições da vida *off-line* de alguns de meus informantes e da minha própria.

Considero exemplar nesse sentido a criação de uma comunidade chamada “No Escuro”, a qual se intitulava um “dark-room virtual” onde tudo poderia ser dito desde que anonimamente. Este anonimato passou, então, a ser utilizado como veículo de difamação e exposição de fatos da vida íntima de vários membros da Eper. As práticas da “No Escuro” provocaram reações acaloradas, já que muitos tiveram suas vidas abertas, com a revelação de fatos íntimos, nem sempre verdadeiros, e foram alvo dos

mais diversos xingamentos, calúnias e agressões. Um dos argumentos mais utilizados foi a divulgação da situação sorológica de participantes da Eper, supostamente portadores de HIV. Eu mesma fui atacada através de comentários maldosos que levantavam dúvidas quanto à seriedade da pesquisa e especulavam sobre minha sexualidade.

Este exemplo deixa clara a existência de uma tensão constante entre dois universos – *on-line* e *off-line* -, bem como alguns dos usos, significações e re-significações da internet, apropriada como meio de estabelecer relações, buscar parcerias (amizade, sexo, romances), revelar segredos e comportamentos de outro modo inconfessáveis ou mesmo como palco para conflitos, divergências, desentendimentos, agressões, discriminações e preconceitos.

Do mesmo modo, desde o início da década de 90, quando se iniciaram os primeiros estudos sobre o ciberespaço, a antropologia se defronta com a dicotomia *on-line/off-line*. Faz-se necessário, então, compreender os desenvolvimentos pelos quais o método antropológico passou e vem passando, de modo a lidar com a tensão *on-line/off-line* – presente em vários momentos da incursão etnográfica realizada nesta pesquisa - e buscar possíveis alternativas à separação rígida entre estes pólos.

Além de buscar o deciframento da organização social de variadas sociedades, a Antropologia também, de diferentes modos, debruçou-se sobre sua prática, sobre o fazer antropológico, compreendido como a imortalizada pesquisa de campo (perfeitamente delineada em seus métodos por Malinowski ainda na década de 20 do século XX) somada à escrita do texto antropológico. Refletir sobre o que significa fazer uma etnografia, pesquisar e escrever um texto passou a constituir a pauta de discussões de diversas correntes teóricas, diferentes em suas proposições, mas com a

preocupação comum de abordar criticamente a própria antropologia. E, desta maneira, propor um amplo questionamento das metodologias canônicas, bem como das epistemes que lhes dão suporte. Vale ressaltar que neste processo de crítica etnográfica têm posição de destaque os chamados teóricos “pós-modernos¹²” ou, em outras palavras, aqueles que se dispõem a realizar a crítica cultural.

É evidente que não seria aqui possível percorrer toda a história de questionamentos da metodologia e epistemologia da Antropologia e nem é este o objetivo desta dissertação. Proponho, então, um recorte que caminha de encontro com várias das questões que eu mesma me coloquei desde o início da pesquisa: refletir brevemente a respeito das proposições de alguns autores contemporâneos e na implicação destas em uma pesquisa que pretende focar o ciberespaço, enquanto espaço simbólico de sociabilidade e interação. Pensar a etnografia se coloca como uma empreitada necessária, visto que os trabalhos que tratam do ciberespaço possuem

¹² O termo pós-moderno, melhor analisado adiante, começou a ser utilizado na década de 80, quando são publicadas as obras *Writing Culture* (1986), de James Clifford e George Marcus e *Anthropology as a cultural critique* (1986), de George Marcus e Michael Fisher. Fala-se também em pós-estruturalismo como forma de nomear um amplo campo de antagonismos teóricos. De modo simplificado, o pós-estruturalismo abarcaria:

1 - a teoria crítica, de inspiração marxista e com a preocupação de pensar os fatos estudados em sua conexão com o contexto histórico-econômico-social. Deste modo, os fenômenos devem ser descritos e analisados a partir de um contexto dominado pela lógica da acumulação flexível de capital. Destacam-se nesta corrente teórica autores como Fredric Jameson e Manuel Castells.

2 – os *cultural studies*, de base inglesa (Raymond Williams e Richard Hogart), surgiram com a proposta de não apresentar um eixo disciplinar estável e se desenvolveram a partir do CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies), em Birmingham. De modo geral, há a busca de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade e uma apropriação de diferentes metodologias (dados estatísticos, etnografias, análise textual) na realização das pesquisas. De acordo com Caldeira (1989), o CCCS foi o responsável por “experimentos sobre uma maneira alternativa para a produção de trabalho acadêmico” (p. 27). Destacam-se autores como Paul Willis, Stuart Hall, Dick Hebdige,

3 – a crítica cultural, espécie de releitura norte-americana dos *cultural studies* com a utilização da hermenêutica e da crítica literária. Sua maior contribuição é a problematização de conceitos centrais como texto e pesquisa de campo, refletindo sobre a própria prática antropológica e as relações de poder que permeiam a produção de conhecimento. Destacam-se autores como Renato Rosaldo, Mary Louise Pratt, James Clifford, Homi Bhaba, Richard Price, George Marcus.

como uma de suas características a subversão de pressupostos consagrados em sua elaboração.

Nos últimos dez anos muito se escreveu sobre as implicações metodológicas dos estudos que envolvem o ciberespaço, mas acredito ser necessário um breve histórico tanto da crítica à etnografia mais clássica quanto às etnografias do e no virtual. O objetivo mais amplo desse histórico é fornecer subsídios que venham a problematizar as dicotomias utilizadas recorrentemente para entender o ciberespaço - real/virtual; *off-screen/on-screen*; *off-line/on-line* – e tentar pensar em alternativas a tal pensamento dicotômico composto por pares muito demarcados. Tomar o *on-line* e o *off-line* como cristalizados pode levar à perda dos momentos e fatos situados na passagem, no entremeio destes pólos.

Um traçado histórico das práticas etnográficas mostra que o trabalho de campo é conhecido como o método, por excelência, através do qual os profissionais da Antropologia realizam suas pesquisas. Profissionais que só são reconhecidos enquanto tais porque, além de possuírem uma formação acadêmica, realizam de algum modo (e esse modo é bem variável) incursões ao chamado campo de estudo. O “fazer campo” é índice de legitimidade e prova de que os procedimentos de coleta do material empírico foram devidamente seguidos para a elaboração das conclusões, das teorias e do texto antropológico propriamente dito. Refletir a respeito destas questões significa uma tarefa tanto de pesquisa, em que novos artifícios e estratégias para se portar em campo são gerados, bem como de questionamento e crítica das bases que fundam a produção do conhecimento em antropologia.

Aquilo que hoje conhecemos como fazer etnográfico, pesquisa de campo e escrita do texto antropológico se estabeleceu como tradição no início do século XX. Isso

não quer dizer que antes daquele período não existiram iniciativas de um trabalho de campo da maneira como conhecemos hoje, mas elas foram esparsas e sem uma preocupação efetiva com a institucionalização da prática¹³. Franz Boas teve um papel de relevância neste processo, visto que, como afirma George Stocking (1983), ele marcou um momento importante no desenvolvimento do método etnográfico, com a aplicação de *surveys* (o primeiro deles realizado no Canadá sob os auspícios do United States Bureau of Ethnology).

Mas é com Malinowski que o método antropológico ganhou profissionalismo e foi sistematizado. Em *Os Argonautas do Pacífico* (publicado originalmente em 1922), ele dedicou um capítulo - "The subject, method and scope of this inquiry" - à elaboração do método de pesquisa antropológica e do recolhimento de dados etnográficos. Essa pesquisa deveria se realizar com base na observação participante, através da qual o etnógrafo emerge temporariamente (e esse tempo de permanência em campo é bem variável) em seu campo, buscando dados que reunidos revelarão a totalidade da sociedade em estudo. Esses dados devem ser registrados em um diário de campo e a partir dali passam a contar como informações etnográficas. E, acima de tudo, o apanhado de todos estes dados se baseia em contatos face a face, travados a partir do deslocamento – geográfico e simbólico - do pesquisador para o campo de estudo.

Ainda na antropologia inglesa, Radcliffe-Brown marca a continuidade do método funcionalista malinowskiano, composto por uma série de maneiras de realizar e escrever uma etnografia. Marcus e Fischer (1986) chamam a atenção para o fato de

¹³ De acordo com Clifford (1998), as primeiras tentativas (mesmo que malogradas) de sintetizar a prática antropológica e sua metodologia partiram de J. F. McLennan, John Lubbock e E. B. Tylor, ainda no século XIX. De qualquer modo, muitos desses primeiros estudiosos ainda eram os chamados "antropólogos de gabinete", visto que recebiam os dados de pesquisas realizadas por outras pessoas, em geral missionários e viajantes. Uma referência importante para entender os primórdios da prática antropológica são as obras de George Stocking, em especial, *Victorian Anthropology* (1987).

que o funcionalismo não é propriamente uma teoria sobre a sociedade, mas tem o mérito de colocar uma série de questões metodológicas para o etnógrafo. A principal pergunta a ser dirigida ao objeto de estudo é de que modo ele está interligado aos outros elementos da sociedade, qual a sua função dentro daquela organização social. De todo modo, apesar de propor indagações metodológicas e discutir sobre o trabalho de campo, o funcionalismo não realizou uma crítica ao positivismo. Sobre a escrita dos textos entre os funcionalistas, a autoridade etnográfica é gerada pelo “estar lá” por um longo período de tempo, no qual o etnógrafo observa e relata em seu diário de campo tudo o que vê. Partindo do pressuposto de que todas as partes da vida social estão relacionadas, o método funcionalista toma como base uma parte para explicar o todo.

A partir da década de 40 (mas com maior ênfase nos anos 50), os seguidores de Malinowski e Radcliffe-Brown, especialmente Max Gluckman, passam a representar o que Feldman-Bianco (1987) chama de *transição na Antropologia*: as pesquisas de campo, antes concentradas em sociedades particulares, passam a ser feitas nas sociedades contemporâneas. O princípio dos teóricos que ficaram conhecidos por sua filiação à Escola de Manchester era entender os processos de mudança social a partir da coleta de dados microscópicos e detalhados. Além disso, representam uma mudança também no próprio escopo de fontes utilizadas até então para as pesquisas, sendo que materiais documentais e históricos (em alguns casos, também modelos estatísticos) passam a contar como dados etnográficos. Esses pesquisadores praticam os chamados “estudos de caso”, buscando detalhadamente todas as informações possíveis na e para a pesquisa. A partir deles seria possível entender a dinâmica social, enfocando um lado importante da vida social, negligenciado pelos antropólogos clássicos: a existência de conflitos e contradições. De qualquer modo, a Escola de

Manchester também introduz modificações no modo como a pesquisa de campo é feita, sendo fundamental para o desenvolvimento da etnografia, além de representar soluções significativas para alguns dos impasses do funcionalismo e do estrutural-funcionalismo. Ao realizarem esta espécie de micro-sociologia, enfocavam os processos sociais, as ações, os interstícios e as relações interpessoais.

Já nos Estados Unidos, sobretudo na década de 60, ganha força o método interpretativo hermenêutico popularizado por Clifford Geertz (ele toma como base para sua formulação os trabalhos de Wilhem Dilthey, Max Weber e Talcott Parsons). Nesta perspectiva, as pesquisas de campo devem se basear na interpretação dos dados coletados, sendo que a premissa básica é que eles nunca chegam ao pesquisador em primeira mão. Ao contrário, vêm em segunda, terceira mãos, podendo se pensar em sucessivas interpretações. A cultura é vista como um conjunto de textos, um emaranhado de teias de significado que o etnógrafo busca interpretar.

Assim, o/a pesquisador/a realiza a descrição densa de seu objeto, buscando chegar aos vários significados possíveis e realizando suas próprias interpretações a partir das interpretações que recebe de outras pessoas e também da própria observação (no vocabulário de Geertz, seria a percepção das piscadelas como piscadelas de piscadelas e assim por diante). Geertz alerta ainda para o fato de que o antropólogo em campo não deve buscar se tornar um nativo ou imitar suas atitudes. A cultura, enquanto soma de interpretações e, portanto, de significados, deve ser apreendida por meio de conversas, que vão de encontro ao objetivo máximo da antropologia, ou seja, *o alargamento do universo do discurso humano*. Ao ser descrita e posteriormente escrita, a cultura perde sua opacidade e se torna inteligível para o antropólogo. Como o etnógrafo “esteve lá”, ele tem a autoridade necessária e legítima

para transformar os discursos em textos, os quais nada mais são que a soma de certo número de interpretações. Novamente, o “estar lá” (*being there*) é o fator que confere legitimidade ao trabalho antropológico.

Por uma etnografia do ciberespaço

Feito o traçado deste primeiro quadro mais geral do desenvolvimento da etnografia e da metodologia em antropologia, acredito que está armado o pano de fundo para contextualizar as discussões propostas pelos estudiosos, conhecidos como pós-modernos, que vêm dedicando vários de seus trabalhos à reflexão sobre o fazer antropológico e sobre o papel do próprio antropólogo nesse processo. Autor, autoridade, texto, escrita, deslocamento, hibridismo, diálogo, heteroglossia, viagem, polifonia, tradução, multiculturalismo são apenas algumas das palavras que daqui em diante serão os fios condutores de minha argumentação, a qual busca pensar sobre as dificuldades enfrentadas para a realização de uma pesquisa de campo que, em um primeiro momento, não envolve qualquer tipo de contato face a face ou mesmo um deslocamento no sentido tradicionalmente adotado para o termo.

Antes de passar aos argumentos “pós-modernos¹⁴” propriamente ditos e mesmo às considerações mais pontuais sobre pesquisas focadas na internet e no ciberespaço,

¹⁴ Alguns outros autores se propõem a definir o surgimento do termo, entre os quais se destacam David Harvey e Fredric Jameson. Harvey (2006) tenta apresentar o que ele chama de *sentido do termo*, além de levantar a hipótese de que o pós-modernismo está, de alguma forma, em relação (seja de crítica ou ruptura) com o modernismo. O termo pós-moderno foi o subsídio encontrado para lidar com uma série de modificações e acontecimentos para os quais o termo moderno apresentava explicações limitantes. Em outra perspectiva, Jameson (1997) parte em busca do que ele chama de *instantes reveladores* para tentar entender que mudanças ocorreram no modo de representação dos objetos. Neste sentido, o modernismo vê o objeto em si e o pós-moderno busca as variações, pensando o objeto como imagem de imagens. Ele observa que há um processo generalizado de mercantilização que atinge inclusive a própria cultura, ela também um produto. Surge um novo gênero discursivo: as teorias do pós-modernismo. Estas teorias tentam, sem a pretensão de esgotar a discussão e chamadas por ele de *impuras*, mapear as

penso ser pertinente uma pequena discussão sobre as tentativas de classificar e nomear essas novas teorias e perspectivas, as quais fazem parte de um campo aberto a disputas e polêmicas.

Caldeira (1988, 1989), ao refletir sobre os desenvolvimentos da antropologia norte-americana a partir da década de 80 e a *pós-modernidade em antropologia*, aponta para a existência de mudanças metodológicas e teóricas: há uma ênfase no entendimento das questões de poder que envolvem as relações sociais e mesmo a relação do antropólogo com seus sujeitos de pesquisa; ocorre um deslocamento nos temas de estudo, sendo que eles passam a focar as sociedades contemporâneas (e não mais sociedades e povos tribais); há a crítica ao funcionalismo e estruturalismo, com o privilégio de análises processuais; a própria prática antropológica passa a ser tomada como questão; a representação é questionada.

De todo modo, ao reivindicar a condição de experimentos (Marcus & Fischer, 1986), o que estes teóricos pretendiam era adotar uma postura crítica à disciplina, através do questionamento e desconstrução de muitos dos seus pressupostos e de *tentativas de incorporação de novos temas, novos objetos e novas maneiras de pesquisa e análise*. (Caldeira, 1989, p. 3)

Ao refletir sobre a *questão do pós-modernismo*, Judith Butler (1998) questiona se o que se chama de pós-modernismo é uma posição teórica ou uma caracterização histórica. Afirma que falar em “pós-modernismo” e “pós-estruturalismo” representa uma solução para as diferentes posições teóricas e epistemológicas encontradas,

mudanças nesta “passagem” entre duas épocas (se é que existiram algo que se possa chamar de épocas). De todo modo, aquilo que se chama de pós-moderno é um nome utilizado para unir acontecimentos independentes e de origens múltiplas, mas que representam modificações na ordem até então vigente.

agrupando-as em um mesmo substantivo. Mas, ao proceder deste modo – *colonizar e domesticar* essas teorias sob uma única rubrica – há uma redução das várias posições e o campo do pós-modernismo é “produzido” como um “todo”, como um conceito universalizante.

O argumento central de Butler reside na constatação de que o aparato conceitual está permeado por relações de poder. E são essas relações as definidoras dos fundamentos empregados pela teoria social, os quais só podem ser entendidos como contingentes. Assim,

Não sei em relação ao termo “pós-moderno”, mas se há um argumento válido naquilo que eu entendo melhor como pós-estruturalismo, é que o poder permeia o próprio aparato conceitual que busca negociar seus termos, inclusive a posição do sujeito do crítico; e mais, que essa implicação dos termos da crítica no campo do poder não é o advento de um relativismo niilista incapaz de oferecer normas, mas ao contrário, a própria pré-condição de uma crítica politicamente poderosa e forte que sublima, disfarça e amplia seu próprio jogo de poder, recorrendo a tropos de universalidade normativa. (BUTLER, 1998, p. 17-18)

Acredito que o melhor modo de iniciar a apresentação dos argumentos “pós-modernos” na antropologia é partir das formulações de James Clifford¹⁵. Em *Routes: travel and translation in the late twentieth century* (1997), ele constata uma mudança fundamental na escrita das etnografias e mesmo do encontro entre o etnógrafo e os pesquisados. Em um contexto marcado por uma nova ordem de mobilidade mundial (e os meios eletrônicos como a internet estão aí para não deixar dúvida), pensar em um

¹⁵ Apesar das diversas críticas a ele dirigidas, julgo que muitos de seus argumentos, desde a publicação de *Writing Cultures* em 1986, trazem importantes elementos para pensar a prática antropológica e maneira de adequá-la às novas realidades, entre as quais se inclui o estudo do ciberespaço. Entre as críticas e comentários sobre os projetos teóricos de Clifford, ressalto a de Rabinow (1999), que o denomina *escriba ex-officio* dos rabiscos dos antropólogos (Rabinow, p. 81).

trabalho de campo nos moldes tradicionais da disciplina causa estranheza. Não se está diante de um pesquisador cosmopolita, metropolitano que parte em expedições e longas viagens até terras longínquas ou mesmo exóticas. E os objetos de pesquisa - as antigas periferias - deixam de estar na pauta do dia e os nativos, passam a ser, também eles, produtores de conhecimento e etnógrafos.

No que se transforma, então, a etnografia? Quando se pensa em Malinowski a primeira idéia que vem à cabeça é a do pesquisador em campo, munido de uma máquina fotográfica e um caderninho, anotando tudo e tentando entrar de algum modo na vida social daqueles que estuda. É uma pesquisa de campo que exige residência, permanência. O que Clifford propõe é pensar o trabalho de campo como *travel encounters*, sugerindo, assim, a idéia de movimento, viagem, diálogo. Logo no prólogo de seu livro, ele explica por que tanta preocupação com a etnografia: o conceito de cultura só pode ser pensado com foco na representação etnográfica, formada pela escrita, pela colagem, pela interação e pela idéia de processo. Ainda falando em viagens e nos *travel encounters* propostos, eles podem ser pensados como traduções localizadas no tempo e no espaço e, portanto, contingenciais e parciais. Clifford fala, então, em *traveling cultures*¹⁶ ou culturas em trânsito, em constante movimento.

¹⁶ No texto em português, o termo foi traduzido como “culturas viajantes”, mas acredito que ficaria melhor falar em “culturas em trânsito”, visto que está mais coerente com a idéia que o autor deseja passar. Trânsito dá a idéia de mobilidade, contingência, parcialidade. Falar em “viajantes” faz com que se percam as características de transitoriedade e movimento envolvidas nos encontros entre pesquisador e pesquisados. A afirmação de Clifford na conclusão desse texto é elucidativa:

Today I've been working, overworking, "travel" as a translation term. By "translation term" I mean a Word of apparently general application used for comparison in a strategic and contingent way. "Travel" has an inextinguishable taint of location by class, gender, race, and a certain literariness. It offers a good reminder that all translation terms used in global comparison – terms like "culture", "art", "society", "peasant", "mode of production", "man", "woman", "modernity", "ethnography" – get us some distance and fall apart. Traduttore, traduttore. In the kind of translation that interests me most, you learn a lot about peoples, cultures, and histories different from your own, enough to Begin to know what you're missing. (CLIFFORD, 1997, p.39)

A grande crítica dirigida aos cânones da Antropologia se refere ao fato de que sempre foram privilegiadas as relações de permanência, em que o “campo” simbolizava um ideal metodológico e um lugar concreto, físico, material. Outro ponto criticado é o obscurecimento do viés dialógico dos encontros entre etnógrafo e pesquisados, em especial seus informantes. Clifford propõe pensar os informantes como sujeitos históricos e complexos, pois apenas desse modo a hierarquia antropológica pode ser revertida. Hierarquia porque sempre houve a alocação dos discursos de pesquisador e pesquisados em posições diferentes, sendo que o do pesquisador prevalecia sobre todos os outros (e daí vinha sua legitimidade e sua autoridade enquanto aquele que foi lá, viu e escreveu).

Durante a pesquisa de campo, por sucessivas vezes, estive envolvida em situações que colocam em questão o posicionamento a ser adotado na pesquisa. Narro um desses momentos: no *scrap* transcrito abaixo, deixado em minha página pessoal por Karl, ele coloca em questão minha presença na comunidade e também o relacionamento que estabelecemos. O que ele apresenta é a dificuldade de definir fronteiras entre envolvimento pessoal e profissional. Como os limites da relação não são nítidos, ele diz se sentir uma “amostra”, um “rato de laboratório”.

Quando a linha entre ser um objeto de estudos ou alguém com quem se gosta de trocar idéias não é definida, a sensação de ser um rato de laboratório é grande. Ainda mais depois dos últimos mails que trocamos. Não sei o que vc vai usar, mas sei que acabo perdendo muito da espontaneidade por me sentir uma amostra. Esse é um desvio que vc sabe fazer parte do processo. Onde há intervenção, há mudança. (Karl, via *scrap* em 13 de agosto de 2007)

Acredito que esse exemplo está de acordo com algumas das problematizações propostas pelos teóricos da antropologia norte-americana que, a partir da década de

80, propuseram rever os métodos e as questões antropológicas. O primeiro passo para tal seria entender o papel do pesquisador neste processo e as relações de poder envolvidas na realização das etnografias. Assim como Karl, eu também me vi confrontada, em muitos momentos, com dúvidas sobre que posição assumir dentro da comunidade e com seus membros. No caso específico relatado, eu e Karl rompemos relações, já que não conseguimos ajustar as tensões e limites entre nós. Além disso, ele se mostrou ofendido com minha tentativa de tentar encontrá-lo no *off-line*. Em minha resposta a ele, estão presentes alguns questionamentos que estão bastante próximos da argumentação “pós-moderna”:

Eu nunca te vi como "rato de laboratório". Se assim parece, o sentimento é apenas seu. Sujeito e objeto são tão intercambiáveis não são? Eu observo, então tenho autoridade? Mas eu também não sou observada o tempo todo? Então o meu suposto objeto não é também sujeito?
(Carol, via scrap, em 13 de agosto de 2007)

Gupta e Ferguson (2000) desenvolvem um argumento semelhante ao de Clifford ao problematizarem a unidade dos termos “nós” e a alteridade do “outro”. Em geral, a relação antropológica se pauta em uma oposição entre “aqui” e “lá” e, conseqüentemente, entre “nós” e “eles”. Assim, ao se pensar por meio destas polaridades, o “outro” é nativizado, encarcerado espacialmente e colocado em um quadro de análise diverso e exótico. A proposta dos autores é questionar a polarização desses termos, mostrando que o poder é fator central tanto no momento da representação, como no estabelecimento da diferença cultural. Assim, uma política da alteridade não pode ser redutível a uma política da representação, visto que a diferença cultural se situa no interior de processos históricos de um mundo social e espacialmente interligado. O “outro” e o “nós” estão imersos nestas relações de poder e não guardam

entre si uma separação absoluta. Seu sentido, portanto, só pode advir da relação, sendo, sobretudo, contingente.

Nesse mesmo sentido, está a etnografia multi-local proposta por George Marcus (1986), na qual o antropólogo deve tentar abarcar em um mesmo texto diferentes localidades, mostrando as relações e possíveis interdependências entre elas. Em outras palavras, a etnografia deveria privilegiar tanto o local, etnograficamente esmiuçado, como o global, estabelecendo as ligações entre essas duas ordens. Do mesmo modo, ela deveria apresentar os vários discursos, enunciados por diferentes sujeitos que falam e passam a ter voz no texto etnográfico (o texto é, portanto, multi-vocal, além de multi-local).

Citando uma série de outros autores, procedimento comum entre os pós-modernos, Clifford fala em *traveling-in-dwelling* e *dwelling-in-travel* como a tensão existente nos procedimentos antropológicos. A pesquisa de campo envolve, ao mesmo tempo, permanecer e se movimentar, por isso as duas expressões citadas acima, as quais jogam com as palavras viagem e moradia. Neste sentido, o autor também enfatiza a contraposição entre as palavras *roots* (raízes) e *routes* (rotas), sugerindo a tensão já mostrada entre enraizamento e movimento. Seria importante pensar não apenas na dicotomia permanência/movimentação, mas na existência de áreas fronteiriças, as *borderlands*, os hibridismos¹⁷.

Michael Fischer (1999) faz considerações sobre as pesquisas que tomam como foco o ciberespaço e sua relação com o estabelecimento de uma antropologia crítica.

¹⁷ O estudo das fronteiras se insere em perspectivas mais críticas nos trabalhos cujo foco são as migrações (entendidas durante muito tempo apenas como chegada e saída) e os processos pós-coloniais. De acordo com Gupta e Ferguson (2000) as fronteiras são locais de “contradições incomensuráveis”.

Diz ele que as novas realidades geradas pelo ciberespaço fazem com que os métodos e vocabulários tradicionais da disciplina precisem ser revistos em alguns âmbitos: na teoria, no tempo, no espaço e na linguagem. Há uma necessidade de re-situar a etnografia, na medida em que o ciberespaço promoveu o re-arranjo de muitos de nossos conceitos e se configurou como uma realidade na qual todos nós vivemos, estabelecemos algum tipo de relação e criamos representações de nós mesmos e dos outros. Assim,

Ethnographies are challenged to no longer dwell merely in romantic tropes of discovery, but to ground, to make visible and audible, contending worlds of difference, to provide translation circuitry that recognizes its own relations to other circulating representations. (FISCHER, 1999, p. 297)

Ao abordar as etnografias realizadas na realidade virtual, Christine Hine (2001) também utiliza a idéia de viagem, durante tantos anos, índice de autoridade na realização das etnografias. O que ela pontua é que esta viagem vai além do deslocamento físico do etnógrafo. No caso de pesquisas na internet, esta viagem física é substituída por uma “viagem experiencial”, em que há o intercâmbio de experiências e uma viagem através do olhar, do texto e das imagens. O “estar lá” aparece revestido por uma conotação diferente: ele não é presença física, não envolve obrigatoriamente um contato face a face e não está circunscrito a uma realidade material.

E é exatamente a ausência do face a face o fator que pode colocar em risco, diante dos cânones metodológicos consagrados, uma pesquisa no virtual. Uma das questões que pesam negativamente quando se fala em pesquisas envolvendo a internet é a autenticidade. Na maior parte dos casos, o pesquisador - ao não recorrer ao face a face - tem maior dificuldade em depurar aquilo que é autêntico do que é

inventado. A proposta, então, é questionar aquilo mesmo que se chama de autenticidade. E este questionamento está diretamente relacionado ao processo de construção identitária: não necessariamente há uma relação de continuidade ou similaridade entre uma identidade *off-line* e uma *on-line*. O papel do pesquisador é manter sempre em mente que se tratam de performances identitárias, em que a parte internauta é apenas um momento da performance. O problema de autenticidade não é, de modo algum, um problema colocado apenas pelo virtual, mas é um dos pontos chave nos quais uma pesquisa – seja ela em um blog, um programa de relacionamentos, em chats (bate-papos) ou listas de discussão - deve se concentrar. Nota-se, assim, que não estabelecer um contato face a face, além de colocar novos pontos analíticos para o pesquisador, permite um aprofundamento em campo diferenciado daquele em que a presença física está envolvida. Indo um pouco além, pensar em autenticidade confere um diferencial importante e coloca como discussão a questão das identidades, bem como estende o sentido do virtual – ele é espaço, mas também é *setting* (cenário) no qual estas múltiplas identidades podem ser performatizadas (Hine, 2000, p.41).

Um ponto abordado por Hine e sobre o qual gostaria de me deter é a possibilidade de tomar a internet como texto, produzido dentro de um determinado contexto cultural. Pensar o virtual como texto requer considerá-lo como algo móvel e que pode ser lido independentemente do momento em que foi produzido. Ou seja, é gerado um histórico, perfeitamente acessível ao pesquisador tempos após ter sido escrito. Realizar uma etnografia do virtual é, portanto, um processo de leitura e escrita de textos: o etnógrafo lê o que é escrito, interpreta e pode também ele escrever seus próprios textos, que serão lidos pelos sujeitos da pesquisa, igualmente interpretados e

passíveis de réplica. O que se vê é um processo de mão dupla tanto na leitura quanto na escrita dos textos, em que etnógrafo e pesquisados são, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos, observadores e observados, corroborando a idéia de que o encontro etnográfico coloca em contato as subjetividades do pesquisador e dos pesquisados, sendo pertinente o uso do termo intersubjetividades. Isso significa que a interação virtual garante, do mesmo modo que a não-virtual, a dimensão dialógica e intersubjetiva da etnografia e não se restringe a uma simples leitura de textos.

Em relação às dicotomias normalmente utilizadas para se referir ao virtual e ao seu oposto – chamado de real, presencial ou *off-line* – Miller e Slater (2004) trazem algumas considerações importantes e mais sofisticadas em relação às de Hine (2000), permitindo um novo tipo de abordagem desta suposta relação de oposição entre *on-line* e *off-line*. A partir de uma pesquisa realizada em cibercafés de Trinidad, os autores propõem pensar a etnografia e os dilemas colocados, tanto por sua própria prática etnográfica quanto por grande parte da literatura sobre internet, quando se realiza uma pesquisa com foco no *on-line*. O primeiro argumento apresentado é o de que uma etnografia *on-line* é possível por envolver todos os outros requisitos de uma etnografia *off-line*: há observação, participação, textos e um relacionamento (diálogo) entre o pesquisador e os pesquisados. Desta maneira, o face a face não é mais uma condição fundamental para a efetiva realização da pesquisa de campo.

Além disso, os autores apontam a necessidade de trabalhar sempre com a idéia de contextos, sendo que um contexto particular está sempre em relação com outros contextos. Operando desta maneira, evita-se recair em pré-noções como virtualidade ou ciberespaço, as quais *envolvem uma pressuposição metodológica em que o cenário poderia ser tratado como sui generis, autocontido e autônomo*. (Miller & Slater, 2004,

p.45). Do mesmo modo, o ciberespaço não deve ser tomado como dotado de unidade, mas sim, composto por diversas partes, cada uma delas imersa em um contexto específico e em constante comunicação com outros contextos. A idéia é, então, *desagregar* o virtual em seus vários processos, interações e relações a fim de não tomá-lo como um objeto único. Assim procedendo, é possível *transcender* a divisão *on-line/off-line* e pensar na passagem (e suas nuances) entre os dois pólos.

Uma pesquisa que pretende trabalhar o *on-line* não deve se definir simplesmente a partir de uma divisão prévia em *on-line* e *off-line*. Esta divisão é, sobretudo, contingente e requer uma problematização a partir do contexto a ser abordado na pesquisa. Como alertam Miller e Slater,

Estar off-line não significa automaticamente que se está fazendo uma etnografia, nem estar on-line significa que não se está fazendo uma etnografia. Novamente, a questão é uma escolha metodológica sobre o que constitui o “contexto”, uma decisão que só pode ser feita no contexto dos objetivos específicos de uma pesquisa. (MILLER&SLATER, 2004, p.63)

Assim, passo agora à narrativa de minha inserção em campo, mostrando de que modo fui recebida em uma comunidade composta predominantemente por homens e buscando tirar daí implicações a respeito das imagens de homens e mulheres propagadas dentro da Eper.

Capítulo 2

“Eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas”

Colin, respondendo à sua pergunta: não, a pesquisa não acabou. (...) Assumi um compromisso com a moderação e com a comunidade e ele foi e está sendo cumprido. E caso alguém duvide, os textos até agora resultantes da minha experiência na Eper estão disponíveis. Agora, Colin, eu só te peço uma coisa: quando quiser me perguntar algo, faça-o diretamente e sem dissimulações. Sem joguinhos e subterfúgios, sobretudo. A resposta era tão simples, não é mesmo? Mas, e aqui só posso especular, o problema seja um pouco maior: a barata (acho que não preciso lembrá-lo que foi este o modo pelo qual você se referiu às mulheres no momento em que aqui entrei) apareceu e não precisou de ninguém pra matar. (postagem em resposta a questionamentos sobre a seriedade da pesquisa em 15 de outubro de 2007)

Percalços, inesperados e imponderáveis, assim como todos os outros dados coletados, fazem parte de uma etnografia. De certo modo, alguns imprevistos podem se tornar importantes pontos de análise, colocando novas questões ou atualizando outras e, por este motivo, não devem ser excluídos do texto etnográfico. O objetivo deste capítulo é narrar uma de minhas experiências em campo – representada pela entrada em uma comunidade virtual composta apenas por homens – e a partir daí, discutir questões relativas ao posicionamento do pesquisador em campo e à maneira como convenções e categorias de gênero e sexualidade foram colocadas.

Antes de iniciar o relato, saliento que a escolha de comunidades compostas por homens não foi aleatória. Em primeiro lugar, é considerável a diferença entre o número de comunidades masculinas e femininas. Além disso, foi uma tentativa de estabelecer um exercício de alteridade, no qual, enquanto mulher, eu passasse a acompanhar comunidades de homens, lendo suas discussões e, em alguns momentos, participando delas.

Quando ainda estava no processo de seleção das comunidades e apenas as observava, decidi entrar em contato com os donos, falar da pesquisa e pedir autorização para acompanhar e participar das discussões. De alguns não obtive qualquer resposta, outros autorizaram minha participação e, no caso da *Eper*, meu pedido de participação foi negado. Apesar da rejeição, neste momento eu já mantinha contato com membros da comunidade, entre eles, Garçon, um dos moderadores. Em uma conversa por e-mail, perguntei a ele por que não havia sido aceita na *Eper* e, ao que parece, um dos moderadores havia rejeitado meu pedido por pensar que eu fosse um perfil *fake*. Como Garçon estava devidamente informado sobre a pesquisa, logo depois deste e-mail fui aceita, não apenas como pesquisadora que observa a comunidade e conversa fora dela com os membros, mas também como membro, teoricamente em situação igual a de todos os outros. Ora, numa comunidade composta apenas por homens, ser mulher causa reações diversas. E, ao ser aceita, passou a existir a prerrogativa de que, além de adicionar a comunidade e realizar a observação, eu deveria participar das discussões do fórum.

A partir do momento em que me tornei parte da comunidade e a observação participante enveredou por caminhos inesperados, passando a incluir uma participação efetiva - discutindo com eles no fórum, criando tópicos, participando dos jogos -, senti como se tivesse uma responsabilidade extra: além de ser apenas uma espécie de *voyeur* das discussões e comportamentos apresentados pelos membros, eu passava a ser parte deles. Mas uma parte bem peculiar, eu diria. Em primeiro lugar, pelo óbvio: eu era uma mulher no meio de homens, discutindo assuntos do “*universo masculino*”. Logo ficou claro que, para alguns membros, uma mulher discutindo assuntos masculinos não era desejável e nem aceitável.

Ao ser apresentada à comunidade em um tópico aberto por Garçon, foram diversas as opiniões, sendo que a maioria se mostrou favorável à presença e à participação de uma mulher. Concordo com Pratt (1986) quando ela afirma serem essenciais em uma etnografia os relatos de chegada (*arrival stories*) ou inserção no campo. De acordo com ela, estes relatos, marcados muitas vezes por uma grande dose de autobiografia, são índices que conferem autoridade ao etnógrafo, além de posicionarem os atores dentro da etnografia: o etnógrafo, o “nativo” e o leitor. Assim,

*Even in the absence of a separate autobiographical volume, personal narrative is a conventional component of ethnographies. It turns up almost invariably in introductions or first chapters, where opening narratives commonly recount the writer's arrival at the field site, for instance, the initial reception by the inhabitants, the slow, agonizing process of learning the language and overcoming rejection, the anguish and loss at leaving. Though they exist only on the margins of the formal ethnographic description, these conventional opening narratives are not trivial. They play the crucial role of anchoring that description in the intense and authority-giving personal experience of fieldwork. Symbolically and ideologically rich, they often turn out to be the most memorable segments of an ethnographic work – nobody forgets the frustration-ridden introduction to Evans-Pritchard's *The Nuer*. Always they are responsible for setting up the initial positionings of the subjects of the ethnographic text: the ethnographer, the native, and the reader.*

Caminha neste sentido o tópico em que foi anunciada minha entrada na *Eper*. Como momento iniciático, ele possuiu um enorme significado dentro de minhas posteriores atitudes na comunidade, bem como nos posicionamentos adotados pelos membros, confrontados com a presença de uma mulher entre eles. Passando ao polêmico tópico - foram mais de 100 opiniões postadas em menos de 48 horas - de minha apresentação, inicio com a postagem de Garçon, o responsável por minha

aceitação na *Eper*. Ele providencialmente intitulou o tópico de “Eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas!”, demonstrando a iniciativa de abarcar na comunidade as vozes e os discursos de todos, independentemente de seu sexo biológico. Reproduzo o que Garçon escreveu naquele momento:

Meu povo, minha pova...

Muito provavelmente, à partir de hj, alguns tópicos serão abertos por mulheres. Já recebi anteriormente algumas confissões de mulheres que se dizem muito interessadas, porém receosas de participar da comunidade, e ainda mais de abrir tópicos. Não venho aqui, necessariamente (até pq não tenho esse direito) pedir que vcs participem dos tópicos abertos por mulheres, mas sim, venho pedir pra que vcs respeitem a participação delas e seus respectivos tópicos. É sempre interessante (e produtivo) se colocar no lugar do próximo. E aqui, uma comunidade formada por pessoas que potencialmente sofrem mais preconceito do que a maioria das outras pessoas, é o lugar perfeito para acolher bem respeitosamente todos os tipos de pessoas. Dou as boas vindas oficialmente à todas as mulheres que querem participar ativamente da comunidade, e em especial a uma que está fazendo uma trabalho maravilhoso, que é a Carolina. [aqui ele colou o link para meu profile]. Ladies (me refiro às originais [emoticon de sorriso]), aproveitem a EPER e sintam-se à vontade, pois no fundo no fundo, estamos todas aqui em uma grande grupo feminino. [emoticon de piscadela]. Welcome!!! (Garçon em 26/04/2007)

É possível notar a preocupação de Garçon com a manutenção do respeito às mulheres (a mulher, no caso) participantes da comunidade. Minha chegada ao grupo representou, de certo modo, uma novidade: até então, nenhuma outra mulher (nomeadas por Garçon de “originais”) havia participado dos debates. Foram e são comuns perfis *fakes* de personagens femininos, mas, até onde pude averiguar, os criadores de todos eles são homens.

A postura de respeito foi reiterada em variados tópicos pelo próprio Garçon e também por outros membros. Em um dado momento, eles estabeleceram uma política

de luta contra o preconceito dentro da comunidade. E este preconceito tinha muitas faces: discriminação contra mulheres (e posturas consideradas femininas), chacota com perfis alheios, comentários pejorativos sobre portadores de HIV/Aids. Além de respeito, pedia-se alteridade e a aceitação do outro nas suas diferenças e também em suas semelhanças.

Em relação às ressalvas apresentadas à participação de mulheres, o principal argumento utilizado foi o de que aquela era uma comunidade de homens, para homens discutirem assuntos de homens. Como eu não estaria familiarizada com estes “assuntos de homem”, minha interferência nas discussões não era bem-vinda. Além disso, haveria o risco de que eu, enquanto *outsider*, “exotizasse” os comportamentos descritos, tratando-os como “bichos estranhos”. Mouse e Perseu, por exemplo, mostraram-se incomodados com mulheres na comunidade (é interessante que tempos depois Mouse passou a falar comigo e me adicionou como amiga):

Eu adoro mulher! Elas são mais lindas esteticamente que os homens, além de terem uma presença e um lado intuitivo mais agradável, mas... O nome da comunidade é EPER... Geralmente, não gosto de mulher que só tem amigos gays. Mulher que não tem amiga mulher é esquisita. Não gosto quando uma mulher escreve que prefere a opinião de gays porque eles são mais sensíveis, mais compreensíveis, mais 'qualquer outra coisa boba'... Quem disse que gay tem de ser mais sensível, mais delicado, mais suave? Meu cacete duro pra quem vier com conversa mole pra cima de mim. Hauhauhauhau! E não gosto de mulher que vem me pedir opinião sobre o 'bofe' dela... Hoje estou 'atacada'... Minha opinião é a de que essa comunidade seja composta por HOMENS. Daqui a pouco vamos estar trocando receitas de bolo... Eu já disse: adoro as mulheres e as acho muito mais lindas que homens, mas não gosto de mulher que quer ter amizade somente com gays porque "eles são mais sensíveis e compreensivos..." O cacete bem duro pra quem pensa assim! (Mouse em 27/04/2007)

Sem problemas. Curioso é que faço parte de uma comunidade que é um verdadeiro clube do bolinha hetero, com milhares de membros sendo que apenas uma meia-dúzia é mulher e nenhuma participava dos tópicos, com mais de cem membros ativos homens imaginem a bagunça que era. Eis que surge uma garota e resolve participar ativamente, no início virou deusa da comunidade, todos a tratavam com cavalheirismo. Até que ela começou a dar seus toques femininos a comunidade e alguns dos machões começaram a ficar importunados, alguns até discutiram com ela. E a inteligente teve a brilhante idéia de fazer uma enquête pra eleger o membro mais bonito da comunidade, os caras zoaram a garota e deletaram a enquete. Eu não ligo de ter mulher aqui, mas na minha opinião uma mulher entrar em assuntos masculinos sejam gays ou heteros não dá, nunca deu e nem nunca dará certo. Uma mulher num ambiente com 20 homens consegue tirar a naturalidade de todos eles, já trabalhei numa repartição, isso uns 10 anos atrás, onde trabalhavam 16 homens, o dia inteiro era zoação, baixaria, palavrão. Tiveram a brilhante idéia de botar uma mulher e o ambiente se transformou de bagunça total a sala de espera ou velório, silêncio total, ninguém mais zoava ou ria nem falava besteira. É isso o que penso. (Perseu em 27/04/2007)

Os dois depoimentos mostram que para eles mulheres são lindas, inteligentes, legais, sensíveis, intuitivas, mas em um ambiente fora da comunidade. Ao elencarem esses adjetivos como definidores das mulheres eles se utilizam de um convencionalismo extremo, no qual existem características próprias de homens e aquelas próprias de mulheres, bem como as categorias fechadas e homogêneas “os homens” e “as mulheres”.

Acho marcante na fala de Mouse o uso em maiúsculas da palavra “homens”, gesto que pode ser interpretado como uma tentativa de reafirmar que ali dentro os homens têm voz, eles são os participantes. É como se minha presença, enquanto mulher e não portadora de um pênis, desestabilizasse a organização da comunidade. Havia um medo de que eu pudesse modificar o rumo das discussões e os comportamentos adotados. É como se existissem assuntos de homens e assuntos de

mulheres, sem que entre eles houvesse qualquer coincidência ou interpenetração. A meu ver, o que ocorreu foi uma atualização e exacerbação de categorias e convenções de gênero do *off-line* baseadas nos binarismos, no falocentrismo e na essencialização de um ser homem e ser mulher, bem como das posturas esperadas de ambos os lados.

Entendo gênero como constituído sempre a partir de relações: ele é processual (*gender-in-the-making*) e não algo dado de antemão. Nesta perspectiva, o gênero aparece diretamente relacionado com o processo de constituição das subjetividades:

Gender is always a relationship, not a preformed category of beings or a possession that one can have. Gender does not pertain more to women than to men. Gender is the relation between variously constituted categories of men and women (and variously arrayed tropes), differentiated by nation, generation, class, lineage, color and much else. (Haraway, 1997, p. 28)

Nos termos de Judith Butler (2003) é como se houvesse na *Eper* uma matriz de inteligibilidade na qual se opera a partir de uma estrutura binária que separa os sujeitos entre aqueles que possuem um pênis e aqueles que não o possuem. Este falocentrismo pode ser entendido como um regime de poder/discurso que organiza as relações estabelecidas dentro do grupo e exige determinadas maneiras de atuação de seus membros. Assim, a presença de uma mulher desestabilizou esta matriz e fez com que rearranjos fossem realizados.

Chama a atenção, se forem levadas em consideração a composição da comunidade e as escolhas sexuais e afetivas de seus membros, a manutenção e reiteração de uma série de preconceitos contra a mulher. Surpreende encontrar posturas misóginas – e de uma misoginia exageradamente convencional – entre

homens gays e bissexuais, também eles suscetíveis a serem enquadrados em uma série de estereótipos, convenções e preconceitos.

Mas não apenas a figura da mulher foi rejeitada. Na fala de Mouse, fica claro que houve um repúdio à associação de homens com características femininas – também elas marcadas pelo convencionalismo: por serem gays, não necessariamente são sensíveis, compreensivos e trocam “receitas de bolo”. Como rejeição a esta feminização, ele mostra o símbolo fálico, o “cacete bem duro”, exatamente o que eles tomam como símbolo de masculinidade e como meio de diferenciação entre homens e mulheres: ter ou não um pênis.

Após alguns comentários, fiz uma postagem em que explicava melhor o porquê de minha presença na comunidade, além de reiterar que não pretendia interferir no andamento das discussões:

Eu entendo que a presença de uma mulher aqui é algo diferente. Tb compreendo perfeitamente que isso divida as opiniões. O que gostaria de manifestar com este post é que espero que minha presença aqui não cause nenhum tipo de problema. Como vocês já devem ter reparado eu sou mto mais uma espécie de voyeur do que propriamente uma assídua participante das discussões. Mta coisa aqui não cabe a mim opinar, então apenas observo. E se é uma preocupação pensar o que eu estou pensando ao ler determinadas coisas, eu não estou pensando nada, nem fazendo nenhum juízo de valor. No fundo, acho que não faz muita diferença pensar se somos homens ou mulheres se muito do que professamos ou acreditamos acaba recaindo em algo semelhante. E mesmo se recair em algo diferente, que bom! É sempre dialógico. Eu acredito que a diversidade é válida! E sei que muitos aqui tb... Obrigada mais uma vez. (postagem em 28 de abril de 2007)

Mas, assim que a discussão ficou acirrada, Karl – um dos maiores defensores de posturas de respeito e alteridade por parte dos membros - fez uma postagem a respeito das afirmações dos outros membros. Karl já me surpreendia desde quando eu apenas

observava a comunidade. E isto porque ele parecia ser sempre uma voz dissidente da maioria das opiniões, era um perfil *mask* e utilizava em seu perfil a foto de um conhecido assassino norte-americano. A impressão que ele me passava sobre sua presença na comunidade era a de incomodar, fazer com que todos ali pensassem melhor naquilo que defendiam em suas postagens. E ele nunca mediu palavras: escrevia sem se importar de parecer implicante, chato, intelectual em excesso ou irritante. Confesso que, apesar da recusa de Karl em ser um dos meus informantes, ele acabou se tornando um personagem importante em minha trajetória na *Eper*. Em muitos momentos, ele, Garçon, Gustavo, Xande e Moisés – o dono da comunidade - foram os que me fizeram ter coragem de postar e realmente participar de algumas discussões. Duas postagens de Karl são reveladoras da busca de uma posição democrática e de uma visão diferente das mulheres e também das categorias, classificações e rótulos ali utilizados.

aqui tem bicha que não é bicha. homem que não é homem. gente estranha que não sabe o que é ainda. colônias de chatos que agarram e não soltam mais. mulher seria problema? pelo contrário. o que importa é o que elas trazem pro debate, as idéias que apresentam, a capacidade de dialogar. reprimir, cercear, impôr é coisa de frustrado. e acho que aqui, queremos justamente o contrário: liberdade de expressão pra um e liberdade de expressão pra outro. bem-vindas e façam muito barulho. nem que seja pra irritar os chatos. prometo que eu ajudo.

e agora, lá estamos nós discutindo as imagens etéreas que temos do que é ser homem e do que é ser mulher. como mulher ainda é vista como ameaça tanto pra alguns gays quanto pra alguns héteros, parece que a masculinidade fica ferida se abirmos espaço pra elas, que VÃO OBRIGATORIAMENTE interferir em nossos assuntos - note a assertiva peremptória do verbo. de onde vem tanta misoginia? só pode ser do mesmo lugar dos outros preconceitos: do medo de algo diferente, de não saber como lidar. e de não querer descobrir como fazer. a imagem que se tem na cabeça domina a imagem veraz que realmente existe. e vence aquilo que o indivíduo quer acreditar, não aquilo que é verdadeiro. eu, no fundo, acho isso ingênuo. porque torna as

peessoas fáceis de enganar.é só dizer aquilo que elas querem ouvir.e como elas só querem ouvir uma única coisa, caem fácil.quantos aqui realmente são o que dizem ser?eu por exemplo,sou hétero.e tenho um sorriso de parar batalhão.mentira.e sou uma loura escultural.puta e devassa.mentira.sou uma bichinha pobre, feia e recalcada.mesmo usando uma foto verdadeira, eu posso me reinventar em mil, mentir a mil, esconder a mil.então será a presença OFICIAL de mulheres que vai tirar a legitimidade dos debates? (Karl em 28/04/2007)

Nestes excertos ficam claros os questionamentos feitos por Karl em relação às visões cristalizadas e essencialistas de mulheres, baseadas em determinadas imagens de feminilidade, sensibilidade e, portanto, ameaça à masculinidade. O que ele questionou foram todos os rótulos que dividem, segregam e discriminam, mostrando ser possível uma série de variações e construções de si mesmo. E estas possibilidades de construção seriam maximizadas pelo virtual a partir da prerrogativa de que ali seria possível se “reinventar a mil”, com a conseqüente dificuldade de discernir o inventado do verdadeiro ou mesmo quem seriam as pessoas por detrás de cada perfil.

Mesmo com as postagens de Karl em defesa da presença de mulheres, os incomodados com essa situação continuaram a se manifestar. Em geral, eles reiteravam que a comunidade era destinada a homens e seus assuntos, sendo que mulheres (chamadas até mesmo pelo nome “baratas¹⁸”) estariam fora de seu “ambiente” e deveriam procurar comunidades específicas. Do mesmo modo, como houve a manutenção de rótulos, outros membros seguiram argumentação de Karl e pediram posturas mais receptivas e menos preconceituosas, pois o que importava

¹⁸ Em sua postagem no tópico de minha apresentação, Colin assim se manifestou: *Tudo muito bom, tudo muito ótimo... Mas quem mata a barata, se aparecer alguma?* (Colin em 24 de abril de 2007)

mesmo não era o sexo biológico, ser mulher ou ser homem, mas sim, as idéias debatidas¹⁹.

Tempos depois de meu ingresso na *Eper* dois tópicos voltaram a discutir isto que Karl chamou de *imagens etéreas* de mulheres. O primeiro tópico, postado por Marcos – considerado um dos mais bonitos membros da *Eper* e conhecido por seu namoro perfeito (“o casal 20”) com Bruno, também da comunidade – intitulava-se “Pontos POSITIVOS e NEGATIVOS de ser homem”. A idéia do tópico era discutir as vantagens e desvantagens de ser homem, mas tudo recaiu em uma discussão das vantagens de ser homem ao invés de ser mulher. Ficou claro na postagem que circulavam na comunidade imagens fixas de mulheres e homens, sendo que as mulheres estariam sempre em uma posição inferior ou desvantajosa em relação a eles. Em algumas postagens senti que o que estava sendo escrito eram indiretas referentes à minha presença. Tempos depois, o mesmo Marcos lançou outro tópico em que desmerecia e fazia chacota de *profiles* de pessoas consideradas “feias” ou “bizarras”. Ele acabou recebendo uma advertência da moderação e parou de participar por um tempo da comunidade. Reproduzo seu discurso no tópico sobre vantagens e desvantagens de ser homem:

Então... tow inspirado hoje (80% é lixo, mas e daí? ¬¬).Mulher se fode literalmente unicamente pelo fato de ser MULHER.Oq eu penso: mulher engravida (-_-), menstrua (sem comentários), cólica atrás de cólica, é apenas PASSIVA (uhaehuehuaeuheahua coitadas) e sempre há aquela coisa de "mulher tem q ser submissa ao marido ¬¬" ... dentre outros pontos negativos que tow sem saco de citar! Logicamente tem os pontos positivos sim.... mulher é SUPER bem tratada por homens e qualquer hra que quiserem fazer alguma coisa...os machos tao sempre la pra

¹⁹ *Aproveitando a presença da Carolina, me pergunto: e se ela estivesse usando um perfil falso, com foto de macho, ou mesmo de desenho animado, alguém aqui poderia identificar que se trata de uma mulher? O que, no texto dela, identifica que ela é uma mulher? Se o que importa são as idéias, e não as pessoas, pra mim tanto faz se é Carolina ou Pedrão do Pauzão. (Xande em 27 de abril de 2007)*

No caso eu referia-me a seres, por isso reprodutores. Isso não importa! O que importa é que vocÊS acham que mulher é puro sentimento e homem razão. Não é bem assim. Características há predominantes nos sexos masculino e feminino porém não existe a possibilidade de generalizarmos. Muitos homens não teriam competência para tornarem-se presidente do Brasil. Se uma mulher chegar a tal ponto é porque ela pode. Como eu já disse, eu tenho muitas características femininas. Por que eu não sei. Talvez o facto de eu ser gay passivo talvez isso não tenha nada a ver pois muitos heterossexuais também têm características femininas. Algumas mulheres quando estão no comando são mais racionais (e duronas) do que homens. Acredito que isto esteja mais ligado à educação (cultura). Se eu não soubesse que você é gay, Marcos, eu acreditaria que você é hetero. São características suas. Eu, no entanto, sou gay, mas não sou igual a você embora eu seja homem. Acho que a cultura (não no sentido conhecimento) é o fator que nos diferencia. Talvez eu me aproxime mais em características da Carol do que o Mar... talvez o Mar tenha mais características femininas do que a própria Carol cuja personalidade e qualidades podem se aproximar digamos, do Mouse. Baseando-se nas generalizações eu acho que ser mulher deve ser muito melhor do que ser homem contudo isso tem a ver com o que eu penso com o que eu desejo. Não gosto de ser ativo, seria ótimo eu sair com um homem e deixá-lo à vontade para comandar. Os homens têm a vantagem de não menstruar e de não carregar filhos por nove meses (sem contar as inconveniências que isso acarreta), mas os homens têm a responsabilidade de sustentar, proteger, prover prazer e carinho (coisa que muitos não gostam sabe-se lá o porquê!) e serem sempre fortes. As mulheres têm que ser protegidas, amadas, defendidas e endeusadas (as sociedades assim procedem) pois são mais delicadas, mais sensíveis, mais frágeis (padrões culturais e físicos) etc. Sem contar os pormenores da vida: mulher atrai homem (mesmo as mais feias – literalmente elas têm a tão invejada por nós, gays, a perseguida!), aliás os melhores. As mulheres têm muitas opções de roupa (rsssss), nós não! E muitas outras coisas. (Gatinho em 23/05/2007)

Mesmo após essa postagem de Gatinho, Marcos continuou enumerando os pontos negativos de ser mulher e foi seguido nesse argumento por alguns outros membros. Um deles, por exemplo, referiu-se ao corpo feminino como “carne de segunda”, que vira “um monte de celulite”. Marcos – endossando sua posição de repúdio – fechou o tópico com a seguinte afirmação sobre “vaginas”: esse **MONSTRO**

não me atrai, não me dá tesão e eu não sinto A MÍNIMA falta, se homem tivesse isso... eu não iria curtir macho, viraria assexuado! ^_^ (Marcos em 25 de maio de 2007).

O que as passagens acima ilustram é a repetição da postura misógina de muitos membros da *Eper*: Mulher é vista como inferior, submissa, a que menstrua, tem os piores empregos e engravida. Ao homem resta ser forte, viril, dominador. E, de certo modo, na demarcação de características femininas e masculinas, pode ser notada uma rivalidade desses homens gays com as mulheres, as quais, por possuírem uma vagina teriam mais facilidade em conseguir homens e relações sexuais com eles. As mulheres seriam, então, competidoras na busca por homens.

Passado algum tempo deste tópico, outro membro, Tatá – um *fake* que normalmente só postava tópicos com brincadeiras – lançou uma postagem chamada “Vagina Apetitosa”. O objetivo era saber o que todos ali pensavam sobre a vagina: se gostariam de ter, se “sentiam NOJO”, se já haviam “chupado”, se já haviam “fodido” uma. Grande parte dos comentários dizia ser a vagina algo nojento, com cheiro e gosto ruins. O mais interessante é que os que disseram ter nojo nunca haviam experimentado nenhum tipo de relação com mulher. E, por mais que o assunto fosse vagina, os comentários iam além e dirigiam críticas às mulheres enquanto portadoras de uma vagina. Karl mais uma vez se manifestou mostrando estar realmente disposto a continuar sua luta discursiva contra os preconceitos e contra o ressentimento – explicitado ou não – com as vaginas. Ele escreveu,

Misoginia tem cura? acho que não, infelizmente. a todos os amiguinhos que dizem ter nojo e aversão por vaginas, lembrem que no mundo hétero puritano, cu é a coisa mais suja que existe. e se a idéia de dois homens juntos já é nojenta pelo que encerra, imaginar que alguém chupe

um cu, dede ou penetre é inconcebível. o hilário é que a gente sempre acha os outros ridículos e esquece que eles acham o mesmo da gente. porque a verdade sempre é uma única: a própria. (Karl em 23/06/2007)

Desde que este tópico foi lançado, senti que havia uma mensagem subliminar de repúdio à minha presença na *Eper*. Em alguns pequenos comentários, aparentemente sem qualquer maldade, posturas preconceituosas e misóginas foram retomadas, de modo a deixar claro que para alguns apenas as opiniões de homens seriam aceitas. E eu, a mulher, não era levada a sério. Isto aconteceu, por exemplo, em tópicos sobre assuntos diversos nos quais postei, mas fui ignorada. Era como se eu não estivesse ali. Ou então quando apareciam postagens questionando meu trabalho e colocando dúvidas sobre o que eu faria com os dados coletados, como exemplifica o texto que abre este capítulo. Ou mesmo em ataques *fakes* ao meu perfil, no qual eram postadas frases preconceituosas, com xingamentos e palavrões.

Apostando na possibilidade da dialogia durante a realização do trabalho de campo, vali-me da condição de membro da comunidade e, além de participar de discussões, brincadeiras e jogos, cheguei a lançar alguns tópicos para a discussão. Na maioria deles a participação foi baixa, destoando do restante do fórum.

Pensando nestas relações de poder envolvidas nas interações estabelecidas entre os membros e entre eles e eu, são interessantes as sugestões de Gupta e Ferguson (2000). Eles advogam a necessidade de levar em consideração o poder não apenas no momento da representação. A diferença cultural é sempre produzida em um campo de relações de poder. E é exatamente o caráter contingente destas relações que permite substituir uma grade única sobre a qual se inscrevem as diferenças, por grades múltiplas onde marcadores como gênero, classe, raça e sexualidade são considerados.

De modo semelhante, Brah (2006) reitera a importância de levar em consideração nas análises os diferentes marcadores de diferença, pensando em suas intersecções e não em cada uma delas como variáveis independentes.

Na *Eper* os laços de sociabilidade também estão inscritos em relações de poder e a comunidade aparece dividida de diferentes modos e seguindo diversos fatores. Em primeiro lugar, porque existe uma hierarquia de posições dada pelo próprio programa: existe um dono, moderadores e o restante dos membros. O dono é o único capaz de realizar qualquer mudança na comunidade e em suas diretrizes e decidir quem participa ou não das discussões, seguido pelos moderadores. Os outros participantes podem opinar, mas eles não decidem os rumos da comunidade. As relações de poder também aparecem na divisão da comunidade em grupos menores, seja esta divisão dita ou implícita. Por exemplo, quando se fala na divisão entre intelectuais e miguxos (abordada no capítulo 5), há relações de poder subliminares, fazendo com que os dois lados se diferenciem pelo discurso mobilizado e mesmo pela maneira de vivência da sexualidade. No caso da divisão entre *fakes/maks/oficiais* (enfocada no capítulo 4) também aparece uma hierarquização, na qual o marcador de diferenciação é a autenticidade. Nas relações que estabeleceram comigo emergem diferenciações de poder. Por ser mulher, eu estaria em uma posição diferente e até mesmo inferior dentro da comunidade: quem tem voz ali dentro são os homens. No meu caso específico, pela junção de outros fatores, houve uma dosagem nestas relações, visto que fui associada com os intelectuais e, posteriormente, alocada como moderadora. Por mais que houvesse oposições à presença de uma mulher, elas foram parcialmente silenciadas após minha entrada para a moderação. Acredito que isso se deu porque a escolha do novo moderador foi feita por Moisés e Garçon, naquele momento os responsáveis pelas

decisões e rumos da comunidade e também porque, como moderadora eu passaria a ter voz nessas decisões, além de ter a possibilidade de aprovar tópicos e membros, ou mesmo, excluí-los. Mas, ainda assim, nem todos aprovavam minha presença no grupo e as críticas, quando existiram, foram feitas de modo mais velado ou através da já citada comunidade “No Escuro”²⁰, criada por membros dissidentes da *Eper* para difamar, criticar e agredir a moderação e os membros mais participativos.

Comecei a fazer parte da moderação após o primeiro orkontro realizado em São Paulo. Suponho que o *off-line* foi parte importante na escolha do meu nome, visto que ajudou a comprovar a imagem que construí na comunidade através do meu avatar. Além disso, pude conversar com Moisés e Garçon – os dois moderadores naquele momento - mais demoradamente e assim fornecer maiores detalhes da pesquisa e de minhas intenções. Soma-se a isso a reestruturação pela qual passava a *Eper*, sendo que uma das metas era combater as posturas discriminatórias e entre elas estavam os preconceitos contra mulheres. Entre as novas diretrizes estava prevista a auto-gestão. Com isto, cada membro passava a ser responsável pelo que escrevesse, sendo a ação da moderação usada apenas em casos extremos ou que violassem o código de conduta do Orkut (preconceito, pedofilia, abuso sexual, discriminação, racismo, homofobia).

²⁰ Foi criado nesta comunidade um tópico intitulado “Alguém aqui não vai com a cara da Carol?”. Exemplifico com algumas das postagens:

Olha, dificilmente sou de implicar com alguém, mas essa Carol moderadora da EPER é algo que simplesmente me dá NOJO, eita gordinha sem-graça pseudo-intelectual... (Anônimo em 1 de abril de 2008)

Gente, ela vai incluir a eper na tese dela...ela faz facul de quê? De veterinária? QUE PESSOA LOUCA É ESSA? (Anônimo em 2 de abril de 2008)

Onde a educação no Brasil foi parar? Fazer uma tese de mestrado sobre os fakes de uma comunidade do Orkut como a EPER? Nossa! Isso é de grande valia para a sociedade! (Anônimo em 2 de abril de 2008)

Durante uma crise provocada por *fakes*, Karl e Xande sugeriram que a moderação deveria incorporar mais um membro, mas alguém que eles chamaram de “neutro”. De acordo com Xande, eu seria a escolha ideal por quatro razões: como pesquisadora, eu teria a distância ideal necessária para exercer um papel de moderação/mediação; eu era mulher e, por isso, dificilmente me envolveria emocional e sexualmente com qualquer um dos membros; meu papel era pouco intromissivo, já que eu mais lia do que postava nos tópicos e meus textos eram “pontuais” e sem agressividade.

Algumas semanas após o Orkontro, recebi o seguinte depoimento de Moisés: *A PERGUNTA QUE HÁ TEMPOS QUERO FAZER PARA VC: Aceita dividir a moderação da EPER com o Garçon?!*

Ao receber o convite meu primeiro pensamento foi a respeito das possíveis conseqüências que adviriam da aceitação da nova posição na comunidade. Apesar de receosa, resolvi aceitar, pelo menos como um teste. Tive medo da reação do restante do grupo. Afinal, eu ainda era uma mulher no meio de mais de três mil homens. E uma mulher que teria, dentro da hierarquia do Orkut, poderes e alguma voz sobre a comunidade. O moderador tem a possibilidade de junto com o dono decidir alguns dos rumos do grupo e por isto falo em uma diferenciação de poderes: adicionar ou recusar membros; expulsar membros que violem alguma das diretrizes; apagar tópicos ou postagens consideradas inadequadas. Expliquei a situação a Moisés e perguntei quais seriam as atribuições de um moderador. De acordo com ele,

ter te conhecido pessoalmente pesou demais na decisão....estávamos entre 3 nomes: vc, Gustavo e Rui....discutimos e acabamos decidindo que vc é a mais indicada para tal cargo. Faz

parte das mudanças que iniciaram há cerca de 3 meses: comunas relacionadas foram mudadas, regras reformuladas, moderadores retirados e novos moderadores indicados. Concluirei as mudanças em setembro com o aniversário de 3 anos da EPER, trocando o logo da comuna após votação de escolha. Queremos dar um ar de "maturidade" para a comunidade....vamos ver se vai dar certo...até agora tem dado.... o trabalho é basicamente monitorar a comunidade. Com as novas diretrizes, sobram aos moderadores a tarefa de agir somente em casos em que a segurança da comunidade ou dos membros estiver em questão ou em casos extremos em que haja uma intervenção da moderação de maneira obrigatória. Fora isso, o trabalho é o de limpar mensagens eletrônicas (que não tem ocorrido) e deixar a discussão rolar solta, já que estamos numa comuna auto-regulada. (Moisés em 21/06/2007)

Reproduzo abaixo (tentando seguir a ordem da apresentação das falas como ocorre na comunidade), para ilustrar a minha posição naquele momento, algumas das postagens do tópico, chamado por Moisés de “Comunicado da moderação”, em que fui anunciada como moderadora:

Moisés: “Como parte das mudanças que estão ocorrendo gradativamente na comunidade, estou apresentando a vocês o mais novo moderador da EPER que irá dividir o trabalho comigo e com o Garçon. A decisão surgiu a partir da escolha de 3 nomes que estavam cotados para dividir a moderação e que foi discutido entre mim e o Garçon. (...) Os 3 nomes eram: GUSTAVO, CAROL e RUI... Para a função de moderador escolhemos o nome da CAROL... A partir de hoje ela divide o trabalho comigo e com o Garçon de coordenar o HOSPÍCIO VIRTUAL chamado EPER... rrsrrsrrsrrsrr. (20 de junho de 2007).

*Mouse: “Eu protesto!!! Eu não conheço nenhum dos três e não quero uma mulher como mediadora numa comunidade que tem o nome de **Eper**. Quem você pensa que é, Moisés? Moisés responde: o dono da comunidade, Mouse! Mouse rebate: mas é preciso levar a votação ao conselho!” (20 de junho de 2007)*

Guga: “Ah Mouse para!! Mas aí que está a graça. Não conheço a Carol. Mas NÃO vejo nada demais em ter uma mulher de verdade entre nós. É gratificante ter uma mulher. Eu gosto e me

sinto bem. Afinal... as vezes dá NOJO ficar só entre gays. Ainda mais uma beeshas asquerosas que tem aqui na eper. Se fosse só caras legais e bacanas assim como vc Mouse e outros, tudo bem. Por mim, a Carol fica e PONTO!" (20 de junho de 2007)

Xande: "Vai perder, Mouse. Se for por voto, a Carol ganha disparado." (20 de junho de 2007)

Mouse: "Não posso faltar com o respeito e dizer que comerei a Carol da mesma forma que faço com a Danielle. Se ela está sendo cotada, é porque demonstrou algo positivo por aqui. Mesmo reconhecendo o valor da colega, eu PROTESTO ASSIM MESMO !!!! (20 de junho de 2007)

Mesmo como moderadora, não passei a ser vista por eles como igual, já que, ainda assim, eu era uma mulher e estava no grupo com objetivos diferentes daqueles dos membros. A vantagem de compor a moderação foi permitir que eu tivesse uma visão melhor do funcionamento da comunidade: primeiro como membro e depois os bastidores de onde partiam as decisões. Por meio de conversas com Garçon em alguns de nossos encontros *off-line*, soube que quando entrei na comunidade existiu uma mobilização e articulação daqueles conhecidos lá dentro como "intelectuais" (Moisés, Karl, Xande, Garçon) para que eu fosse aceita e permanecesse. De acordo com Garçon, *na época, 80% da importância de vc entrar era pra quebrar o preconceito contra mulheres na comunidade, e apenas 20% era pensando na pesquisa em si.*

Sem dúvida, estar na *Eper* e me afirmar ali dentro como pesquisadora e mulher envolveu um processo de constante negociação. Acredito que por isso surgiram todas as dúvidas e reflexões elencadas anteriormente, referentes especialmente a esta inserção em campo e às fronteiras e limites entre observação e participação. Vale ressaltar que nem sempre as respostas à minha presença foram negativas. Muitos

membros sempre demonstraram enorme respeito e cheguei a ser lembrada²¹ em dois momentos importantes da comunidade, quando foram listados os melhores momentos dos 3 anos de *Eper* e as situações marcantes do ano de 2007.

Podem argumentar que a presença do etnógrafo em campo sempre vai modificar a realidade social estudada, mas, neste caso, vejo essa modificação aparecer de forma nítida e com implicações diretas nos possíveis resultados das observações. Afinal, por vezes, fui citada nas discussões e mesmo questionada a respeito de determinados assuntos. Deste modo, precisei adotar uma postura, opinar, participar dos jogos, estabelecer relações, dialogar. Sobretudo dialogar. E para dialogar, um discurso é imediatamente acessado e manipulado. E eram estes discursos - o meu e o deles - que estavam se relacionando todo o tempo. Não apenas discursos, mas também códigos e signos compartilhados, os quais permitiram que se chegasse a algum entendimento. E, a partir do momento em que me tornei membro, o primeiro passo foi aprender estes códigos. Entre eles estão, por exemplo, um tipo específico de linguagem, utilizada por parte dos membros da comunidade em suas comunicações: o miguxês.

O miguxês era utilizado pelos participantes da *Eper* conhecidos como miguxos e associados com posturas mais sentimentais e meigas. É interessante notar que a comunidade foi dividida entre “intelectuais” e “miguxos”, sendo que o principal critério para sua diferenciação foi a adoção de performances mais masculinas (racional) ou mais femininas (sentimental). O miguxês seria uma das maneiras de expressar essas

²¹ Cito um desses momentos, durante a comemoração do terceiro aniversário da comunidade: *Gostei muito do ingresso da pesquisadora Carol. Gostei da maturidade (em diversos sentidos) demonstrado por ela. A ponderação, o respeito ao diferente, a cortesia, polidez e educação sincera demonstrada por ela é algo raro. Falo isto em função de fatos (é preciso evidências em uma visão positivista da vida), da forma como ela efetivamente se posicionou em diversos momentos aqui. Dizem que pessoas amadurecem precocemente (alguns nunca amadurecerão nesta vida) em função de uma educação especial, do sofrimento ou alguma outra questão metafísica (que eu não tenho parâmetros objetivos para explicar). Obviamente, como não tenho laços pessoais com ela (com ninguém no mundo virtual), não tenho a resposta. Era isto. Registre-se e publique-se.* (Tony em 12 de setembro de 2007)

posturas mais sentimentais. Por se basear em modificações na escrita das palavras, muitos membros da comunidade, assim como eu também, tinham dificuldades para decifrar o que estava escrito. Outros, ao contrário, mostravam bastante intimidade com o vocabulário utilizado. Transcrevo abaixo trechos retirados de um tópico no qual, em tom de ironia, os intelectuais eram chamados a se tornarem miguxos e aprenderem o miguxês (disponível em três dialetos – miguxês arcaico, miguxês moderno e neo-miguxês):

Em português inferior não-miguxo: Na próxima parada gay, vários membros da querida Eper se encontrarão para um encontro amigável. Finalmente poderei conhecer algumas pessoas. Estou particularmente curioso para conhecer o Moisés, que mora tão longe. E poderei reencontrar pessoas amigas e queridas. Pena que o Mau estará na CHINA e que o Karl more muito longe. Assinado Xande.

Em miguxês arcaico – dialeto ICQ: na proxima parada gay, varios membros da querida eper se encontrarao pra 1 encontro amigavel. finalmente poderei conhecer algumas pessoas. tou particularmente curioso pra conhecer o moises, q mora tao longe. e poderei reencontrar algumas pessoas amigas e queridas. pena que o mau tarah na china e q o karl more mto longe. assinado, xande.

Em miguxês moderno – dialeto MSN: na proxima paradeenha gay...varius membrus da kerida epe c encontraraum p 1 encontru amigaveu...finalmenti poderei konhece algumas pessoas...to particularmenti kuriosu p konhece u moises...ke mora taum longi...i poderei reencontrah algumas pessoas amigas i keridas...pena ke u mau tarah na xina i ke u karl more mtu longi...assinadu...xandi....

Em neo-miguxês – dialeto Orkut/Fotolog: Nah pRoxXximaH ParadeeNHaH GaY...variuxXx MembruxXx DaH kERIDAH epE SI ENcoNtrArAum prAh 1 EncoNTru amigaVEu...fInALMeNTi pOdeRei KoNheCE ALgUMaxXx PEXXOaxXx.....TOW paRTIcuLArMeNTi KuRIosu PRah KonHeCE U MoisexXx...ki MORaH tAuM lOnGi....I pOderEi rEenCoNTRAH ALgUMaxXx PeXXOaxXx MiGuxXxAxXx i KERIdAxXx....PeNAH Ki u MAUtARAh nAh xXxInAh i kI U KARL MoRE MTU LONGI...AXXiNaDU.... xXxAnDi..... (Xande em 31 de maio de 2007)

Aprender esses códigos, bem como as hierarquias que organizavam a comunidade, foi importante a fim de mostrar que apesar de ser mulher, possuir uma vagina, mas não ser redutível a ela, não ter comportamentos sexuais semelhantes aos deles e não estar na comunidade pelos mesmos motivos que todos, eu estava apta a participar. E, de algum modo, minha entrada significou uma grande mudança na comunidade: mulheres passaram a ser recebidas de uma maneira mais acolhedora e houve uma diminuição das posturas discriminatórias.

Capítulo 3

O virtual fragmentado: descrevendo um contexto

Acabo de criar minha conta número 2 no Orkut. Parei de usar a Carol Parreiras e, para a pesquisa, serei a Carolina Parreiras. Profile limpo, sem muitas informações para tentar ser o mais neutra possível e deixar meu lado pessoal o mais afastado quanto possível da pesquisa. Estou em dúvida a respeito do about me. Não sei se devo escrever o intuito da existência desse meu profile. Em teoria, seria o mais ético. Deixar claro desde o início quem eu sou e o que pretendo. Optei por deixar sem preencher por enquanto. Outra dúvida é em relação à ferramenta que acusa quem visitou o seu profile e que deixa marcada sua visita ao profile de outros usuários. Não sei o que fazer. Na verdade, não sei se estou pronta para falar com essas pessoas. No fundo, eu acho que eles vão apresentar ressalvas nesse diálogo. (trecho do meu diário de campo)

Minha entrada na *Eper* foi marcada por muitas dúvidas e inseguranças, algumas delas expressas no trecho do meu diário de campo transcrito acima. De certo modo, esses momentos iniciais fizeram parte de um duplo processo: por um lado, eu já estava inteirada dos mecanismos de funcionamento do Orkut e também de algumas possibilidades propiciadas pelo virtual; por outro lado, estar em uma comunidade e participar ativamente dela foi uma novidade, já que, apesar de estar no programa desde sua criação, nunca foi um hábito escrever e conhecer pessoas através dele.

Uma das características do *on-line* mais propagadas se refere à possibilidade de criação e recriação de “personas²²”. Utilizo este termo tomando como referência a discussão proposta por Guimarães Jr. (2000). Assim, ao falar em “persona” há a quebra de continuidade com o corpo físico *off-line*. Deste modo, um mesmo corpo físico pode se multiplicar em variadas “personas” que circulam/navegam nos diferentes ambientes

²² No capítulo 5, resgato a discussão a respeito do termo personas, buscando mostrar as diferentes maneiras pela qual se dá a apresentação e representação dos avatares (corpos virtualizados).

de sociabilidade encontrados no virtual. Foi a partir deste princípio de separação entre corpo físico e representação *on-line* que pude criar um perfil diferente e exclusivo para a realização da pesquisa de campo e com ele interagir com outros perfis dentro e fora da *Eper*.

Acredito ser importante compreender de que maneira processos como o que narro no trecho de meu diário de campo trazido são possíveis e foram observados durante a pesquisa, mostrando-se, inclusive, fundamentais para o entendimento da dinâmica da comunidade e das relações estabelecidas entre seus membros. Para tal, proponho dar alguns passos atrás e refletir acerca de aspectos mais amplos do ciberespaço e da cibercultura.

Pierre Lévy (2005) utiliza o termo cibercultura para nomear as manifestações próprias do virtual. Ela é composta por um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, valores, pensamentos que, unidos, criam um *universal não totalizável* – o ciberespaço. Há uma interconexão generalizada, mas não mensurável, que não exige o contato face a face ou qualquer materialidade física. A conexão se faz através de uma integração geral e qualquer pessoa, localizada em qualquer lugar do mundo tem acesso à mesma linguagem, à mesma escrita (que é gráfica, textual e até mesmo musical), aos mesmos hipertextos²³. Assim,

o ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o sistema do caos. Encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades do sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com o qual o próprio Dédalo não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da

²³ Um hipertexto é uma forma não-linear de apresentar e consultar informações. Isto quer dizer que a informação chega através de vários links, de várias páginas, de forma indireta.

*desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de “universal sem totalidade”.
Constitui a essência paradoxal da cibercultura. (LÉVY, 2005, p. 111)*

Apesar de serem referências costumeiras nas pesquisas com foco no virtual, muitas concepções apresentadas por Lévy precisam ser revisadas e criticadas. É notável, por exemplo, a visão positiva e celebrante do ciberespaço e da cibercultura apresentada por ele. Essa postura é declarada na Introdução ao livro *Cibercultura*, quando ele diz acreditar na capacidade da interligação global gerada pela internet de criar contatos amigáveis entre partes distintas do mundo, bem como de propiciar a “descoberta pacífica de diferenças”.

Pelo contrário, a internet, por mais que amplie as possibilidades de interação e contato, também exclui pessoas. Minha experiência é, então, exemplar e corrobora essa constatação. Volto ao trecho do meu diário de campo que abre este capítulo. Nele estão expressas várias de minhas inseguranças relativas, principalmente, ao que colocar ou omitir na montagem do perfil e à recepção do mesmo entre aqueles com os quais eu tentaria estabelecer diálogos. O medo de não ser aceita, por quaisquer que fossem os motivos, atesta minha percepção de que existiam inúmeros obstáculos e exclusões dentro do Orkut e que esta suposta igualdade de todos os seus usuários não era concreta. E isto se provou verdadeiro tempos depois: ao tentar entrar em uma comunidade e participar de suas discussões, diversas barreiras apareceram, sendo a mais notável delas o fato de eu ser reconhecida enquanto mulher.

A posição adotada por Lévy de celebração do caos, dessa superposição de sistemas em desordem e do acesso ilimitado é, então, contestável. É inegável que a internet rompe com os obstáculos espaço-temporais, mas ela ainda mantém fronteiras, separações, segregações e diferenças no mais das vezes nada “pacíficas”.

Ainda entre os esforços por definir a cibercultura, Escobar (1994) afirma que ela se refere ao surgimento e à utilização de novas tecnologias em duas áreas: a inteligência artificial (onde entram o ciberespaço e a internet) e a biotecnologia. Esta cibercultura tem como base uma matriz social e cultural da modernidade (em alguns momentos vai contra esta matriz, chamada pelo autor de “background of understanding”) e implica em novas maneiras de se comunicar, trabalhar e ser. Para o autor, é fundamental a uma antropologia da cibercultura tentar entender a “natureza” da modernidade.

Escobar (1994) cita vários autores que procederam a caracterizações da modernidade, entre eles Foucault, Habermas e Giddens. Parece-me, no entanto, que ele adota uma concepção de modernidade encontrada em Michel Foucault. Nessa perspectiva, o chamado período moderno poderia ser caracterizado por arranjos de vida, trabalho e linguagem específicos materializados a partir de práticas e discursos (entre eles o científico), que produzem e regulam a vida e a sociedade.

A modernidade é essencial para as proposições de Escobar (1994) devido à grande importância adquirida pelos discursos científico e tecnológico. Desse modo, na modernidade, vários aspectos da vida – saúde, conhecimento, trabalho, corpo, espaço e tempo – passaram a ser apropriados e, conseqüentemente, ditados pelo discurso da ciência. Assim, é central na “ordem moderna” (p.213) a relação entre ciência, tecnologia e cultura. Para entender a ligação entre estes três pólos, Escobar parte das formulações de Heidegger, para quem a tecnologia representa uma “prática paradigmática” da modernidade responsável por criar novas realidades e novas maneiras de ser.

Apesar de ter sido gerada em uma matriz de conhecimento da modernidade, a cibercultura criaria uma nova ordem. O papel dos antropólogos dedicados ao seu estudo seria, portanto, o de entender as especificidades e os significados das mudanças em noções fundamentais e convencionais e também de pensar a adequação de conceitos antropológicos tradicionais às novas realidades. Assim, afirma Escobar,

Cyberculture, moreover, offers a chance for anthropology to renew itself without again reaching, as in the anthropology of this century, premature closure around the figures of the other and the same. These questions, and cyberculture generally, concern what anthropology is about: the story of life as it has been lived and is being lived at this very moment.” (ESCOBAR, 1994, p. 223).

Já o termo ciberespaço surge na década de 80 com o clássico da literatura cyberpunk *Neuromancer*, de William Gibson. O livro conta a história de Case, um *cyber-cowboy* (ou hacker) que, devido à exposição a uma micotoxina, sofreu danos cerebrais que o impediam de se conectar ao ciberespaço. No livro as conexões eram feitas através da interface cerebral ²⁴ e, ao se conectar, Case entrava dentro desta matriz de dados em circulação. Logo no início da obra, quando Case é apresentado aos leitores, o nome ciberespaço (cyberspace) aparece pela primeira vez:

O ciberespaço. Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças aprendendo altos conceitos matemáticos...Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espaço mente; nebulosas constelações infindáveis de dados. Como marés de luzes de cidade... (GIBSON, 2003, p.67)

²⁴ Para que a conexão seja feita é usado o *deck* e os eletrodos que, resumidamente, são a base material para que a conexão se processe.

No âmbito acadêmico, Featherstone e Burrows (1996) definem o ciberespaço como um “termo genérico” utilizado para fazer referência a um conjunto de tecnologias (antigas, novas ou mesmo ficcionais) que simulam ambientes nos quais as pessoas podem interagir. Eles também apontam para a existência de três definições variantes do termo ciberespaço: ciberespaço gibsoniano, ciberespaço barloviano e realidade virtual.

O ciberespaço barloviano se refere à rede internacional de computadores, uma espécie de extensão dos sistemas telefônicos. Nessa perspectiva não há qualquer simulação da realidade e as interações possíveis são bem restritas. A realidade virtual é um ambiente simulado em que é possível experimentar a tele-presença. Sua maior inovação é permitir a sensação de que o usuário está imerso e faz parte do ambiente simulado (experiências visuais, táteis e auditivas).

Por fim, o ciberespaço gibsoniano toma como referência a definição dada por William Gibson citada acima. Assim, o ciberespaço é entendido como uma rede de informações em que os dados são configurados de maneira a criar no usuário uma ilusão de controle, movimento, acesso à informação e conexão com outros usuários. A meu ver, esta concepção é a que mais se aproxima das realidades geradas pela internet atualmente e, por isso, as considerações que aparecerão ao longo deste capítulo estão nela baseadas.

Um conceito importante que permite entender melhor a lógica que organiza o funcionamento do ciberespaço e, por extensão, de como o tempo e o espaço passam a ser pensados, é o de interface. A noção de interface está relacionada ao estabelecimento de limites, no caso uma superfície-limite representada pela tela do computador, a qual modifica a maneira como as relações interpessoais são estabelecidas. Isso porque o face a face, considerado o modo por excelência de entrar

em relação com outros indivíduos, é substituído pela presença de uma face intermediária, uma superfície de inscrição que dispersa informações digitalizadas e imersas em uma temporalidade do instantâneo. A existência da interface, acima de tudo, acaba com a idéia de distâncias temporais e espaciais intransponíveis já que pessoas são colocadas em contato sem que o fuso-horário ou o lugar geográfico em que elas se situam façam diferença. E todo o contato é feito sem que seja necessário sair do seu local de origem, sem que o indivíduo tenha que se limitar à capacidade de locomoção de seu corpo. Tudo passa a se basear na imaterialidade representada pelas redes²⁵ e vias que permitem o funcionamento da Internet.

A idéia de interface é importante também porque permite mostrar que, mesmo quando se fala de uma realidade mediada, os marcadores de diferença – raça, gênero, classe social, status, sexualidade - continuam a atuar, criando barreiras, exclusões, grupos e comunidades. Eles não são, portanto, algo específico do *off-line*, mas circulam e podem ser reproduzidos ou atualizados no *on-line*.

Assim, volto uma vez mais à constatação presente no capítulo 1 de que não existe, como quer o senso comum, uma separação expressa entre *on-line* e *off-line*, virtual e presencial. Como mostra Marshall (2007) ao etnografar uma lista de troca de e-mails, categorias como raça e gênero não são necessariamente apagadas no *on-line*, visto que a criação e a identificação de diferenças é uma das bases de qualquer relação social. Ele conclui, então, ser uma ilusão pensar no *on-line* como gerador de uma

²⁵ Essas redes baseiam-se principalmente na transmissão de informações por fibras óticas e infravermelho. Inicialmente, era indispensável a presença de cabos e modems ou antenas para se realizar a conexão com um servidor, mas com o desenvolvimento da tecnologia o trunfo do momento é a conexão wireless, sem o uso de cabos ou qualquer outro meio que realize a conexão. Basta apenas que o computador possua a chamada tecnologia Wi-Fi e que o sinal (ondas de baixa frequência) esteja liberado.

liberdade infinita. As categorizações ali presentes comprovam que existem diferentes posições de poder que podem se tornar, em alguns contextos, segregações.

Feitas essas primeiras reflexões sobre os conceitos de cibercultura e ciberespaço, minha proposta é, como foi explicitado na introdução, pensar o ciberespaço como construído pelas relações e interações estabelecidas entre e pelos usuários. Como as relações são fluidas, os espaços também se caracterizam por serem flutuantes, mutáveis e contingentes, assumindo inúmeras feições em função do contexto em que se situam. O ciberespaço deve ser reconhecido por aquilo que flui, pelo movimento, pela instantaneidade, pelas constantes justaposições de contextos.

A idéia de imaterialidade envolvida na constituição e definição do virtual representa uma inversão no quadro encontrado nas grandes cidades, sendo que a arquitetura e as superfícies materiais são abandonadas para dar lugar à interface homem/ máquina. De acordo com Virilio (2005), a pós-modernidade tecnológica se baseia no tempo real: passa-se de um *tempo que passa* para um *tempo que se expõe*. Esse *tempo que passa* seria o tempo cronológico, histórico, marcado por eventos que se sucedem em uma cadeia temporal. Já o *tempo que se expõe* é caracterizado por sua instantaneidade, sendo que a superfície do computador faz com que tempo e espaço sejam re-significados e pensados em termos de velocidade de transmissão. Assim, longas distâncias geográficas deixam de ser um problema visto que a velocidade das informações e dos dados as suplantam. Em um mesmo momento é possível acessar dados das mais diversas partes do mundo, bastando para tal alguns cliques. Não existe no ciberespaço a ditadura de um calendário, de uma marcação temporal rígida, mas sim uma nova temporalidade marcada pelo presenteísmo, pelo agora que visa um futuro breve e também ele instantâneo.

O que a interface homem/ máquina permite é uma intercambialidade de localidades, de contextos que se sucedem incessantemente. A ênfase no tempo real e no instante gera uma maneira própria de organização social e representação no ciberespaço. E é nesse processo que os vários internautas podem construir suas identidades, corporalidades e estabelecer relações. Tempo real em um mundo por definição virtual. Realidades que se sobrepõem e se contaminam, mostrando não serem de forma alguma excludentes. Momentos cibernéticos marcados por sucessões de imagens, sons e linguagens várias, em que o correr do tempo histórico deixa de fazer sentido para dar lugar a tudo aquilo que representa o agora, o passado (marcado em forma de arquivos) e também o futuro. Assim,

Telematics networks support asynchronous as well as instant interaction. Time can be shifted: people can work when they want, communicate when they want, access electronic services and entertainment when they want. This supports the shift from the highly structured time patterns of the modernist city - with its standard business, leisure, sleep and commuting periods - towards more fluid, asynchronous urban lifestyles. (GRAHAM & MARVIN, 1997, p.67)

A citação acima salienta outro fator importante ao se pensar o ciberespaço e as novas tecnologias de comunicação: fala-se de tempo real e instantâneo, mas que pode ser, ao mesmo tempo, não sincrônico. Com isso quero dizer que é possível enviar e receber informações mesmo que os usuários não estejam conectados ao mesmo tempo.

Durante a realização da pesquisa, esta situação aconteceu inúmeras vezes visto que, com dois de meus melhores informantes - Garçon e Xande - a maior parte dos contatos ocorreu via e-mail ou por depoimentos e recados deixados no Orkut. Por isso é interessante pensar em um tempo intercambiável, construído de acordo com as

necessidades e ações dos usuários da internet. A criação de uma interface que é, em si, temporal permite colocar juntos e em uma mesma posição o observador e o observado, que passam a partilhar uma mesma linguagem e um mesmo conjunto de códigos. Ressalto, no entanto, que por mais que exista essa partilha, ela não homogeneíza. Os marcadores de diferença, as lógicas de pertencimentos e as exclusões permanecem, criando e mantendo diferenças entre os membros de grupos, listas de discussão e comunidades.

A existência da interface faz com que a visão dos objetos passe a ser mediatizada, ou seja, a presença da tela do computador cria uma nova forma de visão em que se opõem o objeto em si e a imagem que é feita desse objeto. Acabamos por transferir as idéias que fazemos do objeto para a imagem dele a que temos acesso a partir dos dados recebidos. Por isso a importância da imagem, da linguagem iconográfica para o estabelecimento de relacionamentos via internet. Por exemplo: duas pessoas que se conheceram em uma comunidade do Orkut. Elas não se conheciam até então e não experimentaram qualquer tipo de contato *off-line*. Seu único modo de se tornarem mutuamente mais palpáveis é através de algum tipo de imagem que as represente. Essa imagem pode ser uma fotografia ou uma figura, mas tem a função de transmitir algum tipo de informação a respeito da pessoa que a utiliza. Essa pessoa passa a ser vista não como objeto, como coisa em si, mas através e por meio da imagem que ostenta. Como uma imagem está sujeita a múltiplas interpretações, a idéia que será feita do sujeito também passa a carregar múltiplos significados. Deste modo

se constituem os chamados avatares ou corpos virtualizados²⁶. Como afirma Featherstone,

O ciberespaço envolve um mundo tridimensional, mas não na tela para a qual se olha. A ilusão ótica criada pela interface da realidade virtual dava um forte sentido de imersão em um mundo paralelo, onde se podia gozar de um envolvimento sensorial quase pleno, bem como interagir com outras entidades digitais (avatares) manipulados por outros operadores de computador. De fato, pode haver um alto grau de reprodução da presença corporal nos ambientes e interações com outros.” (FEATHERSTONE, 2000, p.204)

O que chama mais a atenção quando se fala de avatares (ou personas) é que a imagem já carrega consigo o sentido de poder ser. Assim, é passível de manipulação e pode ser criada como algo totalmente distante e diferente do original. É gerada, então, uma tensão constante entre verdadeiro e falso, sendo que, em alguns momentos, essa tensão pode atingir níveis extremos e atuar como forma de exclusão ou rechaçamento. Turkle (1995) considera a internet um “laboratório de experimentação e reconstrução do self” (p. 180), no qual as imagens são manipuladas a fim de emitirem uma mensagem sobre seu usuário. Desse modo, as interações se estabelecem dentro deste jogo em que não se sabe se a imagem é autêntica ou não.

É a partir destas formulações e indagações que pretendo refletir sobre a *Eper* e os acontecimentos que acompanhei de perto durante a pesquisa de campo. Na Introdução, realizei uma caracterização mais geral da comunidade, a fim de situá-la, bem como o Orkut, dentro de um contexto mais amplo. Minha proposta agora é realizar algumas reflexões mais pontuais sobre seu funcionamento, buscando entender as lógicas que o regem, quais são os laços entre os membros e dos membros com a

²⁶ A construção destes corpos virtualizados será abordada com mais detalhamento no capítulo 5, tomando como base a idéia de embodiment presente em Csordas (1994).

comunidade e, em última instância, indagar a respeito dos sentidos de comunidade (se é que eles existem) ali presentes.

Uns perguntam, outros respondem: a *Eper* e os eperianos

No capítulo introdutório dessa dissertação, apresentei a comunidade *Eper* e mostrei brevemente os caminhos que me levaram a escolhê-la como estudo de caso. Aparentemente a *Eper* é uma comunidade como tantas outras do Orkut e possui um número relativamente baixo de membros, se comparada a outras comunidades com temática gay, lésbica e bissexual. Mas, ao contrário da grande maioria das comunidades orkutianas, existe na *Eper* um núcleo de participantes assíduos que discutem os mais diversos assuntos e não utilizam o fórum apenas para jogos e brincadeiras²⁷. Foi a grande quantidade de tópicos e sua diversidade que me fizeram olhar mais detidamente para a *Eper* e procurar acompanhar de perto a dinâmica da comunidade e as relações entre seus membros.

Um ponto que gostaria de ressaltar é a variedade dos tópicos postados na *Eper*. Qualquer um dos membros da comunidade pode criar um tópico, o qual vai recebendo réplicas, em maior ou menor número dependendo do tipo de discussão proposta. Analisando os vários tópicos, é possível identificar um grupo de membros (a maioria que já está na *Eper* há mais tempo) responsável pela maior parte das postagens. Entre os cerca de quatro mil componentes da comunidade, uma minoria tem participação

²⁷ Com o crescimento do número de cadastrados no Orkut, também cresceram o número de comunidades. A consequência disso foi uma diminuição, na grande maioria das comunidades, dos debates empreendidos nos fóruns de discussão. Esses fóruns passaram a ser ocupados por jogos e brincadeiras entre os membros (a maioria com alguma conotação sexual/erótica). sendo alguns dos mais comuns os seguintes: “Jogo do add” (a pessoa tem que responder se adiciona ou não como amigo a pessoa que postou acima dela); “Chupa ou chuta?” (se chuta ou chupa a pessoa que postou acima dela); “Só beija ou faz o serviço completo?”; “Beijo ou não beijo”; “Jogo do sinal”; “Beija ou passa??”.

efetiva no fórum, nas enquetes ou mesmo nos encontros *off-line*. Ao que parece, a maioria dos membros atua na comunidade apenas como “olheiros” ou mesmo simplesmente adiciona a comunidade e dela não participa de qualquer modo. A existência dos “olheiros” não é novidade na literatura sobre internet. Hine (2000), ao refletir sobre a realização de etnografias *on-line* e sobre a posição a ser adotada pelo antropólogo no contexto a ser pesquisado, mostra existirem diferentes formas de engajamento nos grupos formados *on-line*. Deste modo, ela nota, no *newsgroup* em que realizou sua pesquisa, uma pequena quantidade de participantes ativos – aqueles que realizam postagens e discussões – e uma maioria de *lurkers*, os participantes cadastrados que apenas lêem as mensagens, mas não postam qualquer comentário. O problema apontado pela autora é que estes *lurkers* ou “olheiros” se tornam invisíveis para o etnógrafo. Eles existem enquanto número, mas não realizam interações dentro do grupo ou comunidade. Assim,

Ethnography relies on observable features of interaction and the reading-based activity of the lurker is simply invisible to the observer of a newsgroup. (...) What is not observable is simply defined out of the purview of the ethnographer, who then concentrates on those for whom the newsgroup is a community. (...) In their unobservability, lurkers are rendered as unimportant to the ethnographer as they appear to be to the newsgroup. (HINE, 2000, p.25)

Discordo da autora em algumas de suas afirmações a respeito destes membros não participantes, enquanto geradores de textos e discursos. Na *Eper* ocorre uma situação semelhante à descrita acima: existe uma quantidade considerável de “olheiros”, mas não considero que a presença deles possa ser restrita a um número. De certo modo, eles possuem um papel importante para entender a própria organização da comunidade, especialmente os motivos que levam alguns a participar e outros a apenas

observar. Acima de tudo, não é sempre que eles estão fora do alcance do etnógrafo ou mesmo dos outros membros da comunidade, visto que as interações podem se dar em um espaço diferente da comunidade (por exemplo, conversar via *scrap* ou *messenger*).

Alguns membros com participação ativa nas discussões contam que, no início, atuavam apenas como olheiros, acompanhando as discussões e aprendendo os vários códigos e convenções expressos nas postagens do fórum. Assim, este momento de observação se torna fundamental para o posterior engajamento no núcleo de discussão da comunidade. Outros ainda, apesar de participar não se envolvem em discussões mais polêmicas ou em alguns tipos de tópicos, como mostram as falas de dois dos meus informantes, ao me contarem suas trajetórias dentro da comunidade:

Carol diz: e costuma participar muito das comunidades?

Mariano diz: na verdade non.. A única comunidade onde participo eh a EPER. Sou viciado nela!

Mas as outras comunidades só estão no orkut como forma de "mostrar quem eu sou" manja?

Carol diz: sim....as pessoas são bem assíduas na eper

Mariano diz: e por isso q tem muita confusão tb! Adoro ver as bichas se engalfinhando!

Carol diz: é....são mtas as alfinetadas por lá

Mariano diz: eh só assistir de camarote e non se envolver! eu fujo de briga como o diabo da cruz. Mas adoro ver os outros brigando! .. olha lado sádico se manifestando.. (conversa via messenger em 26 de abril de 2007)

Together diz: e vc ta na comu EPER neh?

Together diz: já postou em algum tópico lá?

Carol diz: eu postei pouca coisa

Together diz: entendo, às vezes os assuntos podem naum dar tanta abertura neh?

Carol diz: é...algumas coisas eu não tenho como opinar

Carol diz: então só fico olhando

Together diz: eu naum tenho uma vida muito ativa naquela comu naum, mas toda vez q entro, eu leio os tópicos q tem e tudo mais

Carol diz: pq vc não opina?algum motivo especial?

Together diz: pra mim tbm eh um pouco complicado, pq as vezes tem tópicos q falam de experiências com namoro, sexo, essas coisas....

Together diz: e eu nunca tive experiência neh (conversa via messenger em 27 de abril de 2007).

Na primeira citação fica clara a postura participativa de Mariano na *Eper* e, ao mesmo tempo, seu distanciamento de outras comunidades, as quais ele adiciona apenas como forma de mostrar quem é. De algum modo, a filiação a determinadas comunidades atua como parte da construção subjetiva empreendida dentro do programa. Como afirmei em um momento anterior do texto, estar em uma comunidade faz parte da montagem do avatar, desta imagem empregada dentro do Orkut e que possui a função de espelhar a constituição do “eu virtual” (ou da persona) de cada um dos usuários. Além disso, ele deixa clara sua postura de afastamento em relação a certos tipos de tópicos, especialmente aqueles em que há conflitos. De acordo com a leitura do fórum e das conversas com membros mais antigos da *Eper*, estes conflitos são recorrentes e vão desde diferenças de opinião até problemas amorosos entre os usuários.

A segunda citação mostra outro tipo de postura em relação à comunidade: *Together* diz não participar, mas se descreve enquanto um olheiro, sempre por dentro das discussões empreendidas no fórum. Em outra parte desta conversa transcrita, ele prova realmente saber dos acontecimentos da comunidade, ao mencionar o tópico de minha entrada na *Eper*. Por outro lado, ele justifica sua não participação, dizendo não se sentir apto a expressar sua opinião sobre alguns temas, especialmente aqueles ligados à sexualidade, relacionamentos e sexo. Assim, por não possuir qualquer experiência a ser compartilhada, ele prefere não escrever e apenas acompanhar por

meio da leitura o andamento da comunidade.

Ainda em relação aos membros, a *Eper* contava, no início da pesquisa, com aproximadamente 3300 membros (este número hoje chega a 4000 membros). É composta por usuários de todo o país e também por uma quantidade considerável de *fakes* e *masks*²⁸- *profiles* que funcionam como uma segunda identidade para os usuários.

De acordo com os resultados de enquetes realizadas na comunidade, a maior parte dos membros tem entre 18 e 25 anos (57%), tem curso superior em andamento ou já concluído (43% e 18%), mora em algum estado da região sudeste (52%) e se considera homossexual (40%).

Nesta última enquete, as opções consideradas eram: homossexual (40%); gay (29%); bicha/biba/mona e similares (0%); viadinho pão com ovo (3%); bicha babadeira (0%); quase mulher (0%); diva/rainha (2%); drag (0%); bambi (0%); Xuxa/Angélica/Shakira/Rihanna (7%); outros (15% - entre os outros apareceram as respostas: homem, veado macho, homem com interesse sexual por outros homens, homem macho, apreciador ativo ou passivo). Ela foi criada por um usuário *fake* que teve uma breve passagem pela *Eper*. Nela, ele mantém algumas das categorias que já utilizava em suas postagens no fórum de discussão e, a meu ver, elas evidenciam preconceitos e discriminações.

Essas categorias chamam a atenção, em primeiro lugar, porque mantêm e atualizam uma série de convenções de sexualidade, além de representarem a

²⁸ Pretendo, no decorrer do texto, discutir melhor os *fakes* e *masks*, já que muitos dos que concordaram em conversar comigo adotam *profiles* deste tipo. Além disso, pensar em *fakes* e *masks* está diretamente relacionado com um dos pontos que considero fundamentais na pesquisa: a questão identitária no *on-line*.

intersecção com outros marcadores de diferença (como classe). Elas oscilam entre os pólos de masculinidade (homossexual) e feminilidade (quase mulher; diva/rainha; Xuxa, Rihanna), sendo que a maior parte dos que responderam se disseram “homossexuais”. Também nas respostas daqueles que responderam “Outros”, fica evidente a tentativa de escapar de uma nomenclatura que denote bichisse ou posturas consideradas mais femininas. Por isso, eles se dizem “homem”, “veado macho”, “homem com interesse sexual por outros homens”.

Além disso, a enquete é perpassada por um recorte de classe, visto que “viadinho pão com ovo” e “bicha babadeira” fazem referência a pessoas de classe social mais baixa. O “pão com ovo”, por exemplo, é encontrado também no *off-line* e, juntamente com outras categorias – “bichas qua-quá”, “bichas poc-poc” e “bichas um-real”, é utilizado para nomear homens homossexuais, em geral jovens, de classes populares. De acordo com Simões e França (2005), estes são “termos pejorativos”, na medida em que *pretendem designar o jovem homossexual mais pobre e efeminado, de comportamento espalhafatoso e menos sintonizado com linguagens e hábitos “modernos” de gosto, vestimenta e apresentação corporal* (p.317). O que esta enquete e outros dados que aparecerão no decorrer do texto comprovam é a existência de uma série de preconceitos e discriminações, sendo que diversas categorias são manipuladas e utilizadas, num fluxo contínuo entre o *on-line* e *off-line*.

Voltando à diversidade de tópicos de discussão encontrados, esporadicamente aparecem postagens sobre os rumos da comunidade e também sobre as atitudes tomadas pela moderação. Em geral, questiona-se muito o porquê de uma comunidade como a *Eper* existir, qual seria a composição ideal da comunidade, se *fakes* devem ou não permanecer e as decisões da moderação propriamente ditas (escolha de novos

moderadores, expulsão de membros, proibição de determinadas posturas, exclusão de tópicos). Um tópico lançado por Gatinho, após a entrada de um *fake* heterossexual, e intitulado “Para que serve a *Eper*?” é um bom exemplo das postagens encontradas e de como os membros enxergam e mesmo idealizam a existência da comunidade:

Diante da grande quantidade de agressões a um fake “hétero” (?), achei que seria pertinente questionar. 1) A que público se destina a EPER? Somente gays? Somente homens? 2) Qual o objetivo da comunidade? Informar, discutir, relacionar? Ainda, quanto ao comportamento dos membros: 3) O que seria uma atitude preconceituosa ou discriminatória? (Gatinho em 10 de janeiro de 2008)

Esta postagem inicial gerou uma série de réplicas, as quais buscavam responder às perguntas lançadas por Gatinho. Sintetizo abaixo o conteúdo mais amplo do tópico através de algumas respostas:

Eu sempre defendi que a comunidade não é um espaço exclusivamente gay. Tanto faz gay ou hetero, só precisa ser homem. Se bem que nem isso tem sido mt levado a serio. Então, pq a implicância td vez que aparece algum cara se dizendo hetero? Se eles realmente são heteros ou não, o problema não é exatamente meu, contanto que não estejam interferindo na minha vida ou fazendo comentários preconceituosos contra os gays. (Mercury em 10 de janeiro de 2008)

Uma verdadeira fogueira da vaidade, onde as pessoas querem se mostrar cultas, intelectualizadas, populares, conhecedoras de Deus e o mundo, julgadoras, etc etc etc... (T. em 10 de janeiro de 2008)

Pra que serve a EPER? Pra serventia que cada usuário der a ela. Tem gente que entra aqui pra arranjar amigos. Tem gente que entra aqui pra caçar. Tem gente que entra aqui pra fazer pesquisa. Tem gente que entra aqui pra dar risada. Tem gente que entra aqui pra extravasar. Etc. A minha resposta a esta pergunta é: pra passar o tempo. E pra fazer pesquisa. (Xande em 11 de janeiro de 2008).

Acompanhando as postagens é possível perceber a necessidade expressa por muitos dos membros de pensar sobre a comunidade e tentar entender quais os seus fins: se ela é apenas um grupo de pessoas, se ela é realmente uma comunidade cujos membros têm interesses e objetivos partilhados ou se ela é apenas um passatempo. Muitos apresentam um saudosismo de épocas passadas da comunidade, com moderações, membros e discussões diferentes. Neste processo quase auto-reflexivo (a coletividade tenta pensar sobre si mesma), há o reconhecimento de que uma comunidade *on-line* pode servir a muitos fins, variáveis em função dos objetivos de cada membro. De certo modo, é como se os membros “fizessem a comunidade”: é a partir deles e das relações que estabelecem que o passado, o presente e mesmo o futuro desta organização de pessoas pode ser entendido.

A partir do que foi descrito até aqui, proponho refletir a respeito da própria idéia de comunidade. O termo aparece, primeiramente, como categoria êmica, visto que é utilizado pelo programa e por seus usuários para caracterizar os agrupamentos nele criados. E, extrapolando o sentido êmico, é também um conceito aplicável ao que foi observado durante a pesquisa de campo.

Sem dúvida, pensar a respeito da formação de grupos e comunidades foi um dos primeiros temas a serem desenvolvidos dentro do estudo do ciberespaço. Escobar (1994) aponta como um dos principais pontos ao qual a antropologia deve se dedicar no campo de estudo das novas tecnologias a reflexão a respeito de conceitos clássicos como trabalho de campo, corpo, pessoa, natureza, identidade e comunidade.

Guimarães Jr. (2000) defende que o termo comunidade deva ser pensado contextualmente, visto que nem todos os agrupamentos encontrados no ciberespaço podem ser assim nomeados. De acordo com ele, o conceito de comunidade é muito

amplo para caracterizar todas as formas de agrupamento encontradas no *on-line*, mas ele é o termo mais utilizado no senso comum e na bibliografia específica sobre o virtual para nomear as “atividades societárias” (p.33) na internet. Utiliza em suas reflexões a definição de comunidade que aparece em Hammam (1996 apud 2000), sendo que quatro elementos básicos a definiriam: 1) um grupo de pessoas; 2) que partilham interações sociais; 3) e alguns laços entre si mesmos e outros membros do grupo e 4) e partilham uma área por, pelo menos, um período de tempo. Ele prefere tomar os agrupamentos encontrados como “grupos” e apenas classificá-los como comunidade na medida em que *são encontrados sinais de pertencimento, qual a densidade das redes e qual a intensidade e a permanência das relações sociais* (p. 34).

Apesar de não focar especificamente o ciberespaço, as considerações de Gupta e Ferguson (2000) sobre comunidades ajudam a elaborar um melhor entendimento da situação encontrada durante a pesquisa de campo. Os autores defendem a quebra do isomorfismo que coloca em relação direta espaço – lugar – cultura e identidade. De acordo com os autores, este isomorfismo apresenta problemas. O primeiro deles é não levar em consideração aqueles que vivem em zonas de fronteira, por exemplo. Assim, é impossível pensar em “ficção de culturas” como fenômenos distintos que ocupam espaços distintos. Entre as perguntas que norteiam sua discussão está a questão de como entender as diferenças culturais no interior de uma localidade. Para eles, entender essas diferenças só é possível na medida em que forem abandonados “os clichês sobre cultura (localizada)”.

O isomorfismo apontado por eles oculta as “topografias de poder” e deixa de lado o fato de que a identidade de um lugar surge da intersecção entre seu envolvimento específico em um sistema de espaços hierarquicamente organizados e a sua

construção cultural como comunidade ou localidade. Sua proposta é, então, deixar de tomar as comunidades como entidades pré-existentes e pensar os modos pelos quais elas se formaram a partir de um espaço interligado a outros espaços. Desta maneira, o espaço (virtualizado ou não) passa a ser tomado como uma ferramenta analítica, um recorte metodológico, uma categoria construída e não essencializada, permeada e forjada por uma série de relações de poder. Assim,

Precisamos deixar de lado a idéia ingênua de comunidade como entidade literal, mas continuar sensíveis à profunda “bifocalidade” que caracteriza as vidas localmente vividas em um mundo globalmente interconectado, bem como ao poderoso papel do lugar na “visão de perto” da experiência vivida. (GUPTA & FERGUSON, 2000, p. 37).

Manter o isomorfismo é pensar a identidade como diretamente dada a partir do lugar, do espaço em que o indivíduo se situa. Neste sentido, acredito que a concepção de comunidade presente em Guimarães Jr. (2000) ainda se assenta sobre o isomorfismo criticado por Gupta & Ferguson (2000), visto que pressupõe comunidades como entidades fechadas: são grupos de pessoas que partilham determinados interesses, laços sociais e uma determinada área. Essa idéia não leva em consideração as “topografias de poder”, nem as conexões possíveis com outros espaços e localidades. Além disso, parece-me que o pertencimento de que fala Guimarães Jr. (2000) ainda vincula a existência de uma comunidade à sua localização em um espaço específico.

A sugestão de Gupta & Ferguson, tomando como base Benedict Anderson²⁹

²⁹ No livro *Comunidades Imaginadas* (2008), Anderson propõe refletir a respeito da idéia de nacionalismo. Para tal, parte, “dentro de um espírito antropológico”, da definição de nação como *uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.*

(2008), é pensar comunidade como uma localidade imaginada. Assim, enquanto localidades imaginadas, elas são socialmente construídas a partir de relações estabelecidas entre seus membros e, deste modo, demarcam um lugar simbólico onde estas relações e interações podem continuar se reproduzindo. A premissa que deve nortear as reflexões antropológicas é a de que espaço e lugar não são dados, mas sim construídos sociopoliticamente. Por isso cabe a nós pensar como espaços e lugares são construídos, imaginados, contestados ou mesmo impostos.

No caso do Orkut, o que caracteriza cada um dos grupos formados e, entre eles a *Eper*, como comunidades é um sentimento de pertencimento. Apesar de não estar baseada em qualquer lugar físico e material, a comunidade pode existir a partir da partilha de características e objetivos comuns, os quais são responsáveis por criar esta sensação de pertença. A despeito das enormes diferenças notadas entre os membros, eles se agrupam para *discutir o universo masculino* e, mais especificamente, uma parte determinada dele, representada pelas relações afetivas e sexuais estabelecidas entre homens. Por isso, causa tanto impacto a entrada de membros que se declaram heterossexuais ou mesmo a presença de uma mulher. Apesar da pretensão de abarcar vozes que expressem este “universo masculino” como um todo, na prática o que se nota é a restrição da participação àqueles que se dizem homo ou bissexuais.

Estar na *Eper* significa também concordar em respeitar as regras criadas como forma de manter o funcionamento e a coesão do grupo. Aqueles que não se enquadram nelas e as desrespeitam de alguma forma normalmente são excluídos pela moderação.

É notável na comunidade um processo de estabelecimento de conexões entre os

(p.32). Ela é imaginada porque, por mais que os cidadãos estejam espalhados por diferentes localidades espaciais, há a partilha de uma comunhão e fraternidade entre eles.

membros sendo que vão surgindo redes que os interligam. O conceito de rede social, assim como o de comunidade, vem sendo há muito tempo empregado pela antropologia por diferentes vertentes teóricas. Tomo como referência as formulações da chamada Escola de Manchester, sobretudo aquela presente em Barnes (1987), que entendia o conceito de redes relacionais como sendo a descrição das conexões envolvidas nos processos sociais. O uso desse conceito permite apreender qual é a estrutura interna de um determinado grupo, ou seja, quais são e em que escala ocorrem as relações entre os vários sujeitos que o compõem. O conjunto das relações interpessoais acaba por formar uma malha de relacionamentos, que pode ser estreita (grande densidade de relacionamentos) ou frouxa (poucos relacionamentos). Esta idéia de redes sociais, enquanto meio de medição de grau e da maneira como as pessoas se relacionam, foi uma das bases da pesquisa de campo, sendo que, durante todo o tempo, tentei perceber que relações havia entre as pessoas que freqüentavam a *Eper* e de que modo elas se relacionavam com outros usuários do Orkut e com membros de outras comunidades. Acredito ser importante, também como modo de não recair no isomorfismo denunciado por Gupta & Ferguson, pensar a comunidade em relação com outros espaços *on* e *off-line* e não tomá-la como fechada em si mesma.

Percebi durante a incursão etnográfica que muitos estabeleciam sua rede de amigos apenas no virtual e isto por motivos diversos. A razão mais apontada seria distância geográfica, a qual impediria a saída das relações do virtual. Os *fakes* e *masks* (focados no capítulo 4), por exemplo, normalmente não estendiam seus laços para fora do virtual. Como portadores de mais de um perfil, acabavam estabelecendo duas redes sociais distintas e que não se encontravam. Muitos *fakes* também só adicionavam outros *fakes* ou mesmo não adicionavam ninguém, o que circunscrevia ainda mais a

sua rede de amigos. Para os que se dispunham a sair da tela do computador e vivenciar um encontro face a face, a rede se expandia para o *off-line*, onde não necessariamente a relação terminava apenas em amizade. Foram freqüentes os relatos de envolvimento amorosos ou sexuais iniciados no virtual e que acabaram se concretizando no *off-line*.

A partir da formação destas redes de sociabilidade, percebidas tanto no ambiente comunitário, como através dos perfis dos membros, há a demarcação de um espaço simbólico de interação, exatamente a localidade imaginada da qual falam Gupta e Ferguson (2000): processos, práticas e relações são os responsáveis pela construção do sentido de lugar. Uma comunidade existe porque se estabelecem relações entre os indivíduos, os quais por meio de sua experiência constituem-na histórica e discursivamente.

Comunidades on-line como virtualização do gueto?

Trabalhos enfocando o conceito de gueto não são novidade dentro dos estudos sócio-antropológicos. Já na tradição da Escola de Chicago, destacou-se Louis Wirth, que estudou os guetos criados pela maciça chegada de imigrantes à cidade de Chicago. De acordo com Wirth, a cidade é heterogênea, diversificada e formada por diversos grupos de indivíduos que conferem à região em que se encontram uma parte de sua personalidade. Ele leva ao máximo a idéia de que a cidade moderna é um mosaico, ou seja, um ente estruturado, que se caracteriza como um sistema fechado em que convivem mundos sociais diversos. Parto das concepções de Wirth para chegar à minha própria interpretação para essa palavra, passando por algumas teorias que tratam do mesmo tema.

Ao tratar especificamente do que foi chamado pela literatura especializada de *gay ghetto*, Martin Levine (1979), estudando as cidades de Nova Iorque, Los Angeles, Chicago e São Francisco, acredita que para haver a formação de um gueto são necessárias quatro características: concentração institucional, área de cultura, isolamento social e concentração residencial. Como concentração institucional entende a existência de áreas no meio urbano onde se concentram ambientes voltados para o público *gay*, como bares, boates, saunas e agências de turismo. Por área de cultura o autor entende a concentração de características do modo de vida *gay* em algumas áreas, sendo que nesses locais uma linguagem própria é adotada, com pequena ou quase nula presença de outras populações (ele cita o exemplo de mulheres e crianças). Por isolamento social, ele entende a segregação espacial em que os *gays* tendem a se isolar do restante da sociedade, marcada por preconceitos e discriminações (sugere, inclusive, que as relações entre homossexuais e heterossexuais resumem-se ao trabalho e à família). E concentração residencial seria a tendência dos homossexuais de residirem nas áreas de “cultura *gay*”.

Nessa perspectiva, gueto é tomado como uma entidade demarcada espacialmente, sendo que pode ser notado o isomorfismo descrito por Gupta & Ferguson (2000). Isso porque há a associação entre espaço, lugar e cultura. Levine apresenta o espaço do gueto como dotado de fronteiras bem claras e com pouca ou nenhuma relação com outros espaços. Ele funciona quase como uma unidade auto-suficiente e fechada em si mesmo, onde surge uma cultura específica, com lugares e modos de vida estritamente *gays*.

Em relação ao Brasil, Perlongher (1987), em seu estudo sobre a deriva dos *michês* pelo centro da cidade de São Paulo, parte de Levine para tentar entender se

haveria na região central a formação de um gueto gay. Ele constata não ser possível falar em um gueto no seu sentido clássico, já que não é notável uma homogeneização dos comportamentos e práticas dos sujeitos ali encontrados e nem fixação territorial (como ocorria nos Estados Unidos). No caso brasileiro, o que se percebia era a existência de fluxos e ambulações (deriva tanto dos sujeitos quanto de categorias classificatórias), com a coexistência de diferentes homossexualidades. Gueto não é, então, algo passível de ser delimitado geograficamente. Ao contrário, é flutuante e acompanha a movimentação das redes relacionais. Perlongher (2005) traz, a meu ver, um conceito que pode ser trasladado e incorporado ao estudo do ciberespaço: o de *territorialidade itinerante*, a qual não prevê uma fixação no espaço, mas uma junção constante de derivas e devires. Ora, o que se tem no ciberespaço é um espaço desterritorializado e que permite aos seus usuários uma movimentação tendente ao infinito. O virtual se compõe de territorializações e reterritorializações, contextualizações e recontextualizações constantes, com fixações que podem ser tão temporárias quanto a duração do clique de uma tecla do computador.

Simões e França (2005) abrem uma possibilidade de pesquisa quando falam da crescente segmentação do mercado GLS no Brasil (o substituto do gueto). Nesta segmentação, a internet representa parte fundamental enquanto espaço para a sociabilidade, busca de parceiros e estabelecimento de comunicações entre o público homossexual. Apontam ainda para o surgimento de uma espécie de *gueto virtual*, formado por sites, páginas pessoais, programas de relacionamento, portais, entre outros, que abordam a temática homossexual e podem propiciar a interação entre seus usuários.

Acredito que as idéias lançadas por Perlongher e Simões & França são

fundamentais para responder à pergunta que abre este item: estão surgindo guetos gays virtuais e, comunidades *on-line* são exemplares desta “guetização”? Assim, após efetuar o cruzamento das concepções apresentadas, acredito que podemos falar em gueto no sentido empregado por Perlongher, ou seja, como uma noção flutuante que acompanha o fluxo dos sujeitos envolvidos nas redes relacionais.

Apesar das complicações envolvidas em se pensar a idéia de gueto, ainda faço a utilização do conceito aqui porque entre os meus sujeitos de pesquisa, esta é uma categoria acessada tanto para se referir ao virtual quanto a situações *off-line*. As opiniões relativas ao gueto são variadas, sendo que, em geral, dizem respeito à criação de áreas espacialmente delimitadas para gays nos Estados Unidos. Muitas delas fazem referência ao gueto paulistano, no dizer de um dos membros, hoje *um guetão*, dada a considerável expansão para áreas outras que não a região central. De outro lado, existem os que condenam as práticas tidas como provenientes do gueto (e isto é reiterado de modo constante). Cito algumas das posições encontradas:

O que vcs acham das pessoas que falam que não são do meio (gay) mas estão em todos os meios de encontros possíveis tipo: Disponivel.com/Msn/BatePapo...Será que temos uma fobia do gueto...mas vivemos dentro dele? (Anônimo em 9 de outubro de 2005)

Réplica no mesmo tópico:

Estão freqüentando um meio gay, de qualquer forma! Só que acreditam que, estando no virtual, não estão! Uma grande bobagem! É o mesmo daqueles que transam via webcam! Como é virtual não existe contato, assim não estão traindo. Se esquecem que energias existem! Que são direcionadas e atingem o objeto de desejo. um simples eximir-se de culpas! Quem ta no disponível, no allbears, no bearwww, troca-troca, avalie isso ou aquilo, gaydar e outros tantos, tá no meio! Tá no gueto! (Casado em 9 de outubro de 2005)

Por mim... circuito gay poderia se mudar para um bueiro, esgoto ou algo parecido.Ninguém merece um bando de beeshas afetadas metidas a finas, bebidas ou drogas.Saíram de um

gueto podre para irem para um gueto mais centralizado? (Guga em 01 de julho de 2007)

Mas tem um tipo irritante, que não vai a boate gay porque “odeia guetos”. Aih vai a boate hetero pq lá não é gueto. Mas lá acaba sendo gueto, gueto dos que se comportam como heterossexuais. A não ser que vc vá numa boate em que tenha de tudo, aih tudo bem. Gueto ou não gueto acho importante é a pessoa não colocar limitações a si mesmo por causa do rótulo. (Fortaleza em 10 de outubro de 2007)

A partir destas falas fica claro que há uma tentativa de pensar a existência destes guetos gays e, até mesmo, uma mudança de nomenclatura com a utilização da palavra “meio”. E o fato de estar/freqüentar o gueto (ou o meio) acaba funcionando para muitos como um demarcador de identidade. Pensando apenas no último depoimento, há ainda aqueles que advogam a busca de um “local sem rótulos”, onde cada um pudesse adotar qualquer tipo de atitudes, sendo que W. sugere que até mesmo a heterossexualidade e os comportamentos heterossexuais seriam construídos. E, estes locais heterossexuais, acabariam formando uma nova forma de gueto.

“Meio gay” on-line?

Nem na internet, que já é um meio, falido, mas um meio, eu encontro algo. Imagina se eu estivesse totalmente por fora do meio. (Sol em 16 de janeiro de 2008)

Em certos momentos (um deles mostrado nas citações do item anterior), o nome “meio” surge como substituto do termo “gueto”, em longas discussões sobre fazer ou não parte do “meio gay”. É notável a proliferação de modos de se referir às manifestações e práticas das homossexualidades, tanto entre os que as vivenciam

quanto na literatura³⁰ referente ao tema. Gueto, circuito, meio são as nomenclaturas mais comumente encontradas, sendo que não há um acordo sobre qual delas utilizar. Aparentemente, “meio” seria um termo mais democrático, abarcando as diversas homossexualidades e os modos como elas são vividas. Gueto, por exemplo, é criticado porque evoca a idéia de exclusão e estigma social, sendo que seus freqüentadores seriam tipificados enquanto tais e conseqüentemente estariam mais sujeitos a discriminações.

O problema da idéia de meio é que ao invés de ser inclusivo, ele se tornou exclusivo: surgiu uma divisão entre os que estão/freqüentam o meio e os fora do meio. Assim, falar em meio passou a ser mais uma das várias maneiras de rotular e um modo de demarcar diferenças. Muda a nomenclatura, mas não seu sentido mais amplo. De acordo com as visões encontradas na *Eper*, falar em “gueto implica em problemas semelhantes na medida em que também há uma segregação: os que fazem parte do gueto se situam de um lado e os que estão fora dele, de outro. E, em ambos os lados e termos, a tendência é existir uma homogeneização de práticas, comportamentos e consumo. É importante salientar que existe uma diferença entre o uso êmico e o uso analítico das idéias de gueto e meio, sendo que as fronteiras estão previstas nesse uso êmico encontrado no senso comum e na maioria dos depoimentos recolhidos durante a pesquisa de campo. Já seu uso analítico pode se mostrar frutífero, na medida em que as concepções teóricas mais recentes tentam entendê-los como construções contingentes e não fixadas em um espaço delimitado.

Apresento agora, em linhas gerais, o modo como esta discussão apareceu no

³⁰ Esta discussão aparece em MacRae (1990), Perlongher (1987), Green (2000) e Simões e França (2005). Estes últimos realizam uma revisão das obras anteriores, em um percurso que vai “do gueto ao mercado”.

fórum da Eper, baseada em um tópico intitulado “Fora do meio”. Digo em linhas gerais porque esta temática aparecerá novamente no capítulo 5, mas trabalhada de outra forma, de modo a mostrar como alguns estereótipos – como o do gay macho – são acessados a partir da oposição dentro e fora do meio.

O tópico citado se propunha a discutir como pessoas que se dizem “fora do meio” conseguem encontrar parceiros sexuais e afetivos. Mercury, o autor do tópico, partia da premissa de que “fora do meio” seria sinônimo de assexuado, visto que “estar fora do meio é estar fora de qualquer coisa relacionada à homossexualidade”. As 91 postagens que se seguiram, em grande parte, trataram do sentido de se falar em “fora” e “dentro” do “meio”. Sol, citado na abertura deste item, vê a extensão do “meio” para o virtual, local onde ele diz encontrar parceiros. Esta constatação de que o “meio” se estende para o *on-line* aparece em outras postagens, mas com ressalvas: se alguém acessa determinados sites como Disponível.com, ManHunt ou salas de bate-papo gay está dentro do meio. Mas se faz partes de comunidades do Orkut não está necessariamente no meio gay. Deste modo, *ficar ou não no meio gay pode ser feito tanto no mundo real quanto no mundo virtual* (Dé em 16 de janeiro de 2008).

A internet parece se situar em uma posição intermediária ou mesmo híbrida: é parte do meio para alguns, complementando um meio *off-line*; ou é o meio único a que alguns usuários têm acesso; ou simplesmente não faz parte disto que eles consideram meio gay. As citações abaixo ilustram esta variabilidade:

Ihh to em situação pra lá de catastrófica hehehe. O único contato q tenho com pessoas, assuntos gays é pela net ^^. Viverei eu um relacionamento virtual pro resto da vida? (Mar em 16 de janeiro de 2008)

Odeio quando um cara me pergunta na net: vc freqüenta meio gls? Se você disser que sim você pode ser rotulado de afeminado... Se disser que não você é tido como um machão que gosta de machão. A minha resposta é sempre a mesma: digo que vou aos points gls a pouco tempo e acho legal. (B em 16 de janeiro de 2008).

Entrar ou sair do meio...enfim, a internet é um meio camuflado, totalmente virtual. Já andar em boates, saunas, ou em ruas ou paradas gays, não é estar no meio e sim dentro do mundo gls, e eu particularmente já saí desse meio pelo simples fato de toda vez estar as mesmas pessoas no recinto. Prefiro ir em locais heteros q a gente sempre cata algum ou na internet. Vale tudo pra mim, se estou no meio ou não... (Viril em 16 de janeiro de 2008)

Se por "meio gay" os senhores entendem também os vários espaços virtuais existentes, voltados para o público gay, devo dizer que, embora os freqüente com alguma constância, em vista da falta de opção mencionada quanto à espaços físicos, também aí raramente consigo ser bem sucedido. Tenho pouca disposição para falsear informações banais e o discurso recorrente e insistente exigidor de discrição e atestado de masculinidade ostensiva me fazem perder o interesse em começar o que quer que seja com o interlocutor. (W em 16 de janeiro de 2008)

As citações indicam que o que se toma como “meio” é relativo, assim como também é relativa a maneira como ele é vivenciado. Do mesmo modo que “gueto” ou “circuito”, é uma expressão possível de ser utilizada para pensar tanto o *on-line* quanto o *off-line* e mesmo o que se situa no intermediário entre ambos os pólos. De algum modo, independente da nomenclatura empregada ou do contexto em que se situam, estes guetos, circuitos e meios talvez sejam, como afirmam Simões e França (2005), maneiras de combater a segregação e de garantir proteção às diferenças.

Capítulo 4

On-line e Off-line se entrelaçam: notas sobre autenticidade, encontros e identidades

Fake é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na internet para ocultar a identidade real de um usuário, na maioria das vezes usando-se de identidades de famosos, personagens de filmes ou desenhos animados ou mesmo de pessoas conhecidas do dono da conta. Como não se sabe quem é o dono do fake, é comum chamar o próprio dono desse perfil de "fake". Ultimamente, fakes são mais encontrados em sites de relacionamento, como o orkut, e são criados geralmente com o intuito de fazer amizades, conhecer gente com os mesmos interesses, participar de comunidades privadas ou atuar em um jogo de rpg online. Mas existem também em serviços de mensagem instantânea e fóruns. Outra finalidade de um fake é dar opiniões sem se identificar, evitando constrangimentos ou ameaças pessoais ao opinante. Fakes também podem ser usados com más intenções, para ofender, difamar, defender, stalkear³¹, hackear, etc. (Definição de fake encontrada na Wikipedia³²)

A proposta deste capítulo é refletir acerca dos tipos de perfis encontrados na comunidade (e no Orkut como um todo) e de que forma eles influem no andamento das discussões e interações dentro do grupo. A idéia mais geral é pensar a respeito dos diferentes modos de construção identitária e que conceitos são manipulados, especialmente no que se refere ao modo como *on-line* e *off-line* são postos em diálogo.

Outra questão interessante para a discussão são os encontros *off-line* com e entre membros da comunidade, especialmente os chamados Orkontros. A tentativa é de, uma vez mais, mostrar algumas das sutilezas envolvidas nas concepções de *on-line* e *off-line*, bem como no trânsito entre um e outro. Além disso, proponho refletir sobre a idéia de autenticidade, visto que estes Orkontros, após a entrada de uma grande quantidade de perfis *fakes* na comunidade, passaram a ser invocados e propostos como forma de provar ser autêntico ou não cada perfil.

³¹ No "orkutês" aparece como sinônimo de fuxicar, espionar.

³² A definição pode ser acessada em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fake>.

Fakes, Masks e Oficiais

Carol diz: obrigada por me citar entre os cinco mais da eper

GUSTAVO diz: é lógico que eu ia citá-la, voce já é minha amiga, assim como o Astor e o Mariano também. Os outros ainda são quadrinhos na tela do pc. e o pior, tem gente que leva o quadrinho a sério. tem muitos ali apaixonados por quadrinhos

Carol diz: vc acha?

GUSTAVO diz: com certeza. o pessoal viaja na maioneze. Sinceramente, porque pessoalmente a coisa é diferente

Carol diz: em q sentido vc acha q é diferente?

GUSTAVO diz: Carol, as pessoas ali colocam nos quadrinhos as melhores fotos com o photoshop gritando, sempre em poses fantásticas. pessoalmente é que se sabe como a pessoa é de fato.

Ao descrever a *Eper* mencionei serem encontrados entre os membros diferentes tipos de perfis³³. A partir do que foi postado nos tópicos, de conversas via *messenger* ou em encontros *off-line* e mesmo da observação da composição da comunidade – onde estão discriminados todos os associados (com nome, foto principal, cidade/estado/país) – pude perceber a existência de três categorias de perfis: os *oficiais*, os *fakes* e os *masks*.

A maioria dos membros da comunidade utiliza seus *profiles oficiais* ou *sociais*. Um ponto que distingue estes perfis dos demais é a utilização de fotos, principalmente aquelas de rosto ou de situações que demonstrem a pretendida veracidade das informações ali escritas. Também são adicionados não apenas os amigos e conhecidos virtuais, mas familiares, colegas de trabalho e amigos *off-line*.

³³ O Orkut permite variadas formas de montagem deste perfil, sendo que a pessoa preenche os itens que escolher. Do mesmo modo, pode ou não adicionar amigos ou entrar ou não em comunidades.

Logo no início da pesquisa - e em grande parte devido à experiência de fazer parte do Orkut desde sua criação - já sabia da existência de perfis denominados *fakes*, sendo que, algum tempo antes, a administração do programa havia lançado uma campanha de limpeza deste tipo de perfil. Essa atitude foi tomada porque, naquele momento, os *fakes* eram conhecidos por exibirem conteúdo erótico, prática proibida pelo código de conduta. Passou a ser comum encontrar perfis que traziam fotos de pênis, vaginas, bundas, de outras partes do corpo consideradas fetiches (pés, mãos, pernas) ou do próprio ato sexual, além de *nicknames*³⁴ com alguma conotação sexual.

A campanha de limpeza consistiu na eliminação do maior número possível de perfis *fakes*, especialmente aqueles que traziam material erótico ou outras fotos julgadas indevidas pelos controladores do programa. A popularização do Orkut coincidiu com a compra do programa pelas empresas Google e foi a partir deste momento que o código de conduta foi aprimorado e cresceu a vigilância sobre os conteúdos utilizados pelos usuários. Recentemente (a partir de 2007), foi criada pelo governo brasileiro a CPI da Pedofilia³⁵ e uma de suas ações foi exigir na Justiça que o Google disponibilize o conteúdo de cerca de 18 mil páginas (aproximadamente 7 mil perfis) de usuários cadastrados no Orkut e acusados de pedofilia. No chamado “Centro de segurança e privacidade” do Orkut há um longo texto alertando para os cuidados a serem tomados durante a navegação. Além disso, é mostrada a cooperação entre o Google e o

³⁴ Apelidos com conotação sexual e erótica são prática comum em salas de bate-papo ou programas como Disponível.com e ManHunt. O Orkut não foge desta lógica, mas a diferença é que há uma considerável vigilância sobre o conteúdo dos perfis. Se um perfil foge do código de conduta provavelmente será expulso. Alguns exemplos de *nicknames* deste tipo que encontrei em variadas comunidades do Orkut são: Safadogostoso201hotmail; Gostoso goiano; Sou Seu Dono BDSM; Louco pra fuder hj afim? Tenho23cm de pik; vinicius a procura de sexo; bangu 100% sexo a 3; tou na área de pau duro; gostoso33 delicia.

³⁵ Em agosto/setembro de 2008, a CPI conseguiu vitória na Justiça e o Google deverá desbloquear o conteúdo dos perfis solicitados. É bom salientar que esses perfis foram, em sua maioria, denunciados por outros usuários do programa através de entidades que combatem crimes virtuais (SaferNet, i-Safe, Internet Keep Safe Coalition).

Ministério Público Federal, sendo que aparecem listados os artigos do Código Penal que criminalizam determinadas práticas no virtual. Logo na entrada do site, há um link para uma página denominada “Mantenha o Orkut bonito”, da qual transcrevo o trecho abaixo:

“Gostamos do orkut tanto quanto você, e queremos que continue a ser um espaço interessante e limpo ou, como costumamos dizer: bonito. Ultimamente, o orkut tem sido grande foco de atenção da mídia brasileira, dando a impressão de que nossa comunidade está impregnada de atividades ilegais e usuários insatisfeitos. Qualquer usuário ativo do orkut sabe que isso simplesmente não é verdade, e que, de fato, o sucesso do nosso site se deve sobretudo à habilidade de nossos membros de criar conteúdo e comunidades interessantes - e que isso constitui a grande maioria do conteúdo e das pessoas que fazem parte do orkut. Na realidade, as 50 principais comunidades do orkut, com o total de mais de 37 milhões de membros e aproximadamente 1,3 milhão de visitantes por dia, não têm nenhum tipo de conteúdo ilegal. No entanto, assim como no mundo "off-line", sempre haverá algum conteúdo que para algumas pessoas poderá ser ofensivo ou impróprio. Pedimos desculpas se demos a impressão de que não levamos a sério essa questão relacionada a conteúdo ilegal ou ofensivo que possa ser encontrado no orkut..” (<http://www.orkut.com/About.aspx?page=keep>)

A “caça aos fakes” está diretamente relacionada a tentativas estatais de controlar os conteúdos circulantes na internet. E, vale lembrar, que a luta por controle vem sendo feita internacionalmente, em um processo de cooperação entre vários países para localizar redes de criminosos (pedófilos, traficantes, hackers) ou mesmo criar uma legislação internacional de controle do *on-line*.

Como consequência do aprimoramento do código de conduta e do enrijecimento da vigilância, muitos perfis e comunidades foram excluídos. Ao mesmo tempo, cresceu ainda mais o número de perfis *fakes*, destinados a divulgar e trocar materiais proibidos

e que podem ser enquadrados como crime. Através desse tipo de perfil é possível proteger as identidades *off-line* de seus usuários, burlando a fiscalização e dificultando a ação policial e judiciária³⁶.

Em meio a este processo, a *Eper* tentou se adequar às novas condições formuladas pelo Google. A descrição da comunidade passou a contar com diretrizes que reforçavam a intolerância da moderação à pedofilia, racismo, homofobia e atividades ilegais, além de trazer um *link* para a página de esclarecimentos da cooperação firmada entre o Google e o Ministério Público Federal. A moderação também lançou um tópico³⁷, denominado “Perfis com fotos pornográficas na Eper”, no qual reiteravam a proibição de usuários que ostentassem fotos com conotação sexual, especialmente dos órgãos sexuais. Esse tópico foi criado para tentar adequar a comunidade às diretrizes do Google, que proibiam a utilização de imagens desse tipo.

Mas acredito que há neste processo uma confusão envolvendo os perfis *fakes*, acusados, desde então, de todos os problemas de funcionamento do Orkut. Rompendo com o senso comum reproduzido pela direção do programa e por muitas comunidades - que chegam a nomear o mundo *fake* de *Orkut Underground* - grande parte dos *fakes* não traz em seus perfis nenhum conteúdo erótico ou que viole os termos de utilização do Orkut.

Ao entrar na *Eper*, notei que existiam ali muitos perfis que reconheci inicialmente

³⁶ Qualquer usuário, ao se conectar à rede recebe um número de protocolo, denominado IP. Através deste número é possível identificar o local de onde foi feita a conexão. Os IPs de perfis *fakes* não escapam dessa lógica, mas, como descobrir o protocolo de acesso é um processo longo e que envolve até mesmo os provedores de acesso, eles conseguem atuar durante um período de tempo considerável. Muitas vezes, o próprio usuário deleta o perfil e cria outro logo em seguida para dificultar a localização. Outros fazem o acesso de locais públicos (*lan-houses*, cybercafés) e dificilmente serão encontrados.

³⁷ A primeira postagem nesse tópico foi feita em 30 de janeiro de 2008, momento em que muitas comunidades foram fechadas ou tiveram membros expulsos por exibirem “conteúdo pornográfico” ou algum material ilegal.

como *fakes*. Até este momento, eu não sabia que nem todos os que criavam um perfil diferente ou, como eu pensava, uma segunda identidade, eram realmente *fakes*. Em uma conversa no *messenger* com Danny Zuko - perfil que eu identificava como *fake* desde o início (ele usava como foto um personagem e no álbum não possuía nada que o identificasse) - ele me disse não ser um *fake*. Reproduzo abaixo partes da conversa:

Carol diz: *e vc está no orkut há mto tempo?*

Danny Zuko diz: *bem, com aquela conta q vc me achou estou há 1 ano*

Carol diz: *ahhh..vc tem outra conta então*

Danny Zuko diz: *sim mais duas*

Danny Zuko diz: *uma q eh minha mesmo*

Danny Zuko diz: *a outra eh um fake meu*

Danny Zuko diz: *mas fake do bem. Kkkkkkkkkk*

Carol diz: *o que eu te achei é um fake do mal?*

Danny Zuko diz: *kkkkkkkkkkkk...naum naum*

Danny Zuko diz: *nem fake eh*

Danny Zuko diz: *eh mask*

Carol diz: *oq é mask?*

Danny Zuko diz: *fake eh quem quer se passar pelo personagem do orkut*

Danny Zuko diz: *mask eh soh quem naum usa a propria foto e poe outro nome*

Danny Zuko diz: *entende?*

Danny Zuko diz: *se eu, com minha conta do danny zuko, me passasse por danny zuko eu seria fake*

Danny Zuko diz: *mas como só uso pra naum mostrar minha verdadeira identidade entaum eh soh mask* (Danny Zuko, via *messenger* em 08/04/2007)

Quando se utiliza a palavra *fake*, a versão literal evoca a idéia de algo que é falso, falsificado, uma espécie de fingir ser. Ao interpretar a realidade com a qual me deparei, acredito que o sentido de *fake* para o Orkut extrapola tais noções. Durante todo o tempo, foi uma preocupação tentar entender que motivos levavam à criação

destes perfis, bem como de que modo eles estavam articulados com o funcionamento da comunidade como um todo. E não demorou muito para que eu percebesse alguns pontos importantes: que a divisão *fake/mask/oficiais* é constantemente acessada, até como um modo de marcar posições e referendar critérios estabelecidos do que é verdadeiro ou não; que a comunidade não controlava a entrada de *fakes* e *masks*, mas problemas e crises (uma delas presenciada por mim) já haviam ocorrido neste sentido; que, não apenas na *Eper*, mas no Orkut como um todo, existia um padrão nos *fakes* criados, apesar das quase infinitas possibilidades de manipulação do perfil: *fakes* engraçados, *fakes* espiões, *fakes* eróticos e *fakes* “perfeitos” (chamados também de “*fakes* do mal”); que implícita ou explicitamente em alguns casos a presença dos *fakes* trazia à tona a discussão a respeito das novas realidades colocadas pelo Orkut, em especial o fato de que qualquer um, a qualquer momento, poderia criar um perfil completamente diferente daquilo que expressava/vivia/ vivenciava em um ambiente *off-line*.

As categorias ou tipos de *fakes* mencionadas acima são provenientes da observação etnográfica. Elas apareceram em diversas falas (postagens, e-mails, conversas por *messenger* ou nos orkontros) de participantes da *Eper*, especialmente nos momentos em que a comunidade se viu às voltas com algum acontecimento protagonizado por perfis *fakes*. Essas categorizações merecem uma breve caracterização:

- *fakes* engraçados são aqueles que criam personagens baseados em artistas, personagens de desenho animado ou quadrinhos, políticos, esportistas, animais, produtos de consumo. Foram chamados também de *fakes*-clones. Na *Eper*, alguns destes *fakes* se tornaram marcantes: Maria do Bairro, Clodovil, Nazaré, Vera Verão,

Cebolinha, Chico Bento³⁸.

- *fakes* espiões são criados com o fim único de espionar perfis e comunidades. Normalmente estes *fakes* permanecem escondidos e não estabelecem relações ou entram em comunidades. Funcionam mais como “olheiros”, não deixam rastros e passaram a ser mais utilizados após a instalação de uma ferramenta que permite ao usuário ver todas as pessoas que acessaram seu perfil.

- *fakes* eróticos compõem-se com fotos e descrições consideradas pornográficas³⁹. Foram eles os responsáveis pelo início da “limpeza” no Orkut, visto que violam uma das regras do código de conduta do programa. Normalmente são encontrados em comunidades em que sexo e seus derivados são os assuntos principais. A *Eper* possui uma quantidade considerável destes perfis, mas, como mostrei no início deste capítulo, a moderação iniciou uma campanha para que os usuários não portassem imagens de nudez ou conteúdo sexual explícito nas fotos de apresentação do perfil.

- *fakes* perfeitos são aqueles que se passam por uma pessoa, criam um personagem e lhe dão um nome, uma história de vida, características e um rosto. A maioria destes *fakes* é montada a partir do roubo de fotos encontradas no próprio Orkut ou em sites, fotologs e blogs. Ao contrário dos outros tipos de *fakes*, eles reivindicam uma existência fora do *on-line*, contando uma série de fatos e histórias que atestariam sua

³⁸ Cabe aqui uma breve explicação de quem são os personagens “clonados”: Maria do Bairro – personagem de uma novela mexicana de mesmo nome, transmitida no Brasil pelo canal SBT; Clodovil – apresentador de televisão e deputado federal; Nazaré – personagem de uma novela intitulada “Senhora do Destino”, transmitida pela Rede Globo de Televisão; Vera Verão – personagem do programa humorístico “A Praça é Nossa” do canal SBT; Cebolinha e Chico Bento – personagens das revistas em quadrinho “Turma da Mônica.

³⁹ O conceito de pornográfico adotado nessa caracterização é aquele encontrado nas diretrizes do Orkut e se refere à utilização de imagens de nudez (partes do corpo, órgãos sexuais) e do ato sexual em si. Sem dúvida, essa visão é bem peculiar e deixa de lado as sutilezas envolvidas na caracterização da pornografia e do erotismo, bem como o fato de que estes são conceitos envolvidos em constantes disputas. Os significados da pornografia são contextuais e se relacionam às maneiras como convenções de gênero e sexualidade são mobilizadas contingencialmente.

autenticidade. Na *Eper* estes *fakes* foram responsáveis por polêmicas. Ao se passarem por pessoas que supostamente existiriam como descrito e com os problemas relatados, muitos dos membros acreditaram nas histórias contadas e se envolveram, descobrindo tempos depois ser tudo uma farsa.

Com esta tipologia, meu intuito é mostrar as variadas possibilidades de manipulação do perfil. Mas, ao mesmo tempo, alertar para a existência de certas convenções que regem a montagem dos avatares, sendo que, a variabilidade não é infinita. Como são montados a partir de um universo limitado de referências, é um engano pensar, como queriam os teóricos mais celebrativos do ciberespaço, que a internet é um local aberto a infinitas manipulações identitárias.

Em relação aos *masks* o processo é um pouco diferente: não é criada uma nova identidade e a pessoa pode ou não utilizar sua própria foto. Normalmente são colocadas no perfil *mask* características, preferências e descrições que não apareceriam no perfil “social” (ou oficial). Um dos pontos principais apontado, nas conversas via *messenger*, por vários proprietários de perfis *masks* - Danny Zukko, Garçon, Small e Mar, entre outros - é que utilizar um segundo perfil, representava a possibilidade de declarar informações vetadas para o perfil oficial – restrito a familiares e amigos não-virtuais.

Os perfis *masks* têm também implicações consideráveis nas possibilidades interativas, na ampliação dos espaços de sociabilidade e nas construções identitárias. Em geral, os que optavam por criar um *mask* assumiam sua homossexualidade apenas no virtual e para os membros da comunidade. Família e amigos desconheciam as preferências sexuais de cada um deles.

Ser um *mask* facilitava a entrada em contato com comunidades e pessoas com

as mesmas questões. Como me relatou Danny Zuko, estar na *Eper* e em outras comunidades com temática gay foi uma maneira de *conhecer gente do meio* e isto favoreceu seu *processo de auto-aceitação*. Pelo teor de alguns tópicos da comunidade, fica bastante clara a valorização do ambiente comunitário como meio de discutir dúvidas em relação à sexualidade, ao ato de se assumir, às relações familiares, a doenças, às questões de passivo e ativo no intercuro sexual.

Para muitos destes *masks*, comunidades como a *Eper* funcionam como o único contato com questões e modos de vida gays. Em uma situação *off-line*, grande parte dos *masks* nunca teve qualquer experiência afetiva ou sexual com homens e nem mesmo esteve em ambientes GLS. Aprender a “ser gay” se dá, então, nestas conversas travadas no virtual, neste “meio gay” *on-line*. Minha hipótese, a partir dos dados recolhidos durante a pesquisa é que a internet representa um modo de “sair do armário”, idéia que desenvolvo mais detidamente no capítulo 5.

Os encontros e relacionamentos estabelecidos no *on-line* seguem um código determinado, em que a distância física tenta ser suprida de algum modo. O relato de Mar (perfil *mask*) em nossa primeira conversa no *messenger* deixa isto claro:

Carol diz: e vc entrou na eper pra encontrar alguém?

Mar diz: alguém específico? Ah ta certo q vi uns mocinhos lindos lá antes d participar, mas entrei msm p trocar idéias.

Carol diz: e tem alguém específico q te interessa agora?

Mar diz: olha ultimamente to tentando cortar qlqr interesse, tem mtos moços q são uns amores q converso, mas putz não tem como manter uma relação com eles morando mto longe. Sabe acho q já sofri d+.

Carol diz: nada de namoro à distância?

Mar diz: ah até tentei o ano passado, mas não deu certo. Ah vc não vê a pesssoa né, fica difícil, vc vai ficar prendendo ele a vc. Alguém q nunca vê.

Carol diz: mas vc nunca o viu?

Mar diz: vi sim, mas combinamos d manter apenas amizade. Bom to achando ele um mentiroso né. Pq sumiu e não conversa mais. Ah a maioria é assim, vê 1x e depois some. Cada vez mais eu vou me conformando com a situação. Sei q não devo mas aiaiai. Tem horas q fico mto confuso, mas normal. Ai evito o máximo d gostar de alguém da internet.

Carol diz: vc acha q só sofre?

Mar diz: ahhh sofrimento já é grande d+ s for analisar. Nossa já gostei mto d alguém, mas nada, ficar nessa d internet, esperar ele entrar, ver s ta on, oq escreve. Ficar dependendo disso como único contato. Ah isso é ruim. Aki não tem lugares gls. Nunca fui, não tenho coragem d ir sozinho. (Mar em conversa no dia 5 de maio de 2007)

Grande parte da fala de Mar se assemelha a depoimentos recolhidos por Slater (1998) em sua etnografia a respeito da troca de imagens eróticas em um canal do programa IRC (Internet Relay Chat). De modo análogo aos participantes do IRC, muitos membros da *Eper* adotam uma postura ambivalente frente às relações estabelecidas no virtual, alternando entre o cinismo e a crença: apresentam ressalvas em acreditar nestas relações *on-line*, mas, ao mesmo tempo, ainda investem e mantêm a esperança nestes relacionamentos. Mar conta ter se apaixonado, sofrido, sentiu-se enganado (quando o rapaz some sem maiores explicações), mas ainda assim, fala em “mocinhos lindos” que encontrou na comunidade e vê o virtual como única saída para conhecer outros rapazes gays, visto que ele não possui um estilo de vida gay no *off-line* e nem é assumido⁴⁰.

Os *masks* normalmente não são vistos de modo negativo e nem causam grandes polêmicas. A idéia de criar um perfil *mask* é adotar uma espécie de máscara virtual como meio de manter no anonimato certas práticas e comportamentos,

⁴⁰ É certo que essas informações dadas por Mar sobre si mesmo poderiam não ser verdadeiras e fizessem parte da construção de sua persona. Mas, acredito que elas não são apenas algo em que ele quisesse que eu acreditasse. Tomo como base para tal, conversas com outros membros da *Eper* e as informações que aparecem em seu perfil oficial.

especialmente os relativos à sexualidade. É como se alguém utilizasse a “máscara” (outro nome, outras fotos) “mas por trás dela continuasse sendo a mesma pessoa”. Assim não há no mask o teor inventivo, de cópia e simulacro contido no *fake*.

Os *fakes* foram, ao longo da existência da comunidade, responsáveis por crises e debates. Em várias conversas com usuários mais antigos da *Eper*, era mencionada uma polêmica envolvendo um *fake* chamado Gigio, O Italiano. Através dos relatos que recolhi, este *fake* teria despertado uma série de paixões virtuais, mas pela ação de membros descontentes da *Eper*, foi desmascarado tempos depois de sua entrada na comunidade. Gigio se apresentava como um gogo-boy e, em seu perfil, ostentava fotos de um rapaz muito bonito, com o corpo trabalhado. A fotografia representativa de seu avatar chamou a atenção e muitos eperianos se apaixonaram pelo “quadrinho”, pela imagem. Estes membros passaram, então, a estabelecer contatos com Gigio fora da comunidade, através do *messenger* ou via telefone.

Ao mesmo tempo, outros membros começaram a desconfiar das histórias contadas e das posturas adotadas por Gigio – ele chegou a fazer uma série de comentários discriminatórios resumidos no bordão “bichinhas pobres, feias e recalçadas” – e supuseram ser ele um *fake* de Wagner, também membro da *Eper*. Marcaram, então, um encontro *off-line* com Gigio ao qual ele não compareceu, atestando, na visão dos proponentes do encontro, ser um *fake*. Logo depois, Wagner assumiu ser o criador de Gigio. A descoberta do *fake* perfeito provocou na comunidade um clima de desconfiança, já que muitos se sentiram enganados. Ao me relatar sua versão do caso Gigio, Garçon resumiu o sentimento instalado na *Eper* após a descoberta do *fake*:

Isso realmente gerou uma preocupação geral e uma grande instabilidade nos membros da EPER, pois eles viram como estavam susceptíveis a serem enganados ali dentro da comunidade, foi como um verdadeiro tapa na cara de todos (especialmente os envolvidos ou os que despertavam algum interesse pelo Gio), afinal, percebeu-se que, de certa forma, ninguém estava seguro de nada ali dentro. Foi realmente um transtorno, uma experiência que todos levarão para sempre em suas vidas: Não existe garantia NENHUMA de integridade moral dentro do espaço virtual. (Garçon em relato via e-mail)

A discussão envolvendo o *fake* Gigio aconteceu antes de minha entrada na *Eper*, mas ainda gerava debates e pequenas menções sarcásticas no fórum, especialmente do já mencionado bordão “bichinhas pobres, feias e recalcadas”. Durante a pesquisa de campo, ocorreu uma nova crise gerada pela descoberta de um suposto grande criador de *fakes* dentro da comunidade, apelidado por eles de “Mr. X”. A meu ver, esta descoberta marca um momento importante na comunidade, em que houve a reestruturação de algumas de suas diretrizes. As discussões giraram em torno das categorias de real e virtual e da possibilidade ou não de existirem relações fundadas no virtual, com o surgimento dos sentimentos de amor e paixão.

Durante os debates, pude perceber um início de fragmentação da comunidade em pequenos grupos, aparentemente com interesses diferentes, e que se colocavam as questões relativas às implicações do virtual de modo diverso. À medida em que as discussões avançaram, a divisão dentro do grupo ficou mais nítida e, em um dado momento, as partes componentes dos debates ganharam nomes e uma caracterização mais pontual. Essa nomenclatura, por mais que não fosse utilizada por todos os participantes do fórum, teve a função de revelar e mesmo materializar as tensões em

jogo dentro da *Eper*. Os desacordos não-ditos e percebidos apenas em momentos sutis se tornaram declarados e, talvez por esse motivo, o grupo, para se manter coeso, tenha se reestruturado. O primeiro indício de mudanças foi a proposição de novas diretrizes para a comunidade, já que, em meio a tantas diferenças, a moderação percebeu serem necessárias novas regras, não que sufocassem as diferenças, mas que tornassem possível a convivência.

A divisão da *Eper* ganhou nomes, após uma postagem de Karl – um dos participantes mais respeitados e polêmicos da comunidade. Estabeleceu-se, então, que, de um lado, estavam os chamados “pensantes” ou “intelectuais” - preocupados com o sentido mais geral, sociológico e até mesmo ético das relações que ali proliferavam – e, de outro lado, os “miguxos” ou “foufos” - vítimas preferenciais das paixões virtuais relâmpago e dos amores e afetos declarados abertamente no fórum e nos *scraps* deixados para outros participantes e que não se mostravam tão interessados em questões teóricas mais amplas nascidas da proliferação dos *fakes*.

Mr.X se fez conhecer quando foi trazido à baila um tópico bem antigo da comunidade. Neste tópico, um rapaz supostamente chamado Márcio, hétero e religioso, contava ter se apaixonado por seu amigo Samuel e narrava sua história de amor. Na época - setembro de 2006 - vários membros da *Eper* se solidarizaram com o romance proibido entre os dois.

Quando o tópico foi retomado, ao se clicar no *link* que conduzia ao perfil de Márcio, a pessoa era encaminhada para o perfil de Edgar, um integrante bem querido dentro da comunidade. Ficou claro, então, que Edgar não era quem dizia ser: um senhor de 60 anos, soropositivo e que vivia um romance proibido com um jovem de 24 anos.

Fábio, o responsável pela descoberta do tópico, denunciou o ocorrido, buscando averiguar se suas suspeitas eram verdadeiras ou não. Seguiu-se a este fato uma grande mobilização que afetou a toda a comunidade: todos passaram a desconfiar de todos, principalmente depois de levantada a suspeita de que o criador de Edgar e de Márcio era um reprodutor de *fakes* dentro da *Eper*. Como sua identidade era desconhecida, passou a ser chamado de Mr.X.

A situação piorou quando um dos moderadores, Brother, revelou saber da armação e também a identidade de Mr. X:

e vcs não sabem da missa a metade. ele tem outros fakes atuantes na Eper...tempos atrás descobri um elo entre dois de seus fakes, perguntei a ele em email e ele me confessou várias coisas. sempre tive vontade de contar mas contive minha língua porque ele me pediu segredo. Mr. X (vou chamá-lo assim) é um cara que se diverte criando tipos bem diferentes uns dos outros, ao mesmo tempo que tem grande inteligência pra fazer isso comete erros primários como usar um perfil antigo pra criar um novo fake, ele também às vezes esquece a senha de alguns deles como me contou sobre um divertidíssimo personagem seu que escreveu aqui na Eper durante um bom tempo. uma curiosidade que ele mesmo me disse é que por um estranho motivo muitos de seus fakes se relacionam com Xande de alguma forma. ah gente, se eu pudesse contar mais... (Brother em 13 de maio de 2007)

Foram várias as reações à postagem de Brother, desde os que o apoiavam por manter o segredo até a maioria que o condenava, especialmente por ele ser um dos moderadores. Algo que notei ao analisar as mais de 400 postagens deste tópico, intitulado coincidentemente “Confusão”, é que a diferenciação *fake/mask* foi acessada inúmeras vezes, especialmente por parte da moderação. Parecia uma tentativa de

acalmar os ânimos, deixando claro que, apesar de não mostrarem o rosto, muitos ali eram *fakes do bem* e não tinham interesse em enganar nenhum dos membros ou mesmo a comunidade como um todo. Os *masks* e *fakes do bem* agiriam com “integridade moral” e mudavam seus nomes e fotografias “reais” apenas para manter o anonimato e sua privacidade. Moisés, Gatinho e Guga foram categóricos neste sentido:

Claro que nenhum de nós que possuímos perfis reais (ou MASKS, novo nome para perfis fakes "do bem": os que só se utilizam do perfil para expor suas idéias reais, sem que nos forcem a acreditar que os perfis são reais) irá se prejudicar por conta disso....mas isso é realmente chato e desconcertante em alguns momentos....(Moisés em 13/05/2007)

Quero que esse Mr.X se exploda, ser egoísta! Só espero que ele não seja uma das pessoas pelas quais me apeguei. Eu odiaria descobrir que gosto de alguém que não existe. Farsante! (Gatinho em 13 de maio de 2007)

Tem varias pessoas aqui na comunidade que usam fake e são pessoas legais. Usam um perfil falso? Usam, mas usam para se divertir, são agradáveis. Agora OUTROS... hmmmmmm... é problema. Quando fui moderador desta comunidade fakes aqui era coisa rara. Não tenho paciência para esses tipos. Nunca deixei entrar e muito menos participarem de nada. E muito menos me preocupei com opiniões dos outros. E a comunidade nunca deixou de criar tópicos NONSENSE. Cacete... eu caio na risada quando eu começo a ler. Não é a primeira vez que viados 'supostamente seres reais' criam tópicos digamos: MEIGOS. E conforme vai passando o tempo se vê que não passa de psicose da beesha. Eu não vi esse tópico da beesha e o bofe "evangélico". digamos que eu visse. Com certeza eu não daria apoio,e xingaria os viados e falaria horrores. Ai o que iria acontecer? O Guga é agressivo, o Guga agride gratuitamente e blá blá blá. Agora como viram que o tópico,e os envolvidos são falsos...Estão ai TODAS frustradas.

Bando de beeshas otárias!! (Guga em 13 de maio de 2007)

A partir dessas falas é possível notar a contraposição entre os *masks/fakes do bem* e os *fakes do mal*. Os primeiros não seriam um problema já que omitiriam algumas informações apenas para preservar a privacidade. Optar pelo anonimato não é considerado, nestas visões, algo grave. O que eles parecem julgar como errado é utilizar a possibilidade de ser anônimo para criar diferentes perfis com a finalidade de se passar por pessoas que supostamente existem do outro lado da tela. Vem daí o nome *fake do mal*.

Acho importante pensar nas concepções de bem e mal, acessadas inúmeras vezes para se referir aos *fakes*. Não é ruim ou condenável criar um *fake* ou um *mask* desde que ele não pretenda enganar os membros da comunidade e fazê-los acreditar que suas histórias e problemas existem no *off-line*. O *fake do mal* cria tensões porque engana, inventa, mente.

O interessante é que nessas definições de bem e mal, bom e ruim não entra uma questão que, a meu ver, é inevitável de ser pensada quando se fala da internet: até que se prove o contrário (e as maneiras de se provar são elas mesmas contestáveis), todos podem estar mentindo, inventando e enganando. Para isso não precisa ser um *fake do mal*. Bem e mal são classificações construídas, que se baseiam em sistemas de valores e não são dadas de antemão. E, é preciso que se pontue também, definir no ciberespaço ou mesmo no *off-line* o que é real/verdadeiro e falso/fabricado é um processo permeado por sutilezas. Assim, afirmações generalizantes a respeito do que são *fakes*, *masks* e *oficiais* e das posturas esperadas de cada um deles, não dão conta da complexidade das construções dessas personas virtuais.

Em um tópico intitulado “Múltiplas Personalidades”, encontrei uma instigante discussão a respeito da crescente presença de *fakes* e de *fakes de fakes* na comunidade. O título do tópico é sugestivo: *fakes* e *fakes de fakes* seriam obras de pessoas que utilizavam o espaço virtual para criação de diferentes personagens, estas “múltiplas personalidades”. Além das duas crises citadas, presenciei situações semelhantes no período em que estive mais ativa na *Eper*: uma mesma pessoa (ou grupo de pessoas) controlava diferentes *fakes*, os quais, normalmente, não guardavam qualquer semelhança uns com os outros. Certos tópicos acabaram se tornando uma espécie de “monólogo *fake*”, isto é, *fakes* de uma mesma pessoa conversavam entre si. No tópico citado, algumas dicas foram dadas para facilitar o reconhecimento de perfis *fakes*: evitam encontros fora de virtual, não possuem depoimentos de amigos, não possuem comentários sobre sua vida pessoal nos *scraps*, só têm amigos que moram em locais distantes de onde dizem morar.

Uma questão a ser pensada diz respeito à maneira como são construídas as identidades no virtual, de que maneira estas “múltiplas personalidades” aparecem. Sem dúvida este é um dos temas mais trabalhados nos estudos sobre o ciberespaço, visto que o *on-line* exacerba a possibilidade de fragmentação identitária. Milne (2007), em seu trabalho sobre intimidade, identidade e presença a partir de uma lista de e-mails, mostra haver uma polarização dos debates. Há os teóricos que creditam ao virtual a capacidade de gerarem sujeitos fragmentados e múltiplos, nos quais não são visíveis marcas e convenções de gênero, raça e classe. Desse modo, o sujeito poderia resistir a ser encapsulado nas estruturas hegemônicas existentes e atuantes apenas no *off-line*. A ausência dessas marcas permitiria a construção de subjetividades performativas, flexíveis e descentradas, em que não há um “*core* estável, centrado e autônomo”.

Outros autores vêem no *on-line* a possibilidade de criação de corpos sem marcas de cultura, em que o “verdadeiro self” é revelado (sujeito sem gênero, sem raça, sem idade, incorpóreo). Assim, as comunicações mediadas por computador (CMC) teriam o papel de colocar numa posição de igualdade seus usuários, já que eles são sujeitos sem marcas.

Por último, existem aqueles que pensam a identidade *on-line* como produto da conjunção de diferentes marcadores (raça, gênero, idade) e, em alguns casos, de um diálogo com referentes encontrados no *off-line*. Há uma contestação das visões que tomam o sujeito como descontextualizado, incorpóreo, sem gênero, raça, classe, idade ou qualquer outro marcador de diferença. Autoras feministas têm um papel importante nesta vertente e advogam que as práticas discursivas encontradas nas comunicações por computador não apenas mantêm, mas também exageram os estereótipos de gênero.

No Orkut e na *Eper* estão em jogo uma série de identidades e elas são expressas no virtual através dos múltiplos discursos mobilizados e da construção dos avatares. Acredito que o fato de alguém assumir uma segunda identidade, seja ela falseada (*fake*) ou maquiada/ mascarada (*mask*), é bastante revelador de algo que Stuart Hall, em sua análise das diversas crises pelas quais o conceito passou, chamou de sujeito descentrado ou deslocado. Isso significa que este sujeito não possui apenas uma identidade fixa e una, mas é composto por múltiplas identidades, algumas delas contraditórias, outras consoantes, mas que não necessariamente conduzem ao que poderíamos chamar de *self coerente*. Conforme ele mesmo enuncia,

Isto [crises e mudanças estruturais e institucionais] produz o sujeito pós-moderno, conceituado como isento de identidade fixa, permanente ou

essencial. A identidade tornou-se uma “festa móvel”: formada e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados e tratados nos sistemas culturais que nos circundam. Ela é histórica, não biologicamente definida. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diversos, identidades que não estão unificadas em torno de um “self” coerente. (STUART HALL, 2003, p.11)

Se consideramos que a identidade é construída em grande parte na relação com o outro, as interações e as redes formadas na comunidade podem explicar porque alguém se apresenta de uma determinada maneira ou mesmo acessa um determinado tipo de discurso - também ele fabricado ou mascarado - para se construir enquanto identidade virtual. Na falta de uma presença física, até mesmo a escolha das fotografias diz muito a respeito de que imagem ou figura o criador do perfil quer apresentar aos outros. E isto alimenta ainda mais o constante jogo de demarcação de posições e de pequenos grupos dentro do grupo maior: os que se identificam, unem-se e passa a existir uma segmentação que separa a comunidade (exemplificada, no caso da *Eper*, pela separação entre “intelectuais” e “miguxos”).

Ainda em relação às construções identitárias, especificamente no virtual, é essencial o trabalho de Sherry Turkle (1996). Ela propõe que as novas tecnologias de comunicação fazem com que o conceito de identidade se torne mais fluido e múltiplo, levando esta noção de fluidez ao limite. Isto porque cada um pode se tornar vários: criando diversos avatares, abrindo diversas janelas⁴¹ ao mesmo tempo, utilizando

⁴¹ Turkle afirma que a possibilidade infinita de abrir janelas ou páginas diferentes ao mesmo tempo, situa o indivíduo em diversos contextos e locais. Assim a identidade do indivíduo é “a soma de sua presença distribuída”(p. 13).

variados programas. E, em cada um deles, há a possibilidade de assumir um comportamento, uma forma gráfica e uma prática textual diferentes. De acordo com a autora, é como se a internet tivesse se tornado um laboratório de experimentações, em que identidades passaram a ser rapidamente construídas e reconstruídas, em um processo que ela chama de auto-modelagem e auto-criação.

Não discordo da idéia de “laboratório de experimentações”, mas o cenário encontrado na *Eper* mostra que essas invenções não necessariamente conduzem a um lugar harmonioso e livre de polêmicas e crises. As crises *fake* narradas mostram que, ao contrário, determinadas criações não são tão bem vistas por grande parte da comunidade. Parece ser moralmente condenável o fato de alguém construir uma pessoa e se passar por ela. Muitos argumentos – éticos, jurídicos, psicológicos - são acessados para julgar e, na maioria das vezes, condenar estes personagens virtuais. Acredito que a indignação causada pela descoberta de Mr. X e Gigio não é apenas porque eles foram invenções bem feitas (*fakes perfeitos*). Minha hipótese é que essas duas figuras foram consideradas culpadas porque colocaram em evidência as dificuldades de muitos usuários de lidar com as situações vivenciadas *on-line*. Durante certo período de tempo, enquanto ainda se passavam por “reais”, Mr. X e Gigio alimentavam ilusões e se comportavam de acordo com as expectativas dos usuários e com as normas e regras que regiam a comunidade. Ao serem descobertos, provocaram uma quebra da ordem e fizeram com que muitos participantes precisassem rever suas concepções relativas ao virtual e às relações dele derivadas. Isso fica claro na seguinte fala de Karl:

Não há controle. Mesmo quem tem perfil dito ‘verdadeiro’ pode mentir e falsear informações. Ninguém pode ser ingênuo no Orkut e acreditar em tudo, sempre achar tudo maravilhoso,

confiar integralmente nas pessoas e nos fatos.eu tenho que admitir que me quebrei no primeiro mês que entrei no Orkut: n]ao sabia como as coisas funcionavam, achei que tudo era zoação, mas acabei por levar a sério o que não devia. Mas isso foi lá no começo. Hoje em dia não dá mais, até quem entra já sabe o que é o Orkut. então se o Edgar ou seja lá quem for quis mentir, beleza. O que eu quero dizer é que nada do que ele disse mudou minha vida. E ele ficar ou não, também não vai mudar. E isso vai continuar acontecendo, porque se o Orkut criar algum mecanismo para evitar os fakes o sistema morre. (Karl em postagem do dia 13 de maio de 2007).

Acredito ser necessária mais uma ressalva: não pretendo sugerir que múltiplas identidades é algo específico do virtual, mas o estar *on-line* permite uma maior rapidez na construção destas. Em outras palavras, o virtual facilita a execução da idéia de que um pode ser tornar vários. Mas, de certo modo, existe ainda um diálogo com categorias do *off-line*, sendo que elas passam a ser tomadas como referentes (tanto como afirmação quanto como negação) das identidades moldadas no *on-line*. A partir do que do cenário encontrado na *Eper*, acredito que não é possível falar que as construções identitárias ali presentes não trazem qualquer marca de gênero, raça, classe e idade. Ao contrário, os avatares são contextuais e trazem consigo uma série de referentes e marcas. Estereótipos de gênero podem ser encontrados e um exemplo disso foi a dificuldade do grupo em assimilar minha presença entre eles, momento que mostrou a permanência de visões convencionais de feminilidade e masculinidade. Talvez, então, essas identidades *on-line* não sejam tão subversivas como pode parecer à primeira vista e nem estão em relação de oposição com o *off-line*, sendo que se comunicam com ele de diferentes maneiras.

Pensando nos *fakes*, por exemplo, é importante para entendê-los o conceito, bastante presente nos trabalhos sobre o virtual, de simulação. Um *fake* é construído a partir deste princípio: ele é um simulacro, uma cópia, uma clonagem. Turckle (1996) afirma que a vida *on-screen* (ou *on-line*) não possui uma origem própria ou qualquer base específica, mas sim, funda-se a partir da manipulação e recombinação de referentes de outro contexto. Compõe-se, sobretudo, de representações da realidade, mas de uma realidade também ela inventada.

A pessoa que cria o *fake* não é a sua origem, mas funciona como uma referência a partir da qual a criação é realizada. Isso porque os elementos componentes do *fake* fazem parte de um repertório acessível ao criador. É através da cópia de elementos de origens variadas que fazem parte desse repertório, e de sua combinação e recombinação, que nasce o personagem. *Fakes* são construções próprias do *on-line*, mas que, de algum modo, dialogam com o *off-line*. Com isto quero dizer que por mais que sejam figuras do virtual, convenções e um repertório fornecido pelo *off-line* fornecem as bases para sua existência. São, então, personagens que reivindicam ser autênticos e, para isto, são dotados de um rosto, uma história, sentimentos, características e problemas.

Os impasses surgem quando um *fake* leva ao extremo essa reivindicação de autenticidade e adota um comportamento que tensiona a relação entre os contextos *on* e *off-line*. Exemplos desta tensão podem ser encontrados nos dois casos narrados: um *fake* cria uma história, atua consoante a ela, estabelece relações, chega a passar um número de telefone ou marcar encontros e, de repente, há a descoberta de que a pessoa não existia e era um personagem do *on-line*. Instaura-se, então, um clima de

desconfiança e especulações a fim de descobrir quem é o responsável pela criação *fake*.

E em meio à desconfiança geral instalada na *Eper* (depois eu mesma vim a descobrir que desconfiavam que eu poderia ser um homem com um *fake* de mulher) uma necessidade ficou clara: a de mostrar sua autenticidade, a sua real existência. Gustavo sintetizou bem uma das opções para se mostrar autêntico:

*Eu estou "bege", eu não consigo imaginar o que se passa na cabeça de uma pessoa para perder tempo criando estorinhas no ORKUT, ainda bem que essa comunidade está se movimentando para que haja um ORKONTRO, chega de tantos fakes, chega de tanta gente apaixonada por fakes, chega de tanta gente apaixonada por quadrinhos, chega de tanta gente vivendo realidades **VIRTUAIS**.* (Gustavo em 14/05/2007)

Parece que a busca pelo real atua como pano de fundo para as relações desenvolvidas na *Eper*. Por mais que o *on-line* permita uma liberdade de experimentação considerável, as demandas de grande parte dos membros da comunidade parece ser a exigência pelas realidades e daquilo considerado por eles verdadeiro. Assim sendo, muito do potencial subversivo e criativo da internet é deixado de lado. Em um dado momento da pesquisa, o virtual se tornou *off-line* e alguns destes avatares adquiriram outro tipo de realidade. Este é o episódio que narro a seguir: os Orkontros da *Eper* e os encontros individuais com alguns dos membros da comunidade.

Os orkontros

Carol diz: e vc namora?

Astor diz: namoraaaaar assim, não...mas eu tenho um casinho...um rapaz que eu vejo semanalmente...

Carol diz: hummm...e como vcs se conheceram?

Astor diz: pela EPER acredita?

Carol diz: jura?

Astor diz: sim...ah, entrei na comunidade porque um amigo meu queria que eu aceitasse ele como amigo. daí entrei na comu pra procurar ele, e acabei ficando nela...e virei membro ativo lá...

Carol diz: oq te fez ficar na comunidade?

Astor diz: o pessoal é muito tranquilo. são amigáveis. os tópicos me ajudaram muito como pessoa. até então, eu não tinha tanto contato com o mundo gay e foi pelo virtual que aprendi a me impor como pessoa

Carol diz: e assim....vc disse q já teve de tudo no orkut: amigos,paixões,amores

Astor diz :isso

Carol diz: virtuais apenas?

Astor diz: isso...mas é como se fossem reais. como te falei, virtuais, mas casos, romances, paixões, amores e até casos sexuais!!!

Os autores que tratam da realidade virtual normalmente não entram em acordo a respeito da saída do virtual para um momento *off-line* durante a realização da pesquisa. Acredito que, em alguns casos, esta passagem do virtual para o *off-line* pode até não se justificar. Mas, em minha pesquisa, à medida que os contatos foram aumentando e

minha participação na comunidade sendo mais efetiva, ficou claro que em algum momento, eu também deveria deixar de ser um “quadrinho” na tela do computador.

As conversas pelo *messenger* já tinham deixado claro que grande parte de meus informantes já havia passado por alguma experiência de conhecer pessoas da internet: amigos/ amantes/ paixões/ namorados virtuais. A conversa com Astor citada acima mostra exatamente um destes momentos: ele começa no *off-line* um “casinho” com um rapaz que conheceu na *Eper*.

Assim como eles, passei a ter uma grande curiosidade em conhecer fora da tela alguns daqueles meninos que passavam horas do seu dia “teclando” comigo e me mostrando de que maneira vivenciavam algumas situações no mundo virtual. Que eles existiam, eu sempre soube. Mas, queria também eu passar pelo ritual do encontro *off-line*, tentando perceber se isto modificaria ou não minha maneira de ver o Orkut, o virtual ou mesmo o não-virtual⁴². Se eles estavam constantemente buscando as realidades, eu também parti em busca de encontros face a face.

Ao reler meu diário de campo, fica clara minha ansiedade por estes encontros e a comparação que me veio à mente pouco antes do primeiro deles se efetivar: meu sentimento, naquele momento, evocava as mesmas sensações descritas por Loïc Wacquant em *Corpo e Alma* (2002). Era como se eu estivesse entrando “de corpo e alma” na pesquisa, vivenciando as mesmas situações, deixando de ser um “quadrinho”, ganhando uma corporalidade física e participando do momento quase ritualístico de passagem entre o *on-line* e o *off-line*. Digo ritualística porque o encontro segue todo um protocolo: marcar a data e o horário pelo *messenger*, trocar telefones, combinar um

⁴² Ao todo foram cerca de dez encontros individuais (com Gustavo, Astor, Mariano, Garçon e Small) *off-line* e quatro orkontros.

local, descrever a roupa que vai usar. Se pensarmos nas declarações de Gustavo citadas na abertura deste capítulo, para muitos deles é apenas no *off-line*, quando vêem a pessoa, sentem sua presença, olham no seu olho que ela passa a existir. Até então, ela é um apanhado de características descritas, palavras e fotos, nenhuma delas necessariamente autêntica, é um “quadrinho”, um avatar.

O mesmo Gustavo foi o primeiro dos membros da *Eper* que conheci no *off-line*. Na verdade, o encontro original marcado seria apenas com Astor, na época um dos moderadores e que estava de passagem por São Paulo durante um fim de semana. Astor tinha marcado de se encontrar com Gustavo, com quem eu já havia “teclado” uma vez pelo *messenger*, e acabei indo me encontrar com os dois. O “ritual” se processou: dias antes, troquei número de celular com Astor, ele me contou onde ficaria hospedado em São Paulo e disse que manteríamos contato. Dias depois fiz o mesmo com Gustavo. Por telefone, combinamos de nos encontrar na rua Frei Caneca, em frente ao hotel em que Astor estava hospedado, e de lá seguiríamos para algum bar da região. Meu diário de campo narra o modo como eu me sentia naqueles momentos anteriores ao encontro:

Estou há meses envolvida com o virtual e agora surge minha primeira oportunidade de retomar o presencial e conhecer face a face dois dos meus informantes. A sensação é um misto de ansiedade e medo: será que eles são como nas fotos? Será que o discurso utilizado no virtual se mantém no offline? Na verdade, estou um pouco perdida com todas estas categorias: real, virtual, online, offline, presencial. Mas vamos ver o que eles me dirão no face a face. Meu palpite é que há uma mudança no que é dito. Não sei se eles vão querer abordar os mesmos assuntos dos quais tratamos no messenger. Astor me parece ser bem tímido. Gustavo bem

falante. Mas posso me surpreender. E o que eles vão achar de mim? E se eles não aparecerem no local combinado?

No horário combinado, eu estava em frente ao hotel. E os dois já me esperavam. Era a primeira vez que eles se viam também, após meses de conversas pelo *messenger*. Resolvemos ir para um bar próximo onde pudéssemos conversar. Lá eles me contaram um pouco de suas vidas, repetindo o que já haviam me dito no virtual. Logo depois o assunto passou a ser a *Eper*. Comentamos sobre os membros mais conhecidos - aqueles que mais postavam no fórum - e sobre as polêmicas da comunidade. Foi a primeira vez que alguém mencionou o caso de Gigio - o italiano, o *fake* criado por Wagner. Perguntei se eles tinham certeza disso já que Wagner poderia ser também um *fake*. Gustavo, então, contou que conhecia Wagner no *off-line*: eles haviam marcado um encontro no Shopping Light para se conhecerem no final de 2006. De acordo com sua descrição, Wagner dizia ser psicólogo, ter 28 anos e ser casado com um rapaz. Gustavo disse também que, durante grande parte da conversa, Wagner se gabava de ser uma pessoa viajada, ter posses e ganhar bem. Além disso, teria narrado suas peripécias sexuais com o marido nos cinemas pornôns da Praça da República.

O próprio Gustavo sempre se mostrou desconfiado do que tinha lhe contado Wagner e isso ficou mais claro em conversas no *Messenger*. Em uma delas, ele assim se expressou:

GUSTAVO diz: *o namorado do Wagner quer dar uma surra no Xande. Pelo menos foi o que ele me disse.*

Carol diz: *pq?*

GUSTAVO diz: *Carol, eu não sei é um rolo que só Deus sabe. O Wagner não explica as coisas direito. Parece que ele conhecia o Xande antes da eper. enfim...*

Carol diz: *vai entender...*

GUSTAVO diz: *o Wagner me falou coisas pesadas sobre o Xande que eu não assino embaixo, pelo menos por ora. (...) eu não sei se é verdade, mas também não ponho a mão no fogo por ninguém. (Conversa via messenger em 20 de maio de 2007).*

É possível depreender das falas de Gustavo que, por mais que ele tenha se encontrado com Wagner no *off-line*, não há garantia de que as informações dadas por ele são verdadeiras. Não é porque se trata de uma situação face a face que as pessoas e aquilo que elas dizem são autênticas. Assim, a presença não é garantidora de autenticidade.

Outro assunto da conversa foi Karl - o *mask* que despertava há um bom tempo a curiosidade de todos na comunidade, já que utilizava como imagem principal do perfil a fotografia de um conhecido serial killer e postava tópicos considerados de grande erudição. A grande pergunta era sobre quem seria o homem por trás do *mask* e muito se especulava sobre os porquês de ele não revelar sua identidade. Astor disse ter visto fotos dele e o descreveu, além de contar onde ele morava. De certo modo, este primeiro contato face a face foi importante, pois pude conhecer a história da *Eper* um pouco melhor.

Foi neste primeiro encontro que surgiu a comparação das pessoas no virtual a “quadrinhos”, em uma menção à foto inicial do perfil. Desde então, Gustavo sempre voltava a dizer que só se importava na *Eper* com aqueles que tinham deixado de ser “quadrinhos” e adquiriram um corpo, uma voz, um olhar, um cheiro, uma presença

física. Por isto ele cita Astor e Mariano, até aquele momento, os únicos com quem ele havia se encontrado.

Meus encontros *off-line* com Gustavo se tornaram freqüentes e, em cada um deles, peças eram adicionadas à história que eu tentava apreender. A maior parte de nossas conversas girava em torno da comunidade e seus membros, seja para falar sobre o conteúdo dos tópicos e postagens ou mesmo de conversas realizadas fora do Orkut. Além de falar da *Eper*, em variados momentos, Gustavo me contou fatos de sua vida pessoal, não necessariamente ligados à sua vivência *on-line*: família, amigos, relacionamentos, sexo.

Aos poucos, foram surgindo em nossas conversas idéias a respeito de um possível Orkontro da *Eper* na semana da Parada do Orgulho LGBTT de São Paulo. Quando ele propôs um encontro envolvendo mais membros da comunidade, eu disse ter muito interesse em participar.

Nesta mesma época a comunidade estava movimentada graças à descoberta do *fake* Edgar e acabei tomando a frente para viabilizar a realização do Orkontro, contando com total apoio da moderação, composta naquele momento por Moisés e Garçon. Eu e Gustavo pensamos em um lugar que contemplasse as múltiplas opiniões e fosse seguro. Acabamos sugerindo um local bem conhecido no circuito GLS paulistano: o Café Vermont, na região central da cidade, próximo à Praça da República. Fiz a sugestão no fórum e ela foi acatada. Lançamos também uma enquete perguntando quem compareceria e, como esperado, o número foi baixo.

No dia 8 de junho aconteceu o primeiro Orkontro *Eper* (depois foram realizados mais três, sendo que estive presente em todos eles). No dia anterior, eu já tinha me encontrado com Garçon no shopping Frei Caneca e algumas novas informações sobre

os bastidores da comunidade haviam sido passadas por ele. Por sua condição de moderador, Garçon conhecia bem o cotidiano da Eper, assim como seu passado.

Nesse meio tempo, a ansiedade pelo Orkontro era enorme. Não só a minha, mas também a dos que disseram que iriam comparecer. Gustavo e eu tivemos longas conversas nos dias anteriores ao evento, em que ficávamos imaginando como seria cada um. A curiosidade maior era para conhecer Garçon, que se apresentava no Orkut como um *mask* e não utilizava nenhuma foto.

Eu e Gustavo fomos os primeiros a chegar. Logo depois vieram Rui - com quem eu nunca havia conversado -, Henrique - presença inesperada -, Gatinho, Moisés - o dono da comunidade, Garçon e o namorado de Rui. Concretizou-se naquele momento algo que Gustavo já tinha me dito: *muitos ali não têm nenhum interesse em sair do virtual e mostrar seus rostos*. Isto porque o número de participantes que compareceram foi bem pequeno o que faz crer que a maioria só se interessava por estabelecer relações no virtual, seja com os perfis “oficiais” ou com seus *fakes* ou *masks*.

Eu já desconfiava, e as conversas via *messenger* confirmavam, que nem todos tinha qualquer interesse ou motivação para estender os laços criados no *on-line* para o *off-line*. Para muitos, os encontros face a face eram uma possibilidade, desde que não fossem comunitários. Muitos relatos mostram que eram e são comuns contatos *off-line* entre pessoas que se conheceram na *Eper*, mas, em geral, eles têm algum teor afetivo, erótico ou sexual. Alguns outros pontos podem ajudar a elucidar o porquê do baixo comparecimento: muitos membros da *Eper* são de estados distantes dos locais onde se realizaram os Orkontros ou não possuem idade suficiente e independência dos familiares para se deslocarem aos locais dos Orkontros. Isso talvez explique porque eles concentram no virtual o estabelecimento de laços de sociabilidade. Mas isso não

significa que não haja uma vontade de “sair da tela” e a já citada “quase obsessão” pela realidade.

Como eram muitas pessoas não pude conversar como gostaria com todos, mas achei uma experiência reveladora encontrá-los em um bar, numa situação completamente diversa do ambiente virtual. Alguns ali vinham de lugares afastados de São Paulo: Manaus, Rio de Janeiro, Londrina, Santos. E, muito provavelmente, sem a internet um encontro como este seria quase impossível. Os assuntos predominantes na mesa foram referentes à comunidade e seus membros. Além disso, tiramos muitas fotos, sendo que Garçon e Henrique preferiram não aparecer já que toda a comunidade teria acesso a elas. Mostrar o rosto significava acabar com parte da identidade construída no virtual.

Acho que a primeira tentativa em um encontro *off-line* é associar as pessoas às imagens que as representam no virtual. A curiosidade é maior quando se tratam de *fakes* e *masks*, visto que ninguém (ou quase ninguém) teve acesso a qualquer fotografia ou outra forma de identificação desses avatares. Em alguns casos, também existem discrepâncias entre a imagem que o perfil traz e a aparência das pessoas no *off-line*. Como são muitas as possibilidades tecnológicas de manipulação de imagens, é comum serem utilizados editores de imagem (photoshop) para tirar imperfeições e deixar o rosto mais “bonito”.

Nesse primeiro Orkontro, as surpresas não foram muitas, visto que a maioria correspondia às imagens apresentadas no *on-line*. A meu ver, Garçon e Henrique foram as exceções. Garçon era um *mask* e nenhum dos presentes tivera acesso a fotografias dele. Antes do Orkontro, eu o imaginava de forma muito diferente: mais alto, sem barba, sem óculos e com menos aparência de intelectual. No caso de Henrique,

como ele utilizava uma fotografia editada, criava no *on-line* a aparência de ser mais velho e se vestir de modo mais conservador. Ao contrário, no Orkontro ele mostrou ser bem jovem e se vestia de um modo próximo ao chamado estilo “moderno”.

Meses depois deste primeiro Orkontro, foi lançada no fórum a proposta para um encontro do mesmo tipo no Rio de Janeiro. A *Eper* possui um núcleo carioca bem participativo e eles logo começaram a pensar em datas e locais viáveis. A questão de local é sempre bastante discutida quando são propostos os Orkontros e, normalmente, os lugares escolhidos são calmos e possibilitam conversas entre os participantes. Ao contrário de São Paulo, o local escolhido para a realização do encontro no Rio de Janeiro não é identificado como GLS: o bar Amarelinho, localizado na Cinelândia, região central da cidade. De acordo com os relatos os cariocas presentes, nas imediações era possível encontrar michês e travestis. Eles também indicaram bares e boates GLS e os locais de pegação mais conhecidos.

Tal como o de São Paulo, poucos compareceram: Garçon, Gatinho, Walquírio, Pirigoso, Di e Tito. Mais uma vez, os assuntos prevaletentes se relacionavam à *Eper*, especialmente aos *fakes* e Mr.X. A noite foi marcada por especulações sobre quem seria a pessoa ou as pessoas que criam e controlam os *fakes*. Mais uma vez, pode ser notada a busca pelas realidades. Minha impressão é que, de algum modo, tornou-se uma necessidade achar indícios e pistas sobre a(s) pessoa(s) por detrás da tela, como se assim, elas pudessem ser mais aceitas ou suas ações justificadas.

Um apontamento de Walquírio sobre a lógica de funcionamento da *Eper* se somou às minhas observações: a comunidade se mantinha através de crises. E estas crises possuem muitos pivôs, sendo os *fakes* normalmente apontados como tais. Assim, apesar do repúdio generalizado a eles, de certo modo, grande parte das

discussões travadas no fórum desapareceria se os *fakes* não existissem. Outro comentário interessante dizia respeito à minha presença na comunidade e no orkontro, reconhecido como um local de observação e que iria “para as minhas tabelas de anotações”.

Após os Orkontros, a comunidade se movimenta e os que não estiveram presentes ficam ansiosos para verem fotos e saberem as impressões gerais dos que compareceram. Essas impressões são escritas nos tópicos dedicados aos Orkontros e funcionam como um bom medidor das reações (às vezes não perceptíveis na hora em que ocorreram) de cada ao contato presencial com os demais. Essas postagens, em geral, seguem um padrão: dizer o que achou de cada um dos presentes e contar um pouco das conversas (apesar de ser reiterado que “o que acontece nos orkontros, fica nos orkontros”). Transcrevo a postagem de Gatinho após o encontro do Rio de Janeiro, como exemplo:

Algumas considerações sobre o encontro: estou gostoso de vir ao RJ. Meu interesse foi justamente movido por esse encontro e, na esperança de conhecer muitas pessoas da Eper. Embora muitos não tenham ido, estou satisfeito com os que foram. Ficamos cerca de 4h no Amarelinho e o lugar, para quem gosta do passado e de arquitetura, é fabuloso! O grupo: tive a impressão de que nos conhecíamos há muito tempo. Falamos muito – às vezes aquele silêncio chato aparecia (motivos óbvios), mas sempre tínhamos assuntos. (...) Eu estava mais solto nesse encontro. Senti-me mais à vontade, afinal não era o primeiro. Foi divertido! (Gatinho em 18 de agosto de 2007)

Após estes dois primeiros Orkontros, membros de várias outras cidades (Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte) do Brasil começaram a propor a realização de encontros, animados

pelos depoimentos dos que já haviam passado pela experiência. Apesar das várias propostas apresentadas, os dois outros orkontros realizados ocorreram novamente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O terceiro Orkontro *Eper* aconteceu no Rio de Janeiro, em outubro de 2007. O local escolhido, novamente, não fazia parte dos itinerários gays da cidade: um restaurante na Avenida Atlântica, no bairro de Copacabana. Os grandes diferenciais deste Orkontro foram o aumento do número de “eperianos” presentes e a extensão do encontro para um passeio pela praia e, depois, para as boates Le Boy/La Girl. Esta extensão permitiu que houvesse uma maior socialização e um clima mais intimista em que todos puderam falar mais e conhecer melhor os outros participantes. Em relação aos assuntos, eles foram variados, mas o centro, como nos outros encontros, foi a *Eper*.

A questão central que permeia a discussão proposta neste capítulo se refere à autenticidade, tanto no sentido êmico quanto no analítico. Os Orkontros possuem objetivos bem específicos como o estreitamento dos laços criados no *on-line*. Eles também podem ser utilizados como meio de provar a autenticidade dos perfis.

Em relação ao estreitamento dos laços de sociabilidade ele pode se dar através de encontros sexuais, estabelecimento de relacionamentos afetivos ou mesmo amizade. Um dos membros cariocas da *Eper*, por exemplo, diz terem se tornado recorrentes encontros com outros membros da comunidade e que, se eles quisessem, “seria um orkontro a cada final de semana”, tal o grau de proximidade *off-line* atingido. Por mais que esta afirmação não passe de retórica, acredito que comparecer a um orkontro cria a sensação de que se passa a conhecer melhor as pessoas presentes.

No que tange à autenticidade, acredita-se serem os encontros *off-line* o melhor modo de prová-la. Isto porque os perfis *fakes* normalmente se esquivam de qualquer situação exterior ao *on-line*. Apesar de serem formatados a partir de referentes encontrados no *off-line*, só possuem uma existência no *on-line*, são um construto próprio do virtual. Já os perfis *masks* estão dispostos a participar destes encontros e alguns *masks* (Garçon, Gatinho, Walquírio, Gab, Gurio, Freddie) estiveram presentes nos Orkontros realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Um *mask*, apesar de usar no *on-line* uma máscara - representada por um *nickname* e pelo ocultamento de fotos pessoais – mantém no *off-line* as mesmas características e posições declaradas no *on-line* e seriam, dentro dos critérios operantes na *Eper*, autênticos.

Acredito que o critério de autenticidade é relativo e difícil de ser estabelecido. Diretamente ligada a ele, está a questão das performances identitárias empreendidas pelos usuários. É importante lembrar que esta performance é sempre contextual e contingente e está ligada a um posicionamento em relação ao *on-line* e ao *off-line*. Novamente retornam as primeiras questões colocadas neste trabalho: tentar entender de que modo categorias do *on-line* e do *off-line* são acessadas em um contexto específico (a *Eper*) e como ocorre a ponte entre estes dois pólos, também eles contextuais. Hine (2000), ao estudar uma lista de discussões *on-line*, propôs-se a abordar as questões relativas à autenticidade e identidade e são valiosas para este trabalho suas sugestões. De acordo com ela,

Where authenticity and identities are performed, a link between the offline and the online is also rendered. People speaking about who they are and what is the case are making a statement about a feature of the offline world. Rather than the Internet severing links with the offline, these links are strategic performances. The offline world is rendered as present within the online spaces of interaction. (...)

The spaces of interaction might be differently configured and differently experienced, but they do not lose all reference to offline realities. (HINE, 2000, p.144)

Capítulo 5

Sexualidades no pontocom: corpos, (homo) sexualidades e convenções

Avatares: os corpos virtuais

Estudos com enfoque nos modos como o corpo e as corporalidades são construídos e vividos se tornaram uma tradição na antropologia. De acordo com Csordas (1994), essas pesquisas iniciadas, em sua maioria, na década de 70, alcançaram seu desenvolvimento a partir dos anos 80 com a adoção de uma perspectiva multidisciplinar, com especial influência dos *cultural studies*.

Com o advento da internet, o entendimento da maneira como os corpos são concebidos e apresentados no virtual emergiu como uma das principais preocupações nas análises. Estes corpos virtualizados receberam o nome de avatares e podem adquirir diferentes modos de expressão, seja nas representações gráficas (desenhos, fotografias, animações) ou textuais (descrições, caracterizações). Ao refletir sobre a maneira como avatares apareciam representados em um *world*⁴³ chamado *Atmosphere*, Guimarães Jr (2004) os define como “corpos virtuais que possibilitam uma presença corporificada em ambientes de sociabilidade on-line”.

O mesmo Guimarães Jr. (2000) alerta para a importância de um termo através do qual seja possível fazer referência às construções identitárias próprias do virtual e às quais os avatares representam. Para tal, seguindo as indicações de MacKinnon (1995),

⁴³ *Worlds* são ambientes tridimensionais de sociabilidade. Neles, os avatares são representados por imagens em 3 dimensões (3D) que podem se movimentar e executar diferentes tipos de ação dentro do *world*. Um exemplo mais recente deste tipo de ambiente de sociabilidade é o programa *Second Life* (www.secondlife.com).

ele utiliza a idéia de personas. Este conceito tem a vantagem de quebrar com a unidade entre corpo físico e a “pessoa” (cada um pode se tornar vários). Não há, portanto, uma relação unívoca entre persona e pessoa física, sendo que um mesmo sujeito tem a possibilidade de se corporificar em avatares distintos.

O conceito de “corporificação⁴⁴” vem da noção de *embodiment*, tal como aparece em Csordas (1990/1994). A proposta deste autor é elaborar um paradigma⁴⁵ antropológico do *embodiment* a partir da crítica de dualismos como corpo e mente, cultura e biologia, mental e material, gênero e sexo. Para tal, ele utiliza como referenciais teóricos os trabalhos de Bourdieu e Merleau-Ponty, em especial, os conceitos de *habitus* e “pré-objetivo⁴⁶” (*preobjective*).

Deste modo, acredita Csordas (1994), que o *embodiment* é a condição para pensar nossa existência enquanto seres culturais, a partir do que ele chama de “estar-no-mundo”. Este termo aparece como o substituto para representação e se refere à existência imediata, pressupondo uma presença e engajamento temporais e históricos. Deste modo, um paradigma do *embodiment* tenta entender como as objetificações culturais e as objetificações do *self* ocorrem, sendo que o corpo é tomado, ao mesmo tempo, como campo de percepção e de prática. Assim,

We require a term that is complementary as subject is to object, and for that purpose suggest “being-in-the-world”, a term from the phenomenological tradition that captures precisely the sense of existential immediacy to which we have

⁴⁴ Guimarães Jr. (2004) opta por utilizar a palavra “corporificação” como tradução para *embodiment*, tal como sugerido por Maluf (2002).

⁴⁵ Csordas (1990) entende paradigma como “uma perspectiva metodológica consistente que permite a re-análise de dados já existentes e coloca novas questões para a pesquisa empírica” (tradução minha).

⁴⁶ A utilização dos conceitos desses dois autores se dá porque ambos formulam sua problemática a partir de dualidades. No caso de Merleau-Ponty, o corpo é tomado como “um cenário em relação com o mundo” e sua formulação está centrada na dualidade sujeito/objeto. Já Bourdieu toma o corpo como “o princípio gerador e unificador de todas as práticas” e está preocupado com o dualismo estrutura/prática.

already alluded. This is an immediacy in a double sense: not as a synchronic moment of the ethnographic present but as temporally/historically informed sensory presence and engagement; and not unmediated in the sense of a precultural universalism but in the sense of the preobjective reservoir of meaning outlined above. (CSORDAS, 1994, p.10)

Em linhas gerais, o que Csordas propõe com a idéia de “estar-no-mundo” e com o paradigma do *embodiment* é uma análise que considere a experiência vivida, tomada como um processo temporal e historicamente determinado. Deste modo, é possível romper com visões essencialistas e pré-determinadas do corpo, tomando-o, não mais como objeto, mas como sujeito e da cultura.

O paradigma do *embodiment* se mostra interessante para entender de que modo os corpos apareceram “corporificados” no virtual porque parte da premissa de que é necessário quebrar com os dualismos. Entre estes dualismos pode ser situado aquele que separa real e virtual. Se também ele pode ser superado, pensar em termos de avatares permite recorrer aos mesmos princípios teóricos e metodológicos com os quais se busca entender os corpos não-virtuais. Além disso, a noção de “being-in-the-world” ressalta o papel da presença para o entendimento das corporalidades. Esta presença, contingente e contextual, é a base para a existência e funcionamento dos avatares.

Balsamo (1996), por exemplo, busca, a partir de uma perspectiva feminista, perceber de que forma se dá o que ela chama de *technological embodiment* e de que maneira este processo se articula com as questões de gênero e raça. De acordo com a autora, este processo pode ocorrer de múltiplas formas:

(...) *I argue that when starting with the assumption that bodies are always gendered and marked by race it becomes clear that there are multiple forms of technological embodiment that must be attended to in order to make sense of the status of the body in contemporary culture.* (BALSAMO, 1996, p. XX)

Partindo deste pressuposto, ela lista as “formas pós-modernas de *technological embodiment*” : *laboring body* (corpo trabalhado), *repressed body* (corpo reprimido), *disappearing body* (corpo extinto) e *marked body* (corpo marcado). Não caberia aqui apresentar detalhadamente⁴⁷ todas estas formas e, para os fins almejados nesta dissertação, centro as reflexões no que Balsamo chama de *repressed body* (corpo reprimido). Por “corpo reprimido” ela entende a repressão tecnológica sofrida pelo corpo material, na qual ele se transforma em interface e pode ser moldado de diferentes modos, com ou sem ligação com o corpo material *off-line*. Seu argumento principal é o de que os corpos virtuais, entendidos como processuais e entidades discursivas, reproduzem de algum modo os estereótipos, narrativas e convenções de gênero, sendo, portanto, corpos marcados. Com esta linha de raciocínio, Balsamo se opõe à idéia da possibilidade infinita de manipulação dos corpos proporcionada pelo virtual, mostrando que, ao contrário, uma conjunção de fatores – presentes em um certo repertório disponível – são determinantes na construção dos corpos (e suas partes) e das corporalidades no virtual.

⁴⁷ As outras noções apresentadas pela autora não fazem menção aos corpos no virtual e pressupõem algum tipo de intervenção nos corpos materiais através da mediação da tecnologia. Exemplos citados por ela são as cirurgias plásticas, a disciplinarização do corpo materno e a introdução de elementos tecnológicos (próteses, por exemplo) diretamente nos corpos materiais.

Na conclusão do artigo, a autora aponta a crescente tendência pós-moderna à fragmentação tecnológica do corpo, na qual suas partes são objetificadas e investidas de significado cultural. Afirma ela:

The technological fragmentation of the body functions in a similar way to its medical fragmentation: body parts are objectified and invested with cultural significance. In turn, this fragmentation is articulated to a culturally determined 'system of differences' that not only attributes value to different bodies, but 'processes' these bodies according to traditional, dualistic gendered 'natures'.
(BALSAMO, 1996, p. XX)

Existe outra abordagem da construção dos corpos no virtual que não leva em consideração o *embodiment*. Le Breton (2003) acredita que o *on-line* liberta os indivíduos dos pesos de seus corpos e, ao fazer isto, coloca todos eles em igualdade. O que ele chama de *corpo supranumerário* (o corpo específico do virtual) não estaria sujeito a qualquer forma de controle e, deste modo, torna-se passível de infindas manipulações e não sendo portador de marcas (de gênero, classe, raça, sexualidade). De acordo com ele,

*A supressão do corpo favorece os "contatos" com inúmeros interlocutores. **Todo a priori é de fato suprimido; todo incômodo, todo preconceito, toda timidez** – e isso tanto mais quanto a comunicação é simplificada e ninguém sabe quem está realmente do outro lado da tela.* (LE BRETON, 2003, p. 149 – grifos meus).

Discordo de Le Breton em vários pontos de seu argumento, particularmente quando ele afirma não existirem constrangimentos ao corpo virtualizado. Ao contrário, os avatares apresentados carregam uma série de marcas, sendo que estas

corporificações são discursivamente concebidas e experimentadas a partir de um repertório de possibilidades. Existem, também no virtual, padrões de corpos valorizados e desejados e, em geral, os avatares são compostos em função desta padronização. Os constrangimentos podem também ser de outra ordem, como por exemplo, a proibição/restrrição realizada por sites e programas quanto ao uso de determinadas imagens, fotografias ou elementos textuais.

No caso do Orkut, um programa que tem como princípio a geração de redes sociais interligando os usuários, na ausência de uma materialidade física, os perfis são os responsáveis por constituírem a “corporificação” de cada um. Estes perfis/avatares se apresentam de diferentes modos: alguns enfatizam as descrições textuais, enquanto outros privilegiam imagens e até mesmo vídeos. Como alerta Guimarães Jr. (2004), esta diversidade aparece porque há uma reelaboração constante do papel e das funções deste corpo virtual, variáveis dentro de cada contexto.

Uma leitura atenta dos *profiles* indica os objetivos pretendidos, a maneira como a pessoa se vê e que imagem ela deseja passar aos demais, bem como que categorias ela empregou para se “corporificar” virtualmente. No caso da *Eper*, o *profile* representa uma grande fonte de informações e é utilizado até mesmo como modo de classificar os usuários e de decidir quem pode ou não fazer parte do grupo.

Em uma comunidade com mais de 4 mil membros, seria impossível percorrer todos os *profiles*, mas observando os perfis dos mais participativos nas discussões é possível notar que eles informam muito a respeito da construção das identidades, sexualidades e corporalidades. Em relação às imagens utilizadas uma variação inicial pode ser percebida a partir da categoria em que o perfil se classifica: *oficial*, *fake* ou *mask*. Um perfil *oficial* privilegia imagens e descrições que atestem sua veracidade em

uma situação *off-line*. Aparecem fotografias de rosto, de momentos (festas, viagens, em companhia de amigos e familiares) vivenciados no *off-line*. No caso dos perfis *masks*, o rosto pode ser mostrado ou não, mas, em geral, são utilizadas imagens que não guardam qualquer relação com a representação corpórea *off-line* do usuário (fotografias de personalidades admiradas, animais, beijos, partes de corpos). Já os *fakes* adotam diferentes procedimentos na escolha de seus avatares, sendo que a principal característica é construir uma imagem totalmente diferente daquela que apresentam no *off-line*. Como personagem específico do virtual, o *fake* busca romper com associações que o vinculem a uma realidade não-virtual. Deste modo, tudo é fabricado: nome, descrição, atitudes, imagens.

No que tange às descrições textuais, a maior parte das caracterizações aparece em duas áreas específicas do perfil: “quem sou eu” e “pessoal”. No “quem sou eu”, é possível escrever um pequeno texto sobre si mesmo, bem como indicar a idade, a etnia⁴⁸, o estado civil e os objetivos no Orkut. Na parte “pessoal⁴⁹” existem opções para

⁴⁸ Em relação à etnia o usuário pode escolher dentre as seguintes opções: afro-brasileiro (negro), asiático, caucasiano (branco), Índias Orientais, hispânico/latino, Oriente Médio, indígena americano, Ilhas do Oceano Pacífico, multiétnico, outra. Essa classificação foi criada pelos idealizadores do Orkut e o usuário não tem qualquer determinação sobre elas. Resta a ele, no caso de optar por responder, apenas escolher uma das opções dadas (mesmo que ele não se encaixe em nenhuma delas). A meu ver, essas categorias têm a pretensão de serem abrangentes englobar diversas regiões do mundo, mas acabam funcionando como um meio de acentuar determinadas convenções relativas à raça e presentes no senso comum.

⁴⁹ Em algumas das perguntas é possível uma resposta livre (par perfeito, o que mais chama atenção em mim, altura, do que mais gosto em mim, o que não suporto, primeiro encontro ideal) e nas outras, a escolha é feita dentro uma pequena lista de possibilidades:

1- Cor dos olhos: pretos, azuis, castanhos, acinzentados, verdes, mel.

2- Cor do cabelo: preto, loiro, castanho claro, castanho escuro, ruivo, grisalho, pouco grisalho, careca, muda com frequência.

3- Tipo físico: magro (a), atlético (a), médio (a), um pouco acima do peso, gordo (a).

4- Arte no corpo: tatuagem em lugar estratégico, piercing na orelha, piercing em outras partes, tatuagem visível, piercing na língua, piercing no umbigo.

5- Aparência: tipo miss/mister universo, muito atraente, atraente, médio, muito feio (a).

6- O que me atrai: convicção, luz de velas, material erótico, inteligência, demonstrações públicas de afeto, sarcasmo, tatuagens, tempestades, piercing (s), dançar, flertar, cabelos compridos, poder, nadar nu, aventura, riqueza material.

se descrever (altura, cor dos olhos, o que mais chama atenção em mim, tipo físico, cor do cabelo, arte no corpo, aparência, do que mais gosto em mim, o que me atrai) e também para descrever o parceiro ideal.

Ao analisar as fotos e o preenchimento dos perfis é fácil notar que este corpo neutro tematizado por muitos autores - representados aqui por Le Breton - não existe. Isto porque a corporificação se baseia em uma série de categorias, acessadas e utilizadas como meio de garantir a cada avatar uma singularidade e uma presença - não menos presente, apesar de imaterial.

O exame dos avatares de membros da *Eper* pode ser instrutivo no sentido de iluminar os modos como este *embodiment on-line* ocorre. Ao analisar os perfis pude notar distinções relativas ao tipo de identidade virtual assumida pelo usuário. Para os *oficiais* e *masks* é perceptível uma comunicação com categorias do *off-line*. Por ter me encontrado com alguns deles em situações *off-line*, foi possível uma comparação da maneira como se apresentavam no Orkut e fora dele, sendo que, no geral, não notei muitas diferenças. No caso dos *fakes*, o *off-line* aparece como negação, visto que o objetivo de um avatar deste tipo é corporificar um personagem existente apenas no virtual.

Abaixo selecionei três perfis com o intuito de mostrar a realidade empírica com a qual me deparei, bem como a maneira como cada um compôs a sua persona *on-line*. A escolha destes perfis não foi aleatória: dois deles participaram da pesquisa como meus informantes, têm uma presença constante no fórum de discussões e estiveram em algum dos orkontros realizados. O terceiro perfil é uma das muitas faces de Mr. X, o *fake* mais ativo da comunidade no período em que realizei a pesquisa. Devido à impossibilidade de utilizar as imagens contidas em cada avatar, procedo à sua

descrição. O restante do perfil é uma cópia do Orkut, sendo que tentei manter até mesmo o *layout* da página.

Gustavo

Gustavo se classifica e é classificado pelos demais como um perfil *oficial*. Ele diz possuir apenas este avatar e um *fake espião* que é usado para olhar outros perfis. Ele utiliza fotografias em que aparece sozinho ou acompanhado por amigos, sendo que, algumas fotografias são de orkontros dos quais participou: da *Eper* e de uma comunidade contra a homofobia. Seu perfil, quase completamente preenchido, traz muitas informações sobre ele: idade, cidade, preferências, etnia, o que busca no Orkut, religião, visão política. Na área reservada às informações pessoais, ele declara sua altura, cor dos olhos, cor do cabelo, tipo físico e suas experiências afetivas/emocionais. Os encontros *off-line* atestam ser ele a pessoa mostrada nas fotografias, bem como nas descrições. Gustavo sempre foi um dos mais críticos em relação à montagem dos perfis, à idealização contida neste processo e esta posição ficou clara quando estouraram as crises *fake*. No trecho abaixo, retirado de uma conversa que tivemos por *messenger*, ele estabelece parâmetros de comparação entre *on* e *off-line* e mostra descrédito por aqueles que utilizavam o Orkut na busca do “príncipe encantado” e se deixavam enganar pelas fotografias apresentadas nos perfis:

GUSTAVO diz: Duvido que esse orkontro que eles estão planejando dê certo

Carol diz: pq?

GUSTAVO diz: porque tem muitos ali que não querem sair do quadrinho. Preferem viver a realidade virtual.

Carol diz: ahhh.... mas existem os que querem.

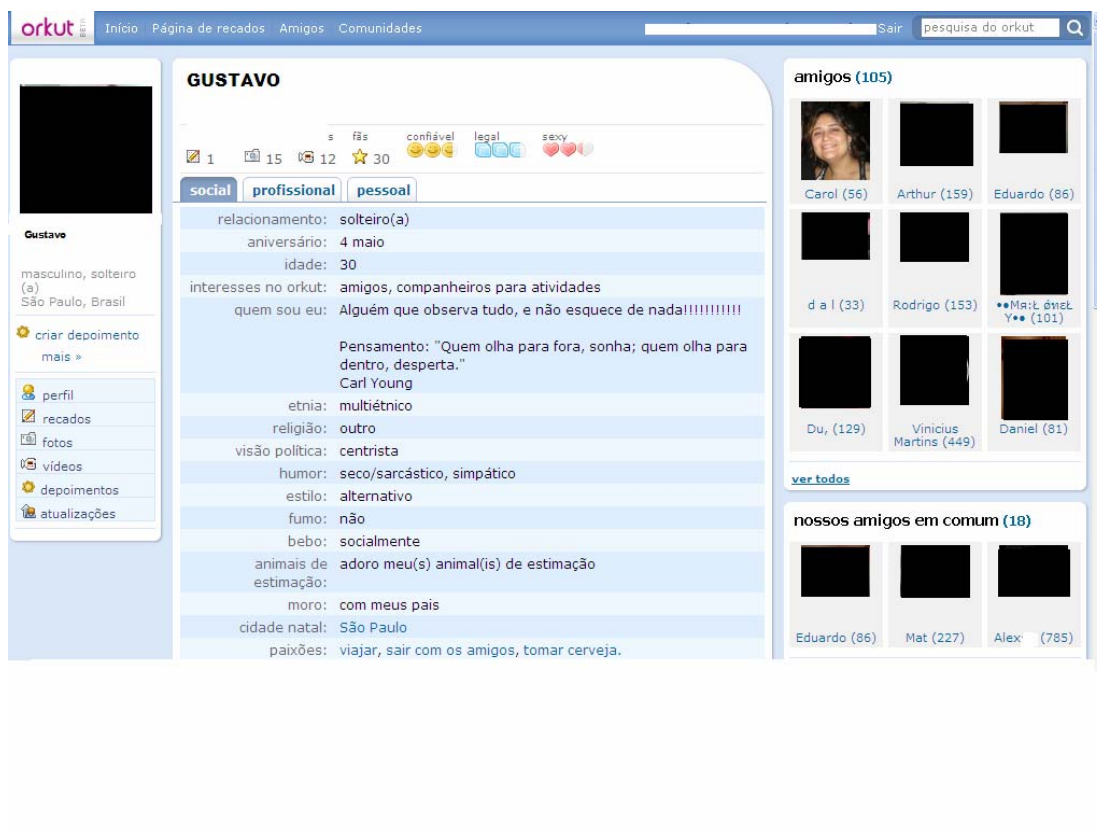
GUSTAVO diz: eu só acredito vendo. Daí eu que quero ver quem é quem. Porque pessoalmente é outra história. Pra quem está esperando príncipes, muda sim. E muitos ali estão atrás disso.

Carol diz: você nunca vai esperando príncipes?

GUSTAVO diz: não. Já passei dessa fase a muito tempo. (conversa via messenger em 11 de maio de 2007)

Apesar de sua postura crítica em muitos assuntos discutidos na comunidade, seu perfil é marcado pela presença de convenções e de respostas bem próximas ao que se pode chamar de “politicamente correto”. Fica difícil saber, por exemplo, o que ele quer dizer com “multiétnico” e “centrista”. Isso pode indicar que ele prefere não se posicionar e adota, então, um meio-termo, uma postura conciliadora. A única parte do perfil que tenta fugir do convencionalismo é quando ele diz ser “sexo” um de seus esportes favoritos.

Como este é um perfil caracterizado como *oficial* e utilizado em interações com amigos e familiares (Gustavo declara, inclusive, ainda morar com seus pais), talvez a permanência de convenções e mesmo sua padronização (se comparado a outros perfis *oficiais*) tenha uma razão de ser: não revelar possíveis fatos ou preferências que o comprometam.



Gatinho

Gatinho é *mask*. Possui um perfil *oficial* e são pequenas as diferenças entre os dois avatares. Em seu perfil *mask* utiliza outro nickname e não tem qualquer fotografia que o identifique. A foto de apresentação traz a imagem de um gatinho e as do álbum representam objetos e pessoas públicas das quais gosta, além de um álbum apenas de beijos (heterossexuais, bissexuais e homossexuais). Quando começou a participar da *Eper*, utilizava no álbum fotografias de si mesmo. Também encontrei Gatinho em situações *off-line*, visto que ele participou de orkontros no Rio de Janeiro e em São Paulo. Durante a pesquisa, ele não foi um de meus informantes, mas escolhi seu perfil por sua posição participativa na *Eper*. É notável o papel de importância adquirido pela comunidade em sua vida e isto pode ser visto na parte pessoal de seu perfil quando ele diz ser a *Eper* uma das coisas sem as quais não viveria.

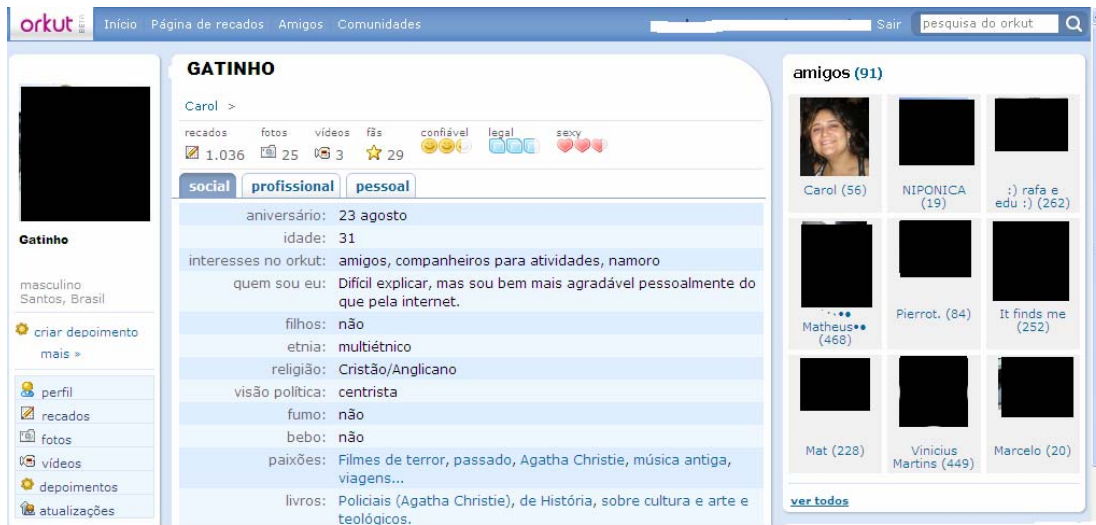
Seu perfil, assim como o de Gustavo, traz várias informações sobre ele: idade, interesses no Orkut, como ele se define, etnia, religião, visão política, preferências, altura, cor dos olhos, cor do cabelo, tipo físico, aparência e experiências afetivas/emocionais. Logo quando iniciou sua participação na *Eper*, Gatinho esteve envolvido em polêmicas relativas à possibilidade ou não de surgirem paixões e amores virtuais, baseadas apenas nas características do avatar. Identificado como um “miguxo” (utilizava no perfil a foto de um gatinho, escrevia textos com muito sentimentalismo, trocava elogios com outros membros), em um tópico chamado “Amor de Jumento: inhóóó”, ele assim se manifestou em relação às paixões “pelo quadradinho”:

Ocorre que, alguns seres são providos de muito sentimentalismo e se envolvem mesmo com a figura de um gatinho, de um assassino tarado, de um busto, de um Saci-Pererê e aí vai! E daí, meu? Não gosta abre um tópico para gastar seu latim e pede uma regra que evite que esse tópico se transforme em algo que você não queira. Agora, proibir tópicos considerados idiotas, rasgação de seda, novela mexicana... sinceramente, que chatice isso aqui vai ser! Eu, como todo miguxo ignorante, vou recolher-me à minha insignificância porque estou de licença, quero paz e diversão. Não estou disposto a ficar exposto ao sol e me queimar! (Gatinho em 21 de maio de 2007)

Assim como no perfil de Gustavo, é possível perceber no avatar de Gatinho o convencionalismo nas descrições e as posturas politicamente corretas. O que mais chama atenção é sua tentativa de passar a imagem de uma pessoa simpática, romântica e um tanto carente (de amigos e amores). Sem dúvida, isso tem uma razão de ser e permitiu que, na ocasião de sua entrada na *Eper*, ele pudesse dialogar e

estabelecer relações com outros participantes que adotavam posturas semelhantes e que ficaram conhecidos como “miguxos”.

Ao encontrar Gatinho no off-line, percebi que ele é bastante diferente do que pretende demonstrar com seu avatar. Do avatar, em minha opinião, ele guarda apenas o romantismo, especialmente no que se refere às relações afetivas. Mas, ao contrário do que mostrou na comunidade em suas primeiras postagens, ele não estava interessado apenas em discutir banalidades e ficar trocando elogios com outros usuários. Após as crises *fake* e os orkontros, sua atuação na Eper mudou consideravelmente, sendo que ele passou a opinar, de maneira muito perspicaz e inteligente, em tópicos considerados “sérios”.



música:

Clássica, portuguesa, italiana (antiga), americana, especialmente as dos anos 20-70 e MPB (até os anos 50, depois somente algumas), música coral religiosa, psychedelic trance, MPB-electrônica.

programas de tv:

Às vezes assisto jornal na Rede Record.

filmes:

Antigos e trashes.

cozinhas:

Paulista-mineira, portuguesa, japonesa. Ainda: churrasco, bacalhau, salpicão, bolos, tortas, pasteizinhos (doces portugueses), sorvete...

e-mail:

cidade:

Santos

estado:

São Paulo

país:

Brasil

fotos recentes dele (25)

ver todas

vídeos recentes dele (3)

ver todas

nossos amigos em comum (21)

ver todas

comunidades (9)

ver todas

orkut

Início

Página de recados

Amigos

Comunidades

Sair

pesquisa do orkut

masculino

Santos, Brasil

criar depoimento

mais »

perfil

recados

fotos

vídeos

depoimentos

atualizações

Carol >

recados

1.036

fotos

25

vídeos

3

fãs

29

confiável

legal

sexy

social

profissional

pessoal

Adoro gatinhos - bichinhos.

altura:

176 centímetros

cor dos olhos:

castanhos

cor do cabelo:

preto

tipo físico:

médio

aparência:

médio

primeiro encontro ideal:

Romancezinho

com os relacionamentos anteriores aprendi:

Não tive.

cinco coisas sem as quais não consigo viver:

Mami, amigos, EPER, dinheiro.

no meu quarto, você encontra:

Coisas indianas e psicodélicas.

amigos (91)

ver todos

144

Edgar (ou Mr. X?)

Edgar foi um dos primeiros membros da *Eper* a aceitar conversar comigo. A única exigência foi que as conversas ocorressem por e-mail. Aceitei, mas ele nunca retornou nenhuma de minhas mensagens. Este fato ainda não tinha me causado estranheza até a revelação de que Edgar era uma das personas de um criador de *fakes* presente há tempos na comunidade: Mr. X.

Ele se apresentava como um senhor de cerca de 70 anos. A fotografia do perfil condizia com esta descrição: nela aparecia um homem mais velho, ao lado de uma mulher também mais velha. Seu perfil contava com poucas informações: paixões, cidade, país e e-mail. Também eram poucos os amigos e comunidades. Já nas descrições e histórias contadas no fórum da comunidade, ele fornecia mais informações o que convenceu todos de que se tratava de um senhor, mais velho que a maioria dos participantes, soropositivo e um tanto “intelectual”. A montagem do avatar era tão convincente que causou um espanto geral a descoberta de que Edgar não existia, era um *fake perfeito*, um personagem criado por alguém desconhecido, mas que possuía vários outros *fakes* na *Eper*. Um *scrap* de Brother – o único membro da *Eper* a conhecer a identidade de Mr. X - ajuda a elucidar de que modo ocorreu sua corporificação, baseada muito mais nas narrativas de si no fórum da comunidade do que no avatar/perfil propriamente dito (e isto o diferencia dos perfis de Gustavo e Gatinho):

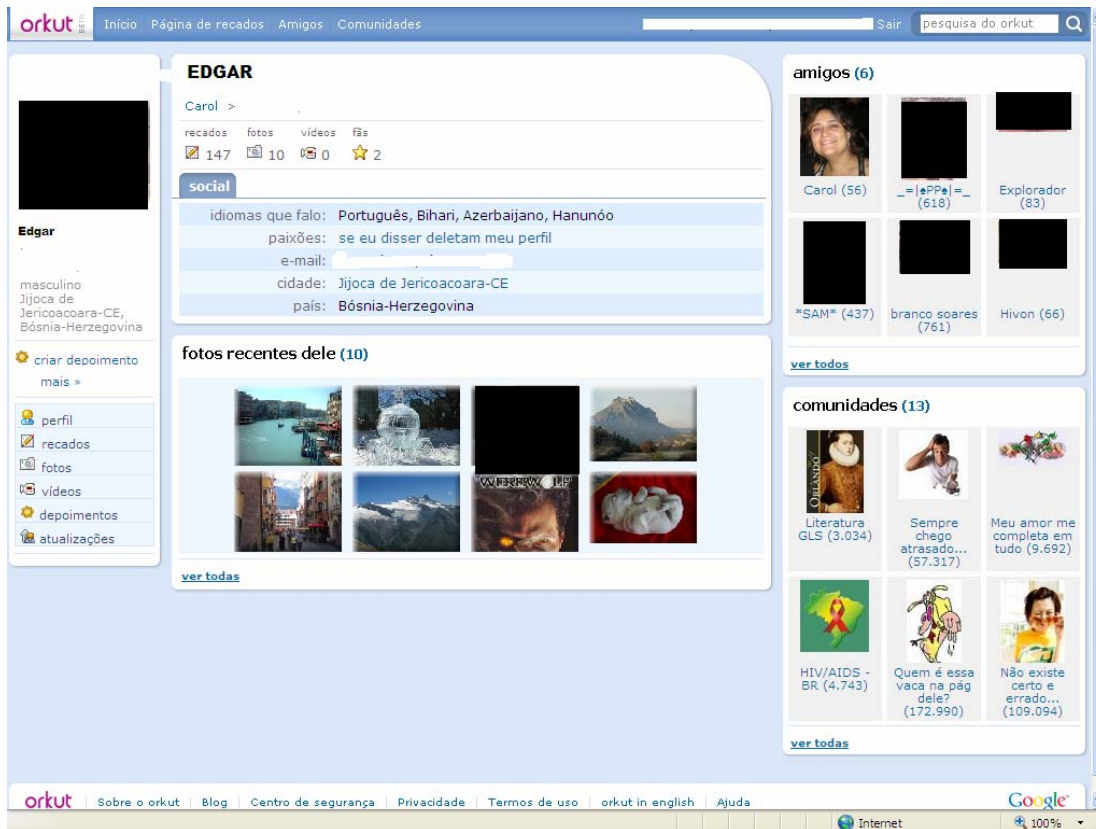
Olá escritor, tudo legal? Só hoje passados alguns dias do início daquele rebuliço lá na eper é que reli teus emails de janeiro. Não me lembrava da doçura e serenidade com que vc escreve. Que coisa interessante, seu estilo é completamente diferente de seus personagens, até mesmo

do Edgar! Tocante a parte em que vc descreve como criou o tenente Marcos e muito delicado o modo como vc expressava sua preocupação em magoar alguém com a história. Outra coisa interessante é o modo como vc “veste” a camisa de seus personagens e se torna outra pessoa. Além de bom escritor vc é um ator! De minha parte, querendo tomar carona na fama de Mr. X e ter meus 5 minutos de fama, terminei me queimando e perdendo a confiança de alguns amigos, mas faz parte, pelo menos vou aproveitar a lição e ainda que não foi no campo de meus relacionamentos reais, do dia a dia. De seus atuais personagens pra ser sincero não curto muito nenhum dos dois, vou ficar torcendo pra vc criar um que aproveite sua cultura clássica. Um abraço. (Brother, via scrap em 17 de maio de 2007)

Através desse depoimento de Brother é trazida à luz outra possibilidade de interpretação para as razões que levam alguém a criar um *fake*. Não necessariamente um *fake* é criado para representar aquilo que a pessoa deseja ser, mas funcionam como materializações de exercícios de criação de diferentes personagens. Este parece ser o caso de Mr. X, sendo que, ao criar variados perfis, ele brinca, experimenta, testa personagens, os quais, busca tornar verossímeis.

Edgar pode ser considerado um experimento que deu certo, já que durante um bom período de tempo ele participou da comunidade e interagiu com os outros participantes sem deixar desconfiar sobre sua autenticidade. Na montagem desse avatar é nítida a tentativa de criar uma imagem que fosse aceita dentro da comunidade: um idoso, considerado o “velhinho” legal da comunidade. E, ao se dizer soropositivo (e integrar comunidades de portadores de HIV), ele também consegue a simpatia de muitas pessoas, as quais se identificam e se compadecem de sua situação. Para criar ainda mais a sensação de realidade, ele ainda conta no fórum sua história de amor por um rapaz bem mais jovem, aproveitando-se de serem rotineiros na *Eper* relatos desse

tipo. Desse modo, conquista mais amigos e mais confiança, inclusive a minha, visto que, quando entrei na comunidade ele foi um dos primeiros a se oferecer para me dar informações.



Um ponto sobre o qual gostaria de me deter é a constatação, após o exame de uma grande quantidade de perfis da *Eper* e de outras comunidades, da existência de uma padronização dos avatares. Em geral (e acredito não existir neste caso uma distinção entre *oficiais*, *masks* e *fakes*), são privilegiadas fotografias e imagens com as melhores poses, muitas delas com o “fotoshop gritando”. A idéia parece ser fazer propaganda de si e se representar da melhor maneira possível.

Também chamam atenção as respostas dadas no item “quem sou eu”, no qual o usuário pode se descrever. E nesta descrição diferentes recursos textuais são

utilizados desde letras de músicas, poesias, desenhos (emoticons), citações de autores famosos ou simplesmente uma narrativa do modo como a pessoa se vê. Exemplifico:

Mister:

Quem sou eu: *NÃO SABE??? PESQUISE!!!! JOGA NO GOOGLE!!!!*

Add! [x] with scrap [] without scrap

Don't add! [] with scrap [x] without scrap

Do You Understand?

Atenção: Este perfil não é para apegção!!! Aqui só entra amigos, e quem queira ser...

Fui claro?

Mariano:

Quem sou eu: *"... porque foi tão fácil conseguir, agora eu me pergunto e daí? Eu tenho uma porção de coisas grandes pra conquistar e eu não posso ficar aí parado..." (Raul Seixas)*

"Quem sou eu? Quem eu fui, quem eu sou e quem eu serei?"

Gab:

Quem sou eu: *Agora que você já viu minhas fotos, pode ler o meu perfil (sim, pois pelo menos 90% das pessoas vão antes na foto, e dessas 90% umas 15% devem, depois, se dar ao trabalho de ler o perfil). Se eu visitei seu perfil, isso não significa nada além da curiosidade humana de fuxicar o orkut alheio. Se eu visito constantemente, provavelmente algo me agradou. Mas não significa que eu esteja realmente interessado. Mas estou aqui pra ser "fuxicado" e pra conhecer gente, logo um bom papo é melhor que uma visita no perfil. E sim, virei um pseudo-fake. E é melhor se adaptar à idéia. Sou chaser, mas não exclusivamente chaser. Portanto, não me rotulem. Sou simplesmente uma pessoa eclética, em vários sentidos dessa vida. Não vou ser modesto na minha descrição: sou um cara legal, inteligente e com bom papo, seja papo sério, papo bobo, palhaçada... Gosto de boa companhia, de preferência*

também com inteligência e bom papo, seja papo sério, papo bobo, palhaçada... Esse meu perfil é um perfil “secundário”, pois só minha família e alguns amigos sabem que sou gay. Outros não sabem ou preferem não saber, pois por mais que eu não explique minha situação sexual para o mundo inteiro, já cansei de ficar escondendo o a sete chaves há muito tempo. Eu sou um cara interessante, só ainda não encontrei minha metade. E no atual momento, não estou disposto a procura-la. (Porém, eu adoro entrar em contradição). Amigos de orkut: dei uma renovada. Estou recebendo novos amigos. E sim, acabo excluindo os novos amigos que não se fazem amigos. Ai como eu sou antipático! E confuso! Sou NERD. Amizades são bem vindas, desde que seja mantido o respeito acima de tudo!

A função do “about me” é permitir que a corporificação se faça de modo mais detalhado, já que essas descrições textuais também são parte do avatar. Apesar de ser normalmente associado apenas às fotografias e imagens, o avatar extrapola a significação imagética e é uma junção de variadas formas de expressão.

É interessante notar nas descrições acima os diferentes recursos acessados por cada um deles para criar em quem está lendo uma imagem. Mister opta por mandar que as pessoas o procurem no Google (ferramenta de busca) e utiliza este espaço para mostrar quem pode ou não fazer parte de sua lista de amigos e deixar claro que não está interessado em ter um perfil no Orkut para conseguir parceiros sexuais (“pegação”) no *off-line*. Já Mariano prefere se definir por meio do trecho de uma música e se questiona sobre quem ele é e sobre quem pode vir a ser. Gab, por sua vez, opta por um trecho extenso no qual fala sobre suas preferências, assume-se gay, conta seu estado civil e mostra valorizar muito mais a descrição do que as imagens colocadas no perfil.

Não apenas os corpos aparecem materializados por meio das fotos e descrições. Os objetos passam por um processo semelhante: de algum modo, eles precisam ser virtualizados e isto pode ser feito por meio de descrição ou através de imagens. Durante a comemoração dos três anos da comunidade foi realizada uma festa⁵⁰ *on-line* e estas estratégias de corporificação ficaram claras. A festa se iniciou algumas horas antes do horário de criação da comunidade - 22:56 - e incluiu tudo aquilo comumente utilizado em uma festa no *off-line* (sempre tomado como o referente): balões, bolo, bebidas, músicas, velas, docinhos, salgados, enfeites, fotos, beijos, danças. A festa ocorreu por meio da descrição dos movimentos, ações e por meio de imagens dos elementos citados acima. Abaixo um pequeno excerto do tópico (que conta com 404 postagens):

Moisés

17h30.... começa agora a contagem regressiva para apagar a velinha que está no logo da comunidade!!!! A caminho dos 4 anos!!!

Mister

*É big! É big! É big! É Big! É big! É hora! É hora! É hora! É Hora! É hora! É hora! Rá! Tim! Bum!
E-PE-ER! EPE-ER! EPE-ER! EEEEEEEEEEEEEHHHHHHHHHH*

PP

d:-) Vou tirar fotos de todos e guardar no mural da EPER.

Moisés

*Cadê a música dessa festinha?! Queria aquela música da Xuxa que fala dos patinhos...
ALGUÉM TEM?! AQUELA DOS PATINHOS NA LAGOA?! Rsrrsrsrs*

⁵⁰ A festa aconteceu em um tópico intitulado “Contagem regressiva para apagar a velinha!!!”. A velinha mencionada estava há alguns dias como logomarca da comunidade e tinha a forma do número 3. Ao ser apagada a velinha, foi apresentado à comunidade um novo logo, eleito em uma enquete realizada meses antes.

Colin

Mode: ritual satânico. Marquei um X! Um X! Um X no seu coração! Pra você nunca me esquecer. Nunca me esquecer. Juro que não!

Moisés

Os brigadeiros estão servidos.... Os palhacinhos já chegaram.... ahahahaha. Muito refrigerante e muito brigadeiro, muito cajuzinho, muito casadinho.... hummmm. Os salgadinhos estão uma delícia.... sirvam-se.... NADA DE LEVAR PRO CAFÉ DA MANHÃ... COISA DE POBRE!!!! Já já vamos estourar o BALÃO SURPRESA.... temos prêmios, como VIAGEM COM TUDO PAGO SÓ DE IDA PRA BOSTÃO... ou CONSULTAS GRÁTIS COM O PSICÓLOGO QUE ATENDE NOS CINEMÕES DE SÃO PAULO... ou VIAGENS GRÁTIS COM O CAMINHONEIRO DA COMUNIDADE... rsrsrs rs

PP

Moisés trouxe cerveja, mas só as bixas, feias, pobres e recalcadas poderão beber...



Vou abrir uma Cidra (coisa de pobre) pela participação das mulheres na



comunidade.

Garçon



Cidra é muito bem vinda aqui. Alguém quer vinho San Tomé?

Moisés

Uiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.....quem passou a mão na minha bunda, hein?! Foi vc Carol que me apalpou?!

Vou pegar o Cat e o Rufus ao mesmo tempo... pode?!

Carol

Pode tudo não pode??? Eu só fico observando...

Moisés

EPER 3 ANOS PARABÉNS!!!! Parabéns a todos e todas que fazem dessa uma das melhores comunidades do Orkut... Esperei chegar essa hora pra poder fazer a troca do logo, que foi criado pelo Cat (num trabalho de extremo bom gosto) que foi escolhido pela maioria absoluta dos membros da comuna. Obrigado especial: Garçon, Carol, Guto que confiaram no meu trabalho e no caráter da minha pessoa... Valeu galera... Muito obrigado a todos pela farra divertidíssimas que vcs costumam fazer aqui!!!! Rumo aos 4 anos!!!!

Ao incluir esse acontecimento da *Eper*, minha tentativa foi mostrar que, durante grande parte do tempo, há uma comunicação estreita entre *on-line* e *off-line*. Como congrega pessoas dispersas por todo o Brasil para celebrar a data de criação da comunidade? Na ausência de outros recursos, eles tentam realizar uma festa no virtual. A concepção de festa é tomada de empréstimo do *off-line* e todos os recursos mobilizados visavam criar nos que participavam do tópico a sensação de estarem juntos comemorando a existência da *Eper*. É como se, nessa cena montada no tópico, cada avatar se tornasse um personagem e criasse histórias para mostrar sua participação na festa. Todos estavam distantes geograficamente, mas pela materialização – descritiva e imagética – de elementos que tradicionalmente compõem festas, eles conseguiram juntos comemorar o terceiro ano da comunidade.

Assim, o que se nota mais uma vez é que a relação entre *on-line* e *off-line* é marcada por muitas sutilezas, não sendo possível tomá-la como dada de antemão. Pelo contrário, ela é contextual e os dois contextos estão, como pretendi mostrar ao longo do texto, em uma relação constante.

Gênero e sexualidade on-line

Em seu mais recente número o *Transforming Cultures eJournal* trouxe um especial sobre o que eles chamaram de “gênero *on-line*”. A partir de etnografias em uma lista de discussões on-line - a Cybermind - os autores se propuseram a discutir como as questões de gênero eram geradas e interpretadas pelos participantes e como elas interferiam no estabelecimento de relações dentro do grupo. Além disso, tentaram perceber de que forma o *off-line* influenciava nestas questões.

De acordo com Marshall (2007), pensar em gênero *on-line* envolve as especificidades da vida *on-line*, a importação ou modificação de convenções de gênero *off-line* e as maneiras como os contextos de gênero *off-line* influenciam as atividades e posturas no mundo *on-line*. E, para entender o *on-line* naquilo que ele possui de específico (ou, em alguns casos, subversivo), seria necessário considerar como atuam questões relativas ao poder, categorizações, relacionamentos, intimidades, privacidade e performances identitárias.

No capítulo 2, abordei o modo como convenções de gênero apareceram quando os membros da *Eper* se viram confrontados com a presença de uma mulher na comunidade. Analisando outros tópicos, notei serem reproduzidas não apenas convenções relativas ao que é ser homem e ser mulher (e, conseqüentemente, ao que são posturas masculinas e femininas), mas categorias relativas à sexualidade e às homossexualidades. Estas convenções referem-se especialmente à associação feita entre passivo/feminino e ativo/masculino e também à geração de um tipo ideal de gay, no qual aparecem exacerbadas a virilidade e masculinidade.

Início esta discussão a partir da divisão da comunidade (dita e não-dita ao mesmo tempo) entre, de um lado, os que ficaram conhecidos como “intelectuais” ou “pensantes” e, do outro, os “miguxos”. Isto porque esta classificação foi, em vários momentos, associada a posturas consideradas mais femininas ou masculinas dos membros: haveria uma aura de “macheza” entre os intelectuais e uma alta dose de feminilidade entre os miguxos. Além das marcas de gênero, essas classificações também trazem a marca etária: os miguxos são associados com garotos mais jovens e mais infantis, enquanto os intelectuais são mais velhos (acima dos 30 anos) e mais experientes.

O termo “miguxo” não é uma especificidade da *Eper* e vem sendo utilizado há alguns anos em vários programas da internet. Surgiu como uma nova maneira de se referir a amigo (amiguxo), mas este sentido inicial foi re-significado em vários contextos. Hoje é um termo associado comumente aos “emos⁵¹” e ligado à meiguice, a posturas consideradas fofas, sentimentais. O “miguxismo” se tornou tão popular que foi criada uma espécie de dialeto – o miguxês – através do qual se dão as conversas entre miguxos.

Na *Eper* os miguxos são identificados como aqueles membros mais jovens, meigos, românticos, “fofos” e ingênuos, pois estão em busca de um “príncipe encantado” no Orkut e se apaixonam (e demonstram publicamente, nos *scraps* e no fórum, seus sentimentos) por pessoas que conhecem apenas virtualmente. E, além disso, não fariam qualquer indagação a respeito da possível falsidade das informações

⁵¹ O nome emo deriva de emotional e faz menção a garotos e garotas que são fãs de bandas de rock hard core melódico e emocional e seguem um determinado estilo de vestimentas, cortes de cabelo, posturas corporais. Os rapazes “emo” são, normalmente, considerados femininos (usam cabelos longos, não têm vergonha de chorar em público, são doces e românticos). Talvez daí venha a associação aos miguxos.

e fotografias colocadas nos perfis e das histórias narradas na comunidade e em conversas privadas (e-mail, *messenger*, depoimentos e *scraps*). De modo geral, ser miguxo é ser mais feminino, já que estas características – meiguice, sentimentalismo, “rasgação de seda” – são convencionalmente imputadas às mulheres.

Do outro lado estão os “intelectuais” ou “pensantes” associados com a detenção de conhecimentos (nas mais diversas áreas), mais “vividos” e preocupados com discussões sobre sexualidade, internet, relacionamentos, filosofia, sociologia, política e outros assuntos considerados “sérios”. Como não dão crédito a relacionamentos virtuais e não demonstram seus sentimentos, acabaram sendo ligados à racionalização e à masculinidade.

Esta divisão da comunidade já existia há um tempo, mas só veio à tona após o lançamento de uma enquete para eleger o homem “gato sensação” da comunidade. O resultado da votação foi anunciado através de um tópico de Mouse, no qual vários dos membros faziam elogios ao rapaz vencedor e até se candidatavam a “maridos”. Neste tópico algumas categorias relativas à masculinidade e feminilidade apareceram e acredito ser válido pensar de que maneira eles mesmos significaram cada uma delas. Um exemplo é a postagem de Gatinho:

Deveríamos votar por categoria:

Meninos machos lindos: Dedé, Mar, Cat etc

Machos: Mouse, Moisés, Mister, Xande etc

Machos viris dominadores: Guga, Karl

Fêmeas: Carol, Maria do Bairro

Delicados: Gatinho (ÊÊÊÊÊ!) rsrsrs (Gatinho em 20 de maio de 2007)

Esta postagem deixa claro o estabelecimento de categorizações e classificações dos membros da *Eper* em função de apresentaram comportamentos e performances tidas como mais femininas ou masculinas. Vejo nesta ordenação proposta por Gatinho a reprodução de convenções baseadas nas imagens construídas por cada usuário através de seus avatares e dos discursos empregados na comunidade: há os “meninos machos”, passando pelos homens machos, por homens hiper-masculinizados (que ele chama de viris dominadores), pelas fêmeas (o lado feminino da comunidade, representado por mim e pelo *fake* Maria do Bairro) e pelos delicados (o homem feminizado). Estão implícitas nesta fala concepções específicas de masculinidade e feminilidade: é feita a associação corriqueira entre mulheres - feminilidade e homens – masculinidade. A partir disto, Gatinho enumera membros e os ordena dos mais “femininos” (ele mesmo e as mulheres) até os mais masculinos.

Outra constatação é que nesta categorização utilizada por Gatinho há a intersecção de marcadores referentes à sexualidade e à idade. Os membros que ele chama de “meninos machos” são aqueles que estão em uma faixa etária mais baixa (entre 18 e 25 anos), mas que não abdicam das posturas masculinas. Os “machos” e “machos viris dominadores” estão em um mesmo grupo etário, entre os 30 e 40 anos. No caso das “fêmeas” e dos “delicados” não há influência do critério etário: ele leva em consideração apenas a feminilidade de ambos.

Alguns pontos são curiosos: os membros enumerados como “meninos machos” representam para os “intelectuais” os “miguxos”, assim como o próprio Gatinho entraria nesta classificação. Os “machos viris dominadores” são assim chamados devido à postura adotada no fórum da comunidade, marcada até por certa agressividade, associada por Gatinho à virilidade. Além disso, em muitos tópicos, nos quais a

discussão recai em um bate-papo, eles fazem comentários⁵² que denotariam seu comportamento hiper-masculino, com a adoção de posições ativas durante o ato sexual.

Na continuidade do tópico, Dedé – eleito o “gato sensação” – postou agradecendo os votos recebidos. E, a partir daí, iniciou-se aquilo que Karl chamou posteriormente de “rasgação de seda”. Reproduzo abaixo a conversa “miguxa” entre eles:

Dedé

Ai gente que emoçãooooo... =] Nem sei o que dizer... Brigado, vcs são muito fofosssssssssssssssssssssssssssssssss... não vivo sem vcs... =]

Gatinho

Já o Dedé é lindo! Quero tanto que ele encontre um cara que o ame e faça tudo por ele! Beijinho, meu irmãozinho Dedé!

Dedé

Ai gatinho. Maninho amo vc. [;D]

Gatinho

Dedé, você que é uma graça! Está se tornando nossa mascote! Rssss. Queria lhe dar um grande abraço de apoio e coragem! Bom eu lhe envio via internet! rss

Marcos

Maninho! Uhaehueahuae viu? Somos de uma família “quase” distinta! uhaeuha ui só pra quem podi! Ae ae.... aberta a temporada: A CAÇA AO DEDÉ. Façam suas filas pq o macho que ganhar...vai ter uma noite tremenda de amor com Dedé...ui...com direito a luz de velas,

⁵² No mesmo tópico, por exemplo, Guga fez o seguinte comentário dirigido a Gatinho: *Adoro Gatinho, ainda mais esses que correm com o rabinho empinado.* Em resposta, Gatinho disse: *Esse gatinho ta empinando demais o rabinho! Assanhado!*

almofadas vermelhas e pétalas de rosas espalhadas no local!

Colin

Gente!!! A comunidade está em modo “Ursinhos Carinhosos” on? Nunca ouvi a palavra “fofo” tantas vezes e de tantas pessoas...

Dedé

Então gente... =] Quem se candidata. Auhahuahu. Ai gente, quem vê pensa... =] Vcs saum muito lindusssssssssss.

Karl

Ops...errei de lugar. Caí na creche fofinhos moranguinhos do amor eterno. Que lindo! Nem parece que tem homem aqui dentro. Repitam comigo: miguxo el ti amo! Foufo, foufo, foufo, todo mundo é um foufo! Ai, ui, ai, ui, ai, ui, eu amo vocês. Nosssssssssssssssa, quanta gentem linda! Vou direto pro buteco da esquina escarrar no chão e tomar cachaça. Minha insulina disparou. Viadice boiolatus avistada. Huáhuáhuáhuáhuáhuáhuá. Fui. – e naum biguem comigo. Eu lóvi tudo voceix. Eu só quero ser amado -

Minha intenção, ao transcrever este diálogo, foi mostrar o modo como aqueles rotulados como “miguxos” estabeleciam suas relações: há uma seqüência de elogios, palavras carinhosas e tratamentos íntimos, como pode ser notado pelo emprego das palavras “maninho”, “fofosssssssssssss”, “irmãozinho”, “lindusssssssssssss” e pelo uso de vocábulos no feminino para se referir uns aos outros (“nossa mascote”).

Duas postagens destoam deste conteúdo e consistem em críticas ao que Karl chamou de “creche fofinhos moranguinhos”. Assim, as posturas elogiosas e “fofas” seriam uma negação dos comportamentos masculinos e isto fica nítido em frases de Karl: *nem parece que tem homem aqui dentro; vou direto pro buteco da esquina escarrar no chão e tomar cachaça. Minha insulina disparou. Viadice boiolatus avistada.*

Nesta última, ele evoca o que seria uma postura masculina contra a “melação” (*insulina disparada*) na qual a *Eper* havia se transformado: homens vão pro buteco, tomam cachaça, escarram no chão e não são acometidos pela *viadice boiolatus*. Dito de outra maneira, homens podem ser gays, mas sem abrir mão de sua masculinidade. E tal masculinidade é definida por padrões de homossexualidade orientados por uma divisão de gênero baseada no modelo binário masculino/feminino. Assim, ela reitera o padrão machos x bichas. As convenções presentes na *Eper* são, então, baseadas em diferentes gêneros de masculinidades encontradas no meio homossexual.

A divisão da comunidade se tornou nítida no já citado tópico “Amor de Jumento: inhóóóóó”. Nele, Karl deixou claras as diferenciações entre os membros, ao criticar as práticas carinhosas e de trocas de elogios mútuos que dominavam a comunidade naquele momento. Em sua postagem inicial descreveu o que seria o “amor de jumento”, caracterizado, sobretudo, pelo surgimento de laços afetivos entre pessoas que só se conheciam via internet, por fotos e descrições:

Há poucas semanas, um grupo saiu da Eper porque um dos participantes se disse ofendido. Em vez de ficar pra brigar por melhorias nos relacionamentos, fundou uma comunidade exclusiva, já que a supra-amizade que desenvolveu bastava. E o grupo dos “pensantes” ficou aqui discutindo ética e relações virtuais. Com o tempo, quase todos que saíram voltaram. E leio agora na comunidade deles, que se questiona justamente o que alguns de nós falam aqui há séculos: “amizade virtual é passageira?”. (...) Agora, Brother e seus fakes-x ou fake-x e seus brothers – conseguiram sacolhejar por um curto período a Eper. Enquanto os “pensantes” discutiam ética e relações virtuais, um grupo de “foufos” produzia galões de sacarose em forma de mútuos elogios melosos. E desvirtuavam os tópicos sérios pedindo pra encerrar essa

discussão enfadonha. Onde está a dificuldade de aprender com os percalços e erros? Por que a recusa em ver e ouvir o que não é elogio ou puxação de saco? O que se ganha ficando horas a fio apenas dizendo “amu voceix, ti dolu, ki foufo, voxê kié lindo”? Esse grupo que domina os posts derramando amor incondicional em tudo, vai passar e sumir assim como todos os grupelhos que já fizeram isso. Porque elogio vazio enjoa e cansa depois de mil vezes repetido. A incongruência é que o grupo dos “pensantes” até participa em muitas das brincadeiras. Mas por que o grupo dos “foufos” não conseguem dizer nada de inteligente pra variar? Miguxos, mostrem que sou uma besta energúmena e provem o contrário. Abram suas cabecinhas e mostrem que há miolos além de caralhinhos cor de rosa e corações enamorados. Massacrem-me com sua sagacidade e inteligência. Beijos melosos a todos. De língua. Ps – negritei e colori o mais importante, porque sei que os miguxos não vão ler, são muitas letrinhas, coisas chata.

Uma vez mais, Karl fez a associação dos “miguxos” com imagens que podem ser consideradas símbolos de uma feminilidade adolescente estereotipada ou de “bichisse” ao falar em “caralhinhos cor de rosa” e “corações enamorados”. No primeiro caso, ao utilizar “cor de rosa”, uma tonalidade representativa, pelo menos no senso comum, do que é feminino. E depois, ao falar dos “corações enamorados” que derramariam “galões de sacarose” através dos elogios e carinhos (as “miguxices”/ “bichisses”) trocadas entre membros como Gatinho, Dedé, Marcos, Maria do Bairro e Mar. E, novamente, as paixões e sentimentos caracterizam a feminilidade, em oposição à masculinidade racional dos “pensantes”.

Em uma tentativa de catalogação dos tópicos postados durante a pesquisa, registrei uma grande quantidade de postagens nas quais estes mesmos temas – masculinidade/feminilidade, machos X bichas e posições adotadas no ato sexual – eram discutidos. Cito algumas: “Os gays de hoje em dia são mais machos”, “Gemendo

que nem putinha ou que nem macho?"; "Pq a maioria se diz ativo?"; "O que caracteriza um afeminado?"; "Femininos, afeminados ou delicados?"; "100% passiva, vc teria coragem de se definir..."; "Fingir que sou hetero"; "O que é ser discreto".

Considero sintomático um tópico intitulado "Gays homofóbicos?" em que se discutiu o crescente preconceito contra gays afeminados (as bichas, os "miguxos") por parte de outros gays que se diriam machos, invocando uma masculinidade exacerbada. Muitos dos que postaram neste tópico faziam parte de uma comunidade chamada "Gay sim, bicha nunca!" e não consideravam sinal de preconceito adotar uma postura de repúdio a comportamentos mais afeminados, o conhecido "dar pinta". Um acalorado debate se iniciou, sendo que fica nítida a maneira como muitas categorias e classificações foram acessadas e o caráter plural dos integrantes da *Eper* e de seus modos de vivenciar e entender suas (homo) sexualidades.

Isso [repúdio a comportamentos mais afeminados] é homofobia internalizada. Mais comum do que acarajé na Bahia. Fica hilário quando a pessoa tem isso em forma crônica. Uma vez fiquei com uma criatura que, de dez em dez minutos, dizia "assim que é bom, macho com macho, nada desses viadinhos". Até que um dia eu explodi no meio do sexo: ESCUTA, TU É DOENTE MENTAL? EM TODO LUGAR QUE VOCÊ VAI, VOCÊ TRAZ ESSE VIADINHO PRO ASSUNTO. É UM VIADINHO INTERIOR! SE TOCA! (...) Sabe uma coisa que eu aprendi? Quem diz se eu sou macho ou não é o outro. Porque eu posso me achar o mais macho dos machos, não ter espelho em casa e passar por ridículo diante de todos. Eu posso até achar que sou macho, que tenho jeito masculino, mas afirmar isso como propaganda é que nem dizer: "sou lindo" e se deparar com alguém que vai rir da sua cara e dizer: "eu não acho". Chamar o outro de viadinho não me faz mais homem. Chamar o outro de feio não me faz mais belo. Chamar o outro de bicha não me faz mais macho. (Xande em 28 de abril de 2007)

Gay sim, bicha nunca! Eu participo desta comu e naum tem nada a ver com “homofobia”, o q s quer dzer com Gay sim, bicha nunca, eh q naum somos afeminados como akelas bichinhas ridículas q parecem fantoches d circo.... (Slip em 28 de abril de 2007)

Há caras q não sentem atração por gays afeminados. Preferem caras másculos. Isso não é homofobia! Seria o mesmo então dizer q todos nós somos heterofóbicos, já q não sentimos atração por mulheres. Há gays de todos os tipos: travestis, efeminados, caras másculos, assumidos e não assumidos. Só q a sociedade encherqa gays como travestis e efeminados escandalosos e promíscuos. Esse pré-conceito acaba entrando na cabeça de mtos gays tbm, q não kerem ser associados à essa parcela da comunidade gay, q mtos pensam serem a única. Há pessoas que gostam de levar uma vida normal, sem esses esteriótipos de q gay deve ser baladeiro, escandaloso, gostar de novela, ter linguajar próprio e conviver somente c gays e em lugares GLS, gostar da Madonna e da Cher. A própria cultura gay do mundo gls reforça esses conceitos. Há um culto exacerbado pela futilidade e sexo fácil (não estou falando q todos q freqüentam lugares GLS são assim, mas a cultura pregada nesses lugares é essa, basta ver as propagandas desses lugares!). E por incrível q pareça para alguns aki, nem todos gays são adeptos disso! Eu inclusive! (Hawke em 28 de abril de 2007)

Aproveito a postagem de Hawke e retomo uma discussão iniciada no capítulo 3 visto que ela se relaciona diretamente com as visões sobre masculinidade e macheza presentes na Eper. Ela diz respeito a fazer ou não parte do “meio gay” e mobilizou uma série de opiniões a respeito de quais seriam os tipos de homens enquadrados em cada um destes dois pólos. No tópico “Gays fora do meio = gays sem identidade?”, a partir de um texto – intitulado “Eles são gays, mas fazem questão de se manter... longe do meio” - publicado no site gay A Capa (www.acapa.com.br), iniciou-se o debate sobre a

pergunta trazida no título do tópico: ser “fora do meio” implica em ser um gay sem identidade? Em linhas gerais, o artigo traz a caracterização de um tipo específico de homossexuais que se dizem “fora do meio” por não freqüentarem locais GLS, não abdicarem de uma postura viril, não consumirem as roupas, músicas e tendências supostamente gays e não falarem determinadas gírias consideradas gays. Em suma, eles dizem não se enquadrar no esteriótipo de homem lançado dentro do “mundinho gay” (não seriam o chamado “gay clichê”) e defendem sua posição de “fora do meio” como forma de não “se fixarem em guetos”.

O tópico postado na *Eper* rendeu uma série de comentários, nos quais eles se posicionaram em relação ao artigo, bem como em relação a esta série de classificações encontradas quando se fala de homossexualidade e suas manifestações. Em geral, houve um reconhecimento de que existe uma diversidade de maneiras de expressar ou vivenciar estas homossexualidades, sem a necessidade de se fixar em rótulos (sou isto ou sou aquilo). O “ser gay” não implica uma homogeneização e pode ser experimentado de diferentes formas. A idéia presente nos debates era a de que, ao classificar, seja como fora do meio ou pertencente ao meio, estar-se-iam criando guetos e se reproduzindo estereótipos e convenções. A exigência de “ser macho” também foi debatida, sendo que a máxima evocada era a de que “existem muitos MACHOS, mas poucos HOMENS”. Abaixo faço uma síntese das respostas a fim de facilitar a discussão:

Me sinto no meio, no meio de uma confusão, não consigo me situar, gosto de baladas mas não gosto de me vestir como emo. Gosto de madonna mas não gosto de ficar falando igual a mariquinha.(...) Quem se classifica como fora do meio acaba criando seu próprio “gueto”. Um

“gueto” até mais chato de ser vivido devido às dificuldades do novo meio criado. (Lê em 5 de agosto de 2007)

Eu aprecio mais o livre trânsito. O que se denomina “cultura gay” não é um bloco monolítico com os mandamentos ali talhados permanentemente para serem seguidos à risca. A cultura gay é bastante diversa e mesmo aqueles que, por vários motivos, insistem em se afirmar como “fora do meio” acabam por compor também a diversidade da cultura gay. As identidades não se constroem a partir de rótulos e sempre me causa estranheza esses tipos que insistem em deixar bem demarcadas suas diferenças com relação a determinado grupo de pessoas. (Ivo em 5 de agosto de 2007)

Vou ter que concordar com o Clodovil, quando ele diz: “MACHO, tem muito por aí, o que tá faltando é HOMEM”. Por que pra mim, o MACHO é a masculinidade esteriotipada, bem típica desses caras que tem medo do tal “meio” com medo que associem a ele o comportamento quase maioral dos que frequentam, quem é realmente seguro tanto da sua sexualidade, quanto da própria masculinidade, pode freqüentar qualquer lugar sem medo de aderir a trejeitos, gírias e afins!!! (Ti em 6 de agosto de 2007)

O que estas postagens atestam é a circulação de diferentes categorias e classificações entre os membros da *Eper*. Esta classificação – baseada na intersecção de fatores diversos - pode ser notada através das nomenclaturas utilizadas para se referir às homossexualidades: gay, gay macho, bichinhas, bicha, viadinho. De algum modo, estas categorias se comunicam com aquelas encontradas no *off-line*, sendo que em ambos os casos há uma tentativa de enquadrar as várias maneiras de vivenciar a homossexualidade em modelos classificatórios. E, o que se nota, é o estabelecimento

de uma normatização das sexualidades, com a geração de figuras modelares (e, por que não, clichês) de homossexuais. Existe a “bichinha” afeminada (ou o viadinho), dotada de trejeitos considerados femininos e próximos de um “fantoche de circo” (depoimento de Slip citado acima); o gay macho que não frequenta o “meio” e não se enquadra no estereótipo gay padrão; o gay padrão, frequentador dos ambientes GLS e munido de um gestual, linguajar e indumentária específicos. E surge o “miguxo”, também afeminado e, sobretudo, sentimental.

Peter Fry (1982) em seu clássico estudo sobre os modelos classificatórios de homossexualidade, parte da perspectiva de que as sexualidades são construídas histórica e culturalmente. A partir deste pressuposto, ele reconhece existir uma diversidade de sistemas classificatórios, os quais variam entre os tipos ideais de hierarquia e igualdade, passando pelo que chama de modelo médico-legal. As homossexualidades são geradas e compreendidas a partir do cruzamento de diferentes fatores – tais como, raça, classe social, grupo etário – e podem ser experimentadas de modos muito diversos.

Simões e Carrara (2007), ao pensarem a trajetória de estudos sobre homossexualidades no Brasil, assim se referem a este pioneiro texto de Fry:

Mais do que o reconhecimento de várias compreensões da sexualidade masculina, que variariam conforme regiões, classes sociais e situações históricas, o que Fry divisa é a imbricação de sistemas de conhecimento da sexualidade com cosmologias religiosas e ideologias sobre raça, idade e outros marcadores sociais; especialmente a força da linguagem do sexo para expressar concepções de hierarquia e igualdade que remetiam a um contexto mais amplo de disputas políticas (SIMÕES & CARRARA, 2007, p.72)

As nomenclaturas utilizadas na *Eper* para caracterizar as homossexualidades significam, de certo modo, uma re-significação e re-semantização de categorias encontradas no *off-line*. O *off-line* conta, portanto, como mais um marcador a influir nas maneiras pelas quais as homossexualidades podem ser compreendidas, vivenciadas e praticadas. Isto fica claro pela maneira como foram construídas as postagens transcritas: os viadinhos, as bichas, as bichinhas, os gays e os gays machos aparecem tanto no *off-line* quanto no *on-line*. Mas, ocorre um processo de re-significação dessas categorias, sendo que surge o “miguxo” como nova forma de classificação. E, este termo, antes restrito aos espaços virtuais também encontrou ressonância no *off-line* e se juntou a termos como “viadinho” e “bichinha”, como meio de descrever os gays considerados mais afeminados.

Estas classificações afetam também a montagem dos avatares. Para um gay macho, por exemplo, não é permitido “dar pinta”. Isto significa que marcas de feminilidade – “soltar a franga”, rebolar, “virar a mãozinha”, desmunhecar, “falar com voz fina, de taquara rachada” - precisam ser eliminadas a fim de não haver qualquer identificação com a figura de uma “bichinha”, “viadinho” ou “miguxo”. Além disso, o item orientação sexual normalmente não é preenchido, há a filiação a comunidades⁵³ que denotem masculinidade, as imagens utilizadas mostram posturas viris (uma masculinidade exacerbada) e todos os discursos adotados primam pela descrição ou pelas críticas aos comportamentos supostamente femininos.

A hiper-masculinização, representada pelos gays que se intitulam “fora do meio”,

⁵³ No Orkut é possível encontrar diversas destas comunidades destinadas a gays machos. Os dois exemplos mais famosos e com mais membros são as comunidades “Gay sim, bicha nunca!” e “Sou gay macho e mijo em pé”. Muitos membros da *Eper* que opinaram nos tópicos citados estão em uma destas duas comunidades. Além disso, as duas foram citadas de forma crítica durante as discussões, visto que elas representariam esta “homofobia internalizada” de uma parcela de homossexuais.

proclamam sua masculinidade e virilidade e repudiam ser associados a qualquer comportamento tido como feminino, é um processo que já data de algum tempo. Perlongher (1987) já percebia, na década de 80, uma tendência à masculinização entre os gays paulistanos que circulavam pela região central da cidade. Marcas que denotassem características mais femininas foram gradualmente eliminadas, surgindo a necessidade de uma postura viril e máscula. Estes gays masculinizados, chamados de machos ou “bofes”, encontrados até mesmo entre os michês, relacionar-se-iam inicialmente com as “bichas” (os homossexuais efeminados). A partir da década de 70, houve uma inversão deste modelo, sendo que muitos gays passaram a adotar posturas másculas na busca por parceiros também másculos. Nas derivas⁵⁴ pelo centro da cidade, além da circulação espacial, existia a circulação de categorias, classificações e nomenclaturas, numa *proliferação, confusão e acentuada mutabilidade/precariedade*. (p.22)

Perlongher reconhece, de modo semelhante, um processo de comercialização da *perambulação homossexual* com a conseqüente criação de uma *modelização gay*. Esta *modelização* ou *gayzação* implicou no seguimento de padrões de comportamento, modos de vestir e falar, gestos, gírias, tiques. Na *Eper* ocorre um processo parecido: existem, representados pelos avatares, tipos de homossexualidades e a busca de adequação a padrões, expressos e reproduzidos por meio das imagens e textos. De certo modo, parece que o virtual atua não apenas como reprodutor destes modelos, mas também exacerba suas características, pela possibilidade de congregar em um mesmo espaço pessoas com os mesmos modos de vida e que podem se unir em

⁵⁴ Perlongher reconhece a existência de dois níveis: o *territorial* e o *categorial*. Sua conclusão é a de que há uma interpenetração destes níveis, sendo que as divisões espaciais passam a ter sentido a partir das divisões categoriais.

grupos, independentemente de sua localização geográfica.

Estudos recentes sobre as homossexualidades, tal como o de Braz (2007), buscam compreender de que modo esta masculinidade (ou masculinidades) emerge (m) em diferentes contextos. Em sua pesquisa sobre parte do universo dos homens que fazem sexo com outros homens, representados por clubes de sexo na cidade de São Paulo, ele constata existir uma valorização do macho enquanto objeto de desejo. Assim, apresentar-se como másculo, viril e discreto tem como consequência a aquisição de um maior valor nas transações sexuais (baseadas em relações do tipo “macho versus macho”).

Ainda sobre as masculinidades, Vale de Almeida (1995) traz algumas considerações interessantes. Apesar de tratar das relações estabelecidas entre homens heterossexuais em uma vila de Portugal, ele busca o que intitula de *teoria da masculinidade*. Para tal, parte da constatação de que não é possível uma masculinidade única, mas existem várias masculinidades e feminilidades. Mas, apesar desta variabilidade, reconhece a constituição de uma *masculinidade hegemônica*, entendida como um modelo que subordina todas as outras masculinidades alternativas. Traços desta *masculinidade hegemônica*, caracterizada por ele como o “modelo da dominação masculina, intrinsecamente monogâmica, heterossexual e reprodutiva”, podem ser encontrados nas práticas e comportamentos de muitos membros da *Eper*. Uma outra característica desta *masculinidade hegemônica* é uma discursividade que exclui o campo emotivo, considerado feminino. E, na divisão encontrada na *Eper* entre “intelectuais” e “miguxos” é invocada uma masculinidade próxima à hegemônica: há um repúdio à emotividade e, por conseguinte, a comportamentos supostamente mais femininos. Estes comportamentos aparecem contidos, regularizados, normatizados por

diversos processos e mecanismos, sendo um deles a própria constituição de cada um enquanto persona e avatar.

Mas, se por um lado, a divisão é acessada com recorrência e a feminilidade “miguxa” condenada, ocorre na comunidade um processo paralelo de crítica aos preconceitos dirigidos aos homossexuais mais afeminados. Por mais que os estereótipos e rótulos recebam críticas, a comunidade se organiza e classifica seus membros a partir de dois critérios que caminham lado a lado: o primeiro é relativo às identidades assumidas *on-line* (e sua veracidade ou não no *off-line*) e o segundo, refere-se ao enquadramento em modelos classificatórios de sexualidade.

E, se o objetivo maior desta pesquisa é pensar a respeito das sexualidades e da influência do *on-line* em sua construção, acredito ter iniciado a armação de parte do pano de fundo empírico e teórico na busca do entendimento das tensões e dos limites a que estas (homo) sexualidades estão sujeitas. A parte restante, que passo a apresentar no próximo item, tenta dar conta das experiências sexuais narradas em profusão no fórum da comunidade e nas conversas por *messenger*, com a conversão do virtual em uma espécie de confessionário e *locus* onde podem emergir novas (ou não tão novas assim) configurações de erotismo.

Entre fantasias e fetiches

Se fosse resumir ao máximo o intento deste item as melhores palavras para tal seriam fantasias, confissões e erotismo. Fantasias várias, é bom salientar. As concretizadas, as imaginadas, as encenadas, as faladas, as sonhadas, as fantasias do outro e também as minhas. Todas elas em contínuo diálogo, sendo as minhas, uma

espécie de resposta à leitura de uma série de fantasias sexuais e também corporais de homens que se dispuseram a descrever partes de suas experiências sexuais, de seus fetiches e também de si mesmos.

É impossível pensar em fantasias sem levar em conta a confissão, este ato de criar um discurso sobre si, o sexo e o corpo (Foucault, XXXX). Foi ela o instrumento que permitiu a abordagem de questões, muitas vezes consideradas tabus, como por exemplo, assumir-se gay. E, é ponto fundamental para este momento confessional o anonimato, facilitado pelo *on-line*. Não saber quem está do outro lado da tela pode favorecer a criação de relações mais íntimas e com maior envolvimento (emocional e afetivo) das partes.

O confessionário virtual tem fins múltiplos. De um lado é a possibilidade, muitas vezes única, para muitos “saírem do armário” e assumirem suas preferências sexuais e afetivas. De outro, converteu-se em uma maneira de dar vazão a desejos, fantasias e fetiches e também à configuração de novas formas de erotismo.

Fora do armário. Dentro da tela

Durante a pesquisa de campo pude notar que, para muitos membros da *Eper*, especialmente os mais jovens, estar em uma comunidade virtual era um meio de assumir suas sexualidades. Outros fatores, além da idade, mostraram-se importantes para explicar a ocorrência de um “coming out” restrito ao virtual: a maioria destes meninos moravam com familiares e em cidades pequenas ou com poucas opções de locais onde fosse possível qualquer manifestação de homossexualidade. Na falta de estabelecimentos de lazer voltados especificamente para o público gay, a internet se

tornou o único meio de conhecer pessoas e, no caso de muitos, aprender a “ser gay”. Muitos relatos que recolhi, principalmente nas conversas por *messenger*, caminham neste sentido. Além de proporcionar a “saída do armário”, estar em um programa de relacionamentos e, especificamente, em uma comunidade de temática gay, torna possível a muitos vivenciar sua sexualidade e aprender com as experiências narradas por outros membros. Reproduzo uma conversa com Danny Zuko, um dos informantes para quem o virtual foi e é o único veículo para “sair do armário”.

Carol diz: *e de onde surgiu essa idéia de vc criar várias contas no orkut?*

Danny Zuko diz: *ah...bem, primeiro eu criei o meu fake. Eh legal assim, se passar por um personagem sem ngn q eu conheça realmente. Mas aih eu decidi criar um perfil gay. Conhecer gente do meio, isso me ajudou mto no meu processo de auto aceitação*

Carol diz: *vc disse que o legal é adicionar pessoas q vc não conhece...*

Danny Zuko diz: *bem, eh legal vc conhecer pessoas super legais q talvez nunca fosse conhecer por causa da distância. Mas tem seu lado ruim tb.*

Carol diz: *e qual é o lado ruim?*

Danny Zuko diz: *bem, vc se apega demais aos amigos virtuais e mtas vezes há a impossibilidade de encontrá-los fora da internet. Moro em Natal, eh uma capital pequena. Naum encontro mtas pessoas daqui nas comunidades q freqüento. A grande maioria vem é dos grandes centros e estados: são paulo, minas gerais, rio grande do sul, santa catarina, rio de janeiro...*

Carol diz: *eu achei vc na comunidade Eper....vc participa mto?*

Danny Zuko diz: *sim sim. Foi uma comunidade mto importante pra mim. Me ajudou mto na época. Vc ver pessoas como vc, conversar com elas sempre acaba ajudando. Vc não se sente taum excluído. Às vezes, por medo, naum temos com quem conversar sobre isso, desabafar*

sobre determinados assuntos, tirar dúvidas, com quem a gente conhece na realidade e meu outro perfil me proporcionou isso. Desmistificou mtas coisas.

Carol diz: *e como foi o processo de se “descobrir” gay?*

Danny Zuko diz: *eu sempre senti algo diferente com relação a sexualidade, desde q ela começou a aflorar. Achava os homens naturalmente mais atraentes. Nunca consegui me masturbar pensando em uma mulher. Sempre foram homens.*

Carol diz: *e vc já ficou com rapazes?*

Danny Zuko diz: *naum. Filho único, superprotegido. Naum saio de casa sozinho entaum as oportunidades realmente ficam mtooo limitadas.*

Carol diz: *seus pais não sabem de nada? E seus amigos?*

Danny Zuko diz: *naum. Quer dizer, acho q no fundo sempre sabem, mas abertamente naum. Sou o garoto hetero q vai casar e ter filhos. Só quem sabe saum meus amigos virtuais*

As falas de Danny atestam a utilização do *on-line* como local onde praticamente tudo pode ser dito, inclusive assuntos vetados no *off-line*. O *on-line*, por fornecer segurança, anonimato, proteção e o contato com pessoas em situação semelhantes, converteu-se no meio de jovens rapazes – dos quais Danny é apenas um exemplo – darem vazão a seus desejos e a construírem suas (homo) sexualidades de um modo diverso do *off-line*.

Em relação a “sair do armário” são valiosas as considerações de Sedwick (2007). A autora acredita existir uma *epistemologia do armário* e, desse modo, os armários continuariam existindo até mesmo para os mais assumidos. O “armário”, a “saída do armário” e o “assumir-se” se tornaram, para a autora, figuras representativas da homossexualidade, sendo que o “armário” é a *estrutura definidora da opressão gay no*

século XX (p.26). De acordo com ela, *assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro (p. 40).*

Assim, a *Eper* representa apenas uma pequena parte dessa “epistemologia do armário”. Aos que se assumem apenas no virtual (ou em locais determinados do *on-line*) resta conviver com variados outros armários tanto no *on-line* quanto no *off-line*.

O trecho acima foi retirado de minha primeira conversa com Danny. Em diálogos subseqüentes ele continuou a me contar sua história de vida, com ênfase em seu relacionamento com os pais, nas paixões proibidas por garotos do *off-line*, nos envolvimento afetivos com garotos do *on-line* e em suas aspirações profissionais. E, ao mesmo tempo, ao confiar na imagem construída por mim enquanto pesquisadora disposta a ouvir as narrativas (e com mais idade e vivências do que ele), sempre me fez muitas perguntas. Acredito que, de alguma maneira, para muitos destes rapazes me tornei uma “terapeuta” *on-line*, para quem eles, livres de julgamentos, podiam confessar todos os medos, dúvidas, problemas, tristezas, alegrias, inquietações.

É interessante notar que no ambiente privado das conversas, o fato de eu ser mulher foi, aparentemente, um dos fatores que facilitaram os contatos. Esta situação destoa das posturas de repúdio ocorridas na comunidade, onde as opiniões de uma mulher não eram vistas com bons olhos por uma parcela dos membros. Já nesses diálogos privados, minha opinião foi valorizada e até exigida em diversas oportunidades: fui chamada a opinar sobre tudo, desde problemas amorosos até dúvidas profissionais. Um bom exemplo disso, foram os contatos estabelecidos com Mar. Em conversas quase diárias, ele me contou grande parte de sua história e também suas paixões por membros da *Eper*. Em um desses diálogos, ele definiu o

funcionamento do *on-line* como um confessionário, ressaltando ser esta a única possibilidade, para muitos, de serem verdadeiros e sinceros:

Mar diz: na eper msm, eles falam tanto d pessoa ser fake, fingir ser outra, mas tem mtas msm que são mais verdadeiras na internet dq na realidade, pois no real mtos fingem ser outros p esconder o lance da homossexualidade. Vc acha que mtos dos meninos la falariam dakele jeito na real? Como eles realmente pensam perante os outros? Sabe falando até d gostos, coisas q curtem. Na internet eles podem colocar isso.

O ato de “se assumir” vem, para muitos deles, acompanhado do surgimento das primeiras relações de afeto por outros homens. Mas, muitas vezes, estas paixões e amores ficam restritas ao *on-line* já que um encontro *off-line* é inviável por diversos fatores: distância geográfica, falta de independência financeira, pais controladores, medo. Foi interessante notar, seguindo os relatos de alguns de meus informantes⁵⁵ que se apaixonaram através do *on-line*, como os laços de carinho se desenvolveram e como, na falta da presença física do outro, ocorreu uma corporificação do sujeito desejado.

Mar diz: oi. Td bem?

Carol diz: bem e vc?

Mar diz: ah bem. bem. bem. bem. bem. hahahaha

Carol diz: oq aconteceu?

Mar diz: só d eu falar a primeira letra vc já adivinha.

Carol diz: sim...mas oq rolou?

Mar diz: estávamos nos vendo entende hahaha. Ai mto fofo ele hehehehe. Bobo eu.

Carol diz: vendo como?

⁵⁵ Todas as narrativas do surgimento de paixões virtuais vieram dos membros mais jovens (entre 16 e 25 anos) da *Eper*: Mar, Danny Zukko, Together, Dedé.

Mar diz: *cam. Ai meu deus! Super carinhoso ele hehee. Uma paixão msm ele. Alguém assim q vc tem q conhecer entende. Simplesmente lindo. Ai carol...coisas da vida,né. Mas esses momentos são maravilhosos, msm q pela net. Nos faz sentir bem. não é ruim.*

Carol diz: *vc acha q isto q vc sente é paixão? Msm nunca tendo se encontrado com ele?*

Mar diz: *ah sabe acho q sim. Já cheguei a sonhar com ele varias vzs.*

Carol diz: *vc não acha isso estranho? Passar a ter sentimentos por alguém via net.*

Mar diz: *ah é um poko, mas acontece. Ai Carol. Só sei d uma coisa. Agora ta sendo ótimo. Não tem dq arrepender. Não estamos decidindo nada sério, apenas conversando numa boa. Super educado ele. (conversa com Mar em 5 de agosto de 2007)*

O diálogo acima mostra a empolgação de Mar com um rapaz da *Eper* e uma das etapas da relação desenvolvida entre os dois. Para quem, até então, apenas conversava por *messenger* (por textos), ver o outro na câmera (*cam*) representou um salto considerável no relacionamento. É como se o outro fosse aos poucos ganhando uma feição, um jeito, uma maneira de se portar, um corpo. Slater (1998) chama este processo de *progressive embodiment*⁵⁶, no qual, o outro vai, aos poucos, sendo corporificado. E esta corporificação segue um roteiro (de ordem variável): ver fotos, falar pelo telefone (ou em algum programa que permita recursos de voz), pedir o endereço, ver na câmera e, em certos casos, encontrar no *off-line*.

⁵⁶ De acordo com o Slater o “*embodiment* progressivo” poderia ser resumido na frase *To put flesh in the text* (p. 114). Com isto ele quer dizer que os contatos, até então baseados predominantemente em textos, vão ganhando consistência e estes textos adquirem “carne”, símbolo de materialidade.

Confissões: fantasias, fetiches, desejos

Em outro sentido, o que os membros da *Eper* (e de muitas outras comunidades) fazem, de certo modo, é criarem um discurso confessional sobre o sexo, suas fantasias e práticas. Só que agora através de um veículo de comunicação e interação que permite uma série de construções diversas e rápidas de identidades, sexualidades e discursos. O ato de criação dos chamados *fakes* e *masks* no Orkut, por exemplo, obedece a esta lógica: através destes personagens e máscaras, pessoas confessam fantasias, práticas, pensamentos, desejos.

O *on-line* é, assim, veículo de transmissão e criação de fantasias. Tudo o que a imaginação pode conceber, tem a possibilidade de ser, pelo menos em teoria, materializado e mostrado ali. Por isso, talvez seja um dos modos mais eficazes para a construção de convenções do que seriam segredos, daquilo que é vetado em uma situação *off-line*, de pensamentos, fetiches, desejos e fantasias. Alguns pontos conferem ao mundo *on-line* certas vantagens como confessionário: rapidez, praticidade e anonimato. Uma boa figura que definiria esta possibilidade de anonimato criada pelo ciberespaço é a utilizada por Mike Featherstone (2000): o internauta é uma espécie de *flâneur virtual*, alguém que se locomove, navega neste espaço no meio de tantos outros que estão na mesma condição de anônimos.

Em relação ao ato confessional em si, Foucault (2003) tece algumas considerações importantes. Em *História da Sexualidade- A vontade de saber*, ao falar dos vitorianos, ele mostra a maneira contida com que se tratava a sexualidade, sendo que muitas das práticas sexuais eram deixadas no âmbito do segredo, do decoro. O sexo era interdito desde a infância, através de atos e palavras, e o prazer, reprimido.

Isto acarretou a proliferação de discursos clandestinos sobre o sexo. Passou a existir uma necessidade institucionalizada de confissão, de estabelecer um discurso sobre o sexo, sendo importantes neste processo o confessionário da igreja e o consultório do psicanalista. Neste processo de controle dos discursos, criou-se uma normatização da sexualidade. Esta normatização envolveu a proliferação dos discursos sobre o sexo nos campos de exercício do poder. No processo confessional, tudo deveria ser contado em detalhes, sendo o próprio desejo colocado em forma discursiva. De acordo com Foucault, *há uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa*. Assim, o sexo - apesar de ser tratado como segredo - não fora condenado à obscuridade, mas sim, houve um processo difundido de incitação a se falar sobre ele.

Nesse sentido, utilizar o *on-line* para contar segredos pode não ser tão inovador ou libertário, quanto uma primeira visão pode sugerir. O confessionário *on-line* passa a ser mais uma das modalidades de criação de convenções e normatividades sobre as sexualidades⁵⁷.

Outra questão fundamental para compreender a utilização do virtual como confessionário é a geração de um tipo específico de intimidade. Milne (2007) acredita que a intimidade no *on-line* é gerada a partir do que ela chama de “fantasias de presença”. Assim, na falta corpórea e material do outro, diversos mecanismos – a

⁵⁷ Coloca-se também como uma necessidade pensar a maneira como o erotismo é construído e vivenciado no *on-line*. A tradição de estudos sobre erotismo tem como marco o trabalho de Bataille, o qual o entende como transgressão das convenções morais. Deste modo, o erotismo é uma articulação entre prazer erótico, liberdade e transgressão. Trabalhos mais recentes, como o de Gregori (2006) e Braz, (2007) propõem-se a desconstruir a idéia de erotismo a partir da crítica à concepção de Bataille, especialmente no que diz respeito à manutenção, em suas formulações, do dualismo atitude masculina/ativa e atitude feminina/passiva. Em relação ao erotismo *on-line*, Le Breton (2004) entende a sexualidade cibernética como construída a partir de um *erotismo sem corpo*. De acordo com ele, as novas tecnologias provocam rupturas nas maneiras de vivência das sexualidades, visto que a presença carnal deixa de ser necessária. É possível experimentar o corpo do outro à distância, sem tocá-lo, a partir apenas de simulações sensoriais e do sexo convertido em texto. Assim, o erotismo deixa de ser desnudamento frente ao outro e se converte em textualidade e experimentação.

montagem dos avatares entre eles – simulam sua presença. Mas esta presença é, de certo modo, incerta e fantasiada, já que nunca se sabe exatamente quem está do outro lado da tela.

A intenção neste texto é, partindo a constatação de que a internet se converteu em um “confessionário virtual”, mostrar que fantasias, fetiches e falas sobre o sexo circulam dentro da comunidade. E isto não apenas a partir de tópicos em que o assunto é deliberadamente discutido, mas também por meio das provocações entre os membros, bastante ilustrativas em um tópico famoso na comunidade (ele sempre está na página inicial e contém um número elevado de postagens) chamado “Tópico Non-sense”. Considero-o tópico revelador na medida em que é o único onde todos estão autorizados a postar o que vier à mente.

O tópico “Non-sense” é o tópico com mais postagens dentro da comunidade (aproximadamente 40 mil) e possui algumas peculiaridades. É possível encontrar textos sobre todos os tipos de assuntos – desde dúvidas de informática, passando por postagem de vídeos e músicas, até sexo, pornografia e desejos. Além disso, em muitos momentos, ele se transforma em um bate-papo (*chat*) entre os membros, com provocações e incitações ao ato sexual. Apesar de seu título sugerir uma total falta de sentido, o “Non-sense” é um termômetro do que acontece na comunidade em cada momento, visto que é o único tópico onde praticamente tudo pode ser dito, especialmente os assuntos vetados em outras discussões: auto-promoção, propagandas, pensamentos soltos, provocações a outros membros.

O sentido do “non-sense” é tentar sair da rigidez encontrada em outros tópicos, ao permitir que os debates sejam feitos sem tanto controle da moderação, até mesmo pela elevada quantidade de postagens. Até onde pude perceber o tópico foi aberto em

um contexto mais “repressor”, em que muitos membros foram expulsos por não seguirem as diretrizes propostas para as discussões. Criar um espaço mais “livre” foi, então, uma saída para evitar as expulsões e as medidas da antiga moderação. Assim, as opiniões não manifestas em tópicos específicos acabam sendo postadas no “Non-sense” e debatidas ali de outro modo⁵⁸. Abaixo um exemplo de diálogo “non-sense”(que contou inclusive com fotos dos pênis de alguns dos participantes):

Williams: *Eu não sei fazer sexo virtual... Uma vez eu já me exibi com uma pessoa me chupando na web cam....Mas é algo bem... ãh...Chato.*

Gatinho: *Nossa, Williams! O seu deve ser grotesco de grande!*

Colin: *Eu já fiz...Tem vez que é bom...*

Anônimo: *Williams, tem um site que é tipo uma sala de bate-papo e vc pode tc com outras pessoas que estão na cam.*

Colin: *miveja.net. esse mesmo... antigamente todo mundo lá aparecia na web e ficava na maior putaria... Agora só entra BBB e os exibidos ficam acanhados de se mostrar...*

Carol: *só tem graça fazer sexo virtual se tiver webcam?*

Colin: *não necessariamente....eu fazia com um carinha que não tinha...e só eu me mostrava (nossa...que pervertido eu!) e a gente se divertia...Mas a gente usava o microfone....Sexo virtual só de digitação não existe!*

Gatinho: *Nossa, Colin! Você também consegue praticar autofelação?*

Colin: *Não Gatinho...quem me dera eu conseguisse...invejo os cachorros que vira e mexe se jogam no chão e dão aquela lambida....*

Williams: *Gatinho, meu pau não é grande... Já coloquei o link pra ele, a foto está no disponível.... Ah, eu não tenho saco pra acompanhar gente se exibindo na cam... Antigamente*

⁵⁸ As postagens feitas ali apresentam menos rigidez de forma e conteúdo. Falar em miguxês, tiopês ou com um texto carregado de “gírias gays” por exemplo, é prática bastante utilizada no “Non-sense”.

me dava tesão, hoje me dia me dá tédio. Outro dia estava no fone com uma amiga, e ela estava com um cara na cam...Ela comigo falando bobagem, se palhaçando e tirando print da cam do cara, e o cara se punhetando. Kkkk

Gatinho: Quero ver, não! Rsss. Vi o do Mister e fiquei chocado!

Colin: Gatinho, não gosta de pica? A do Mister é ótima!

Carol: Gente.... Todos vcs já se viram?

Gatinho: Ai, não é isso! É que é estranho ver as vergonhas dos meus amiguinhos! Hashahahahaha! Eu sou a bicha que tem medo dos genitais masculinos alheios! Rssss

Williams: Ainda não vi ninguém da comunidade pessoalmente....

Colin: Fico com vergonha não....fico aceso! A segunda “desvergonha” do Mister era melhor ainda;;;;; hauhauhauhauhau. Eu tenho uma minha também...mas perto do Mister é leesho....querem ver?

Gatinho: Mas Williams, tu não és passivete? Para quê mostrar um bilu?

Williams: Gatinho, quem foi que disse que eu sou só passivo? E se eu fosse, eu deveria esquecer que tenho pinto? (postagens em 03 de agosto de 2007)

Nestas postagens eles debatem a prática de sexo virtual, contando suas experiências. Há desde os que afirmam praticar e gostar (Colin), o que pratica, mas não gosta tanto (Williams) e o não-praticante (Gatinho) que até se assusta com o narrado pelos outros. Logo depois, Colin e Williams mandaram *links* para as fotos de seus pênis (após algumas ressalvas iniciais de ficarem envergonhados com minha presença), o que causou uma série de reações de espanto de Gatinho, não tão acostumado com os códigos e convenções utilizados em diálogos sexuais *on-line*. Isto fica claro até pelo vocabulário utilizado por ele: enquanto Williams e Colin falam em “pau” e “pinto”, Gatinho utiliza “vergonhas”, “genitais masculinos” e “bilu”. De certo modo, este diálogo

se baseia em provocações, sendo que mostrar o pênis faz parte de um processo de incitação aos desejos dos outros participantes da conversa e funciona também como propaganda de si, seus “dotes” e possibilidades de satisfação dos desejos. A meu ver, há uma reiteração da faceta voyeurística do *on-line*, sendo que é importante, para o estabelecimento de relações, ver e ser visto/mostrar-se. Na impossibilidade da presença física, este mercado *on-line* dos desejos só pode funcionar através de incitações ⁵⁹à imaginação, evocação de sensações corpóreas e corporificações eventuais em que partes do corpo (pênis e ânus, especialmente) são mostradas.

Outros exemplos de diálogos podem ser encontrados no “Non-sense”. Transcrevo abaixo uma parte do tópico em que eles debatem suas práticas sexuais preferidas e os locais e momentos ideais para que ocorra o ato sexual:

Mino: *Praia tem muita areia, se não rolar uma canga é transa a milanesa!!!*

Small: *Poxa, Gá, não tem coisa melhor que isso. Os melhores momentos de minha vida foram bem simples, com pessoas muito queridas. As coisas valem o valor que você dá a elas.*

Gá: *kkkkkkkkkk. Meu deus!!! O negocio deve ser pegada forte e que se foda quem estiver vendo!! Eu sou mais de boa, sou mais reservado!! Entre quatro paredes está de bom tamanho pra mim.*

Mino: *Nossa, lembrei agora de uma foda que foi louca....em um ônibus que toda noite fica estacionado na rua de um amigo....foi dentro do bagageiro!!! Caraca, como eu sou pervertido!*

Small: *Eu sou mais de boa, sou mais reservado!! Entre quatro paredes está de bom tamanho pra mim [2]. Mas de vez em quando, num lugar bem deserto....é legal! Huhuhuhuhuh*

Dog: *porra na boca quem gosta?*

⁵⁹ Slater (1998) nomeia este processo de *fantasy game-playing culture* (p. 97/98)

Small: *Não gosto de fazer coisas em locais assim, que todo mundo pode ver. Acho desrespeito com os outros e falta de respeito comigo mesmo e com o outro. Não digo nada numa praia deserta, de madrugada...numa montanha....*

Mino: *Na verdade Small, acho q isso me dá até um pouco mais de tesão, não deixar ser visto, mas correr o risco, entende?*

Também neste trecho foram feitas diversas confissões, envolvendo práticas e ações ocorridas no *off-line*. Em todas as postagens, eles contam aquilo que preferem durante o ato sexual e até mesmo experiências passadas. Mino se recorda de uma cena que considera subversiva e chama a si mesmo de perverso. Já Small, em um discurso um tanto moralista, condena as práticas sexuais em público, defendendo que o sexo aconteça em locais íntimos, “desertos”.

Slater (1998), ao analisar a troca de imagens eróticas no IRC (Internet Relay Chat) alertava para o convencionalismo das imagens trocadas: a grande maioria se enquadrava em um padrão heterossexual de pornografia e representavam atos sexuais, fetiches e tipos corporais padronizados. Do mesmo modo, nos discursos sobre o sexo adotados na *Eper*, por detrás de uma pretensa subversão, o que as falas reiteram é a convencionalidade, com a narrativa de práticas que não representam transgressões. Todos os atos sexuais narrados se incluem num repertório de práticas sexuais, que incluem o “sexo entre quatro paredes”, o “sexo na praia”, o “sexo em locais públicos”. É um sexo que segue um script, seja em suas manifestações *on-line* (o sexo virtual) ou naquelas narradas como ações do *off-line*.

Se há algo de novo nas convencionalidades do *on-line* é permitir que as práticas sexuais possam ser feitas sem o contato físico com o outro. E, para que isso ocorra,

são mobilizados os recursos possíveis em cada momento para corporificar as partes envolvidas, por meio de imagens (estáticas ou em movimento) e de descrições. Nesse momento também, as convenções retornam, mostrando que as possibilidades inventivas do virtual acabam, também elas, recaindo em padrões: de corpos, de atos, de discursos, de nomenclaturas.

Considerações finais

Ao iniciar essa pesquisa, objetivos eram outros. Mas, pela ação de acasos e imponderáveis, acabei “descobrimo” a *Eper* e me inserindo no grupo. Não que este processo de diálogo tenha sido fácil, como mostrei no capítulo 2. Como todos os inícios, fui a campo orientada por uma visão um tanto idealizada do virtual, esperando encontrar ali uma série de práticas subversivas, radicais e novas. Mas, para quem buscava novidades, acabei encontrando convenções e são elas que permeiam todas as reflexões empreendidas e também a construção do texto

Ao delimitar meu campo de estudo se impôs também uma preocupação com a metodologia: a idéia de realizar uma etnografia da realidade virtual trouxe uma série de impasses, visto que não se trata de um campo comumente estudado e que, além disso, desloca muitas de nossas categorias, a começar por aquelas relativas a espaços e territórios. Falar destas novas tecnologias de comunicação e das realidades por elas produzidas requer todo um posicionamento metodológico o qual visa exatamente conferir legitimidade a um trabalho de campo que rompe com a regra primordial da prática empírica: não se tratam mais de contatos face a face, mas de relações mediadas por um meio físico- o computador.

Dessa forma, propus, a partir do traçado dos desenvolvimentos da prática etnográfica (prática empírica e texto dela resultante), buscar o local do *on-line* nas pesquisas realizadas em antropologia. E, neste processo, foi fundamental questionar, já de início, o significado dos termos *off-line* e *on-line*.

Acredito que um dos méritos dessa pesquisa foi mostrar que, por mais que seja considerado por muitos um espaço revolucionário, o *on-line* carrega consigo diversas

marcas, convenções e padrões. Não apenas no âmbito das sexualidades, como apresentado no capítulo 5, mas também na construção das identidades, como atestam os *masks* e *fakes*, ou mesmo nas questões de gênero, como ficou claro a partir de minha inserção, enquanto mulher, em uma comunidade de homens.

No âmbito das identidades, o que a experiência empírica mostrou foi a criação no virtual de avatares que tensionam a relação entre *on-line* e *off-line*. Essa descoberta corrobora a iniciativa empreendida no capítulo 2 de propor não mais uma separação rígida entre esses dois pólos, mas sim, a existência de diversas linhas de comunicação e diálogo entre eles. Assim, *on-line* e *off-line* são espaços contextuais e contingentes e, ao mesmo tempo, em que podem estar separados (como tradicionalmente se pensou), chegam a se confundir.

Essas tensões são ainda mais amplas e mobilizam conceitos como os de realidade e autenticidade. Apesar das inúmeras possibilidades oferecidas pelo virtual, em muitos momentos, o que pôde ser notado entre os membros da *Eper* foi a busca pelas realidades, por extravasar a tela do computador e sair dos “quadrinhos”, buscando encontrar as pessoas por detrás dos avatares. Nesse processo, o conceito de autenticidade se mostrou estratégico, visto que ainda persiste uma associação entre virtual e inventado e real e autêntico.

Meu objetivo nesta dissertação foi trazer, mais do que respostas, questões e hipóteses a partir da enorme quantidade de dados etnográficos recolhidos durante a pesquisa de campo. O material etnográfico aqui apresentado prima pela variedade: trechos do meu diário de campo, postagens no fórum da comunidade, conversas via *messenger*, depoimentos no Orkut, diálogos com membros que encontrei fora da

internet. Por meio de um texto-colagem, apresentei uns poucos momentos desta incursão empírica, mas que trazem importantes pontos para reflexão.

De todo modo, ainda que sem muitas pretensões, esta dissertação trouxe pontos importantes para serem pensados. Se o objetivo maior da pesquisa desenvolvida foi pensar a respeito das sexualidades e da influência do *on-line* em sua construção, acredito ter iniciado a armação de parte do pano de fundo empírico e teórico na busca do entendimento das novas (ou não tão novas assim) corporalidades e das tensões e limites a que estas (homo) sexualidades encontradas na Eper estão sujeitas. Os pontos apontados acima talvez ajudem a explicar de que modo as sexualidades são percebidas e vivenciadas neste “pontocom” (.com) – tomado como índice do virtual - , além de permitir pensar a articulação entre os estudos sobre sexualidades e aqueles sobre questões espaciais, especialmente os que tratam do ciberespaço

Anexo 1

O Orkut.com:



A Eper:

orkut - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Google

HotMail gratuito Personalizar links Windows Media Windows

Google Pesquisa PageRank Verificar Inscrever Opções

Gmail - Caixa de entrada (6) orkut - Heroes - Segunda Temporada Stanford Humanities Center ...

EPER

(4.266 membros)

deixar
convidar amigos

fórum
enquetes
eventos
membros
denunciar abuso

Início > Comunidades >

descrição: **TUDO sobre o universo MASCULINO**
Sexo, saúde, política, economia, religião, filosofia, intimidade, educação, esporte, relacionamentos, moda, comportamento, música, cinema, TV

DIRETRIZES:
1. Entrada FRANCA: evite fotos pornográficas de perfil
2. Comunidade AUTO-REGULADA: cada membro é responsável direto pelo conteúdo de suas postagens, sendo passível das mais diversas opiniões por quaisquer membros
3. Não serão permitidos comportamentos ou atos que ponham em risco a segurança da comunidade como um todo ou de qualquer de seus membros
4. Jogos serão submetidos a análise da moderação
5. Pedofilia, racismo, homofobia e atividades ilegais não serão permitidos, em acordo com o Estatuto do Orkut
6. Evite tópicos de auto-promoção e de propagandas diversas
7. Divulgar evento? Utilize a sessão EVENTOS.
8. Situações não contempladas nas diretrizes serão cuidadosamente analisadas pela moderação, mediante solicitação do(s) membro(s)
Baseado no Estatuto e Termos de Uso do Orkut

idioma: **Português**
categoria: Gays, Lésbicas e Bi
dono:
moderadores: , Carol
tipo: moderada

membros (4266)

comunidades relacionadas

Concluído

orkut - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Google

HotMail gratuito Personalizar links Windows Media Windows

Google Pesquisa PageRank Verificar Inscrever Opções

Gmail - Caixa de entrada (6) orkut - Heroes - Segunda Temporada Stanford Humanities Center ...

tipo: moderada
fórum: não-anônimo
local: Brasil
criado em: 13 de setembro de 2004 23:56
membros: 4.266

fórum

tópico	postagens	última postagem
☐ Agente so falta se beijar, mas Medo de ariscar.	54	21/11/07
☐ Eper moderada	4	21/11/07
☐ VOLTEI FINALMENTE!!!!	24	21/11/07
☐ SP: clube Bubu fechado pela prefeitura	4	21/11/07
☐ Livros e filmes de terror gay.	6	21/11/07

[ver todos os tópicos](#) [novo tópico](#) [denunciar spam](#)

eventos

título	local	quando
Rodrigo e Tiago, gays da Novela Paraíso Tropical	Brasil	em 5 semanas
comunidade praia gls	praia	em 5 semanas
MASSAGEM PARA HOMENS SP	SP/SP	em 5 semanas
HOMENS	RIO DE JANEIRO	em 5 semanas
!!! homens pelados !!!	cmm=25869042	em 1 ano

Concluído

orkut - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Google

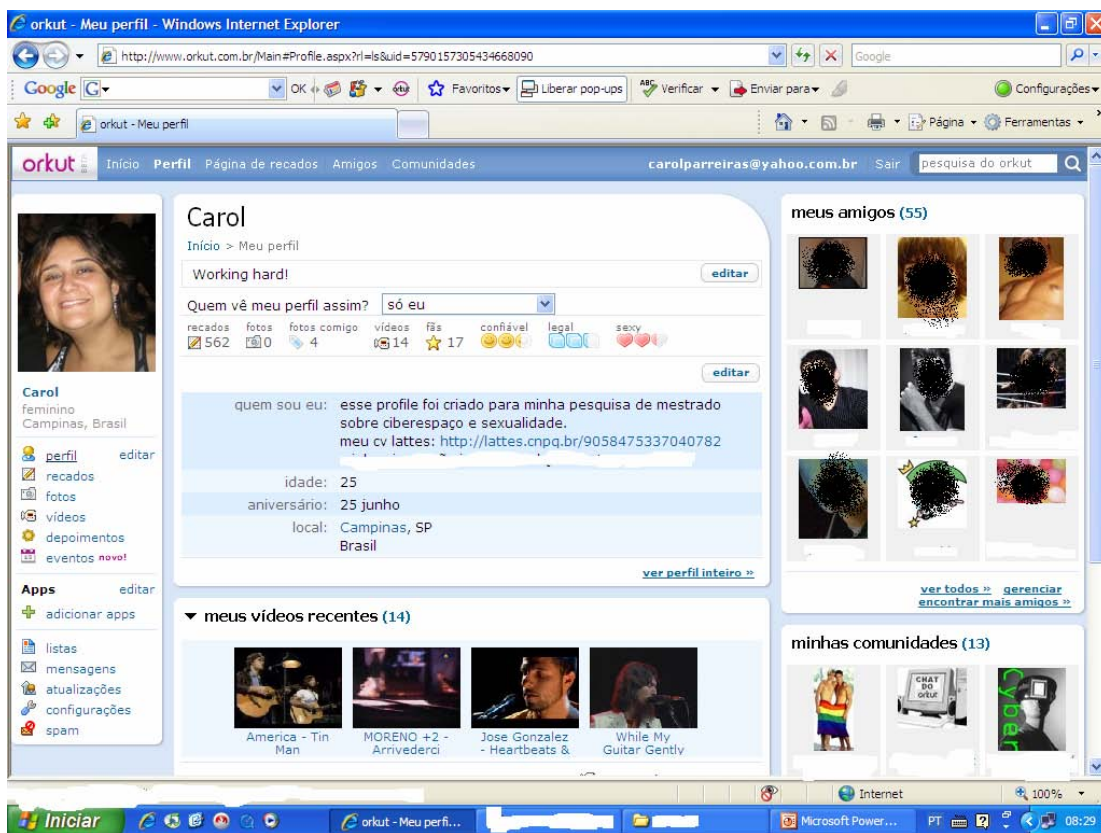
HotMail gratuito Personalizar links Windows Media Windows

Google Pesquisa PageRank Verificar Inscrever Opções

Gmail - Caixa de entrada (6) orkut - Heroes - Segunda Temporada Stanford Humanities Center ...

Concluído

Meu Avatar:



Anexo 2

Glossário

Aih: “aí” escrito no linguajar da internet.

Aki: “aqui” escrito no linguajar da internet.

Avatar: corpo virtual

Beeshas: bichas.

Blog: diário virtual

Bukake: prática sexual em que uma pessoa é ejaculada por vários homens ao mesmo tempo.

Chaser: caçador; admirador de homens homossexuais caracterizados como “ursos”.

Chat: bate-papo virtual.

CMC: comunicação mediada por computador.

Comu: abreviatura de comunidade.

Cyberpunk: tipo de literatura futurista e de ficção científica.

Eh: modo de escrever “é” no linguajar da internet.

Emoticons: ícones que demonstram emoções nos diálogos via internet.

Fisting: prática sexual em que a penetração é feita pela inserção do punho.

Flog/fotolog: diário virtual de fotos

Hacker/cyber-cowboy: indivíduos que criam e modificam softwares e hardwares de computadores.

Homepage: página/site pessoal

Layout: modo de apresentação das páginas e sites na internet.

Messenger: comunicador instantâneo

Msm: “mesmo” escrito no linguajar da internet.

Mto/mta/mtos/mtas: “muito” e suas variações escritos no linguajar da internet.

Neh: “né” escrito no linguajar da internet.

Non/naum: “não” escrito no linguajar da internet.

Oq: “o que” escrito no linguajar da internet.

PC: personal computer; computador pessoal.

Pq: “porque” escrito no linguajar da internet.

Profile: termo utilizado no Orkut e que faz menção ao avatar dentro deste programa; perfil.

Q: “que” escrito no linguajar da internet.

Qlqr: “qualquer” escrito no linguajar da internet.

Rs: “risos” no linguajar da internet.

Saum: “são” no linguajar da internet.

Scrap: recados deixados no Orkut.

Scrapbook: livro de recados do Orkut.

Soh: “só” escrito no linguajar da internet.

Tb/tbm: “também” escrito no linguajar da internet.

Td: “tudo” escrito no linguajar da internet.

Testimonial: no orkut, faz referência aos depoimentos recebidos e escritos pelos usuários.

Vc/vcs: “você” e “vocês” escritos no linguajar da internet.

Vzs: “vezes” no linguajar da internet.

Referências bibliográficas

- ARANTES, Antônio Augusto (org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.
- ARAÚJO, Daniela Ferreira. Do outro lado do espelho: anorexia e bulimia para além da imagem – uma etnografia virtual. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do IFCH, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- BALDWIN, Beth & FLOOD, Tim. Introduction: The rethorical Dimensions Fo Cyberspace. Rhetnet. 1997. [on-line] <HTTP://wac.colostate.edu/rhetnet/rdc/edintro.html>
- BARNES, J. A. "Redes Sociais e processos políticos" In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas- métodos*. São Paulo: Global, 1987.
- BARREIRA, Carolina Roxo. *Corpos Virtuais - representações do corpo nos Web-chats*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da FFLCH, Universidade de São Paulo, 2004.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*, tradução de Antônio Carlos Viana, Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BELL, Diane (org.). *Gendered Fields: women, men and ethnography*. London/ New York: Routlegde, 1993.
- BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: *Charles Baudelaire - Um lírico no auge do capitalismo*, tradução de J.C.M. Barbosa e H.A. Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*, tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: *Cadernos Pagu*. 2006, no. 26, pp. 329-376.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. "Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo". In: *Cadernos Pagu* [online]. 2007, no. 28 [citado 2008-02-08], pp. 175-206. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000100009&lng=pt&nrm=iso>.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade, tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". In. *Cadernos Pagu*, 1998, no.11, pp.11-42.

CALDEIRA, Teresa. Antropologia e poder. In: *BIB*, n. 27, São Paulo: Vértice/Anpocs, 1989.

_____. CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n.21, p.133-157, jul. 1988.

CARRARA, Sérgio & SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *Cadernos Pagu*, 2007, no. 28, pp. 65-99.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*, tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica- Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

_____. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

_____. *On the edges of anthropology*. Chicago: Prickly Paradgm Press, 2003.

CSORDAS, Thomas J. "Introduction: the body as representation and being-in-the-world". In: *Embodiment and experience – The existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e Os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESCOBAR, Arturo. Welcome to Cyberia: notes on the anthropology of cyberculture. *Current Anthropology*, vol. 35, nº3, 1994, p. 211-231.

FABIAN, Johannes (1983) *Time and the Other: How Anthropology Makes Its Object*. Nova York: Columbia University Press.

FACCHINI, Regina. "Sopa de Letrinhas?" Movimento homossexual e produção de identidades nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Universidade Estadual de Campinas, 2002. 240p. Tese de mestrado apresentada no Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

FEATHERSTONE, Mike. "O flâneur, a cidade e a vida pública virtual". In: ARANTES, Antônio Augusto. *O Espaço da Diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

FEATHERSTONE & BURROWS, Roger (ed). *Cyberspace, Cyberbodies, Cyberpunk*. London: Sage, 2000.

- FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global: 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1-A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 15ª edição, 2003.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver: Identidade e Política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 87-115.
- _____. Prefácio. In: PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.11-15.
- _____. Prefácio. In: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990, p. 11-15.
- _____. Prefácio. In: GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999, p. 9-15.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GELLNER, Ernest. *Antropologia e política*. Revoluções no Bosque Sagrado, tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- GIBSON, William. *Neuromancer*, tradução de Alex Antunes. São Paulo: Aleph, 2003.
- GRAHAM, Stephen & MARVIN, Simon. *Telecommunications and the city*. Londres: Routledge, 1997.
- GREEN, James, TRINDADE, Ronaldo (org). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.
- _____. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. Da Unesp, 1999.
- GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary & TREICHLER, Paula (ed). *Cultural Studies*. New York: Routledge, 1992.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- GUIMARÃES JR, Mário L. "De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no

cotidiano de um grupo social *on-line*". In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, nº21, p.123-154, jan/jun. 2004.

_____. *Vivendo no Palace*: etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

_____. O ciberespaço como cenário para as ciências sociais. *Ilha. Revista de Antropologia*, Florianópolis, v.2, n.1, p.139-153, 2000.

GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. "Mais além da 'cultura': espaço, identidade e política da diferença". In: ARANTES, Antônio Augusto (org). *O Espaço da Diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

_____. *Culture, power, place*. Explorations in critical anthropology. Durham/London: Duke University Press, 1997.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, nº20, 2003, p. 87-120.

_____. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia da USP*, 2008, no prelo.

_____. Prazer e perigo: o erotismo politicamente correto. 2008, no prelo.

HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural*. Campinas: Textos Didáticos IFCH, 3ª ed., 2003.

HARAWAY, Donna. *Modest Witness@Second_Millennium.FemaleMan@_Meets_Oncomouse™*. New York: Routledge, 1997.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2006.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. Londres: Sage Publications, 2001.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*. A lógica cultural do capitalismo tardio, tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.

LEVINE, Martin. Gay Guetto. In: *Gay Men*. New York: Harper & Row Publishers, 1979, p.182-204.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2005, 2ª edição.

- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da Abertura*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 169-208.
- _____. *Sobre o Nomadismo- vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Objeto, método e alcance dessa pesquisa*. In: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Coleção os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1976.
- MARCUS, George (ed). *Critical Anthropology Now: unexpected contexts, shifting constituencies, changing agendas*. Santa Fe: School of American Research Press, 1999.
- MARCUS, George & CLIFFORD, James. *Writing Culture*. The poetics and politics of Ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.
- MARSHALL, Jonathan. Gender in online worlds: an introduction. *Transforming Cultures & Journal*, vol.2, nº2, 2007.
- _____. The mobilisation of race and gender on an internet mailing list. *Transforming Cultures & Journal*, vol.2, nº2, 2007.
- MELLO, Luiz. *Novas Famílias- Conjugalidade Homossexual no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MILLER, D & SLATER, D. Etnografia on e off-line: cybercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, nº21, p.41-65, jan/jun. 2004.
- MILNE, Esther. Dragging her dirty all over the net”: presence, intimacy, materiality. *Transforming Cultures & Journal*, vol.2, nº2, 2007.
- MISKOLCI, Richard. Comentário. In: *Cadernos Pagu*, 2007, no. 28, pp. 55-63.
- PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- PARREIRAS, Carolina & BRAZ, Camilo Albuquerque. “Mas você é gay também?”- algumas reflexões sobre nossas subjetividades e corpos em campo. Florianópolis: Fazendo Gênero 8, 2008.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- _____. Territórios Marginais. In: GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo*. São Paulo, Unesp, 2005.
- PISCITELLI, A., GREGORI, M. & CARRARA, S. *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- PRATT, Mary Louise. "Fieldwork in common places. In: CLIFFORD, James & MARCUS, George (eds). *Writing Culture*. The poetics and politics of Ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.
- PRICE, Richard. *First-time: the historical vision of an Afro-American people*. Baltimore/London: J. Hopkins University Press, 1983.
- RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*, tradução de João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- ROSALDO, Renato. *Ilongot Headhunting: 1883-1974: a study in society and history*. Stanford: Stanford University, 1980.
- ROBINS, Kevin. "Cyberspace and the world we live in". In: FEATHERSTONE & BURROWS, Roger (ed). *Cyberspace, Cyberbodies, Cyberpunk*. London: Sage, 2000.
- SEDWICK, Eve. A epistemologia do armário. In: Cadernos Pagu, 2007, no.28, pp.19-54.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- SIMÕES, Júlio & FRANÇA, Isadora Lins. Do "gueto" ao mercado. In: GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2005.
- STOCKING, George W. *Observers Observed: essays on ethnographic fieldwork*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1983.
- _____. *Victorian Anthropology*. New York: The Free Press, 1991.
- Strathern, Marilyn. The Persuasive Fictions of Anthropology. In: Current Anthropology, 1987, vol.28, no.3.
- TAUSSIG, Michael. *Mimesis and alterity: a particular history of the senses*. New York: Routledge, 1993.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade*. São Paulo: M. Limonad, 1986.
- TURKLE, Sherry. *Life on the screen*. Identity in the Age of the Internet. London: Orion, 1996.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. São Paulo: Editora 34, 2005.

ZUKIN, Sharon. "Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder." In: ARANTES, Antônio Augusto. *O Espaço da Diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

WACQUANT, Loïc. Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano. *Mana- estudos de antropologia social*. Rio de Janeiro, vol 2, nº2, 1996, p.144-160.

_____. *Corpo e alma*. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

Sites consultados

Disponível.com: www.disponivel.com

Folha de São Paulo: www.folha.com.br

Google: www.google.com

ManHunt: www.manhunt.net

MixBrasil: www.mixbrasil.com

Orkut: www.orkut.com